



Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação

Teresa Manuela Pires Rodrigues

Histórias de Vida

Lisboa, Novembro de 1999

ERRATA

Na Ficha Técnica, onde se lê *Colecção: Guiões Técnicos, Nº15* deve ler-se *Colecção: Documentos Temáticos, Nº15*

Das páginas 35 a 58, as palavras *ia, iam, queria* e *gostaria* aparecem, por vezes, incorrectamente acentuadas. Alertamos os leitores para o lapso, do qual pedimos desculpas.

Autor:

Teresa Manuela Pires Rodrigues

Editor:

Direcção-Geral da Acção Social
Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação

Colecção:

Guiões Técnicos, Nº 15

Plano gráfico e capa:

David de Carvalho

Impressão:

Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, Lda.

Tiragem:

500 exemplares

Novembro/1999

ISBN 972 - 98706 - 1 - 6

Depósito Legal nº 166127/01

***Dedico e agradeço aos Jovens
que aceitaram abrir-me a porta, permitindo-me esta caminhada***

Agradecimentos

A realização dum ideia-esboço em “Histórias de Vida”, esta aventura-aprendizagem só foi possível graças à receptividade, ao apoio, ao incentivo de pessoas e instituições interligadas por afinidades e objectivos comuns.

Gostaria de frisar o estímulo e o acolhimento demonstrado pela Direcção-Geral da Acção Social (DGAS) para a concretização deste trabalho, nomeadamente pelo Serviço de Investigação e Análise Social (SIAS), dirigido pela Dra. Lurdes Quaresma.

Agradeço a especial colaboração da Prof Isabel Guerra, da Dra Teresa Costa Pinto pela orientação, aconselhamento teórico e metodológico.

Esta caminhada também não seria possível sem o interesse, a adesão e a participação da Stª Casa de Misericórdia de Lisboa e dos técnicos das CLAS. Grata ainda às sociólogas Carla Rosa e Augusta Curto pela troca de ideias estabelecida no início deste projecto.

Capítulo 1 - Introdução	9
I - Sociedade e Acção Social	9
II - Quadro Teórico e Enquadramento Metodológico	14
Anexo	
Distribuição das Freguesias de Lisboa pelas CLAS	23
Guião de Entrevista	25
Capítulo 2 - Apresentação de Resultados	27
I - A Singularidade	27
II - As Regularidades	76
Capítulo 3 - Conclusão	97
Notas	103
Bibliografia	105

I
Eu sou uma história.

II
Eu sou uma história de alguém.

III
Alguém de quem eu sou uma história é a história que eu sou. Eu sou alguém que é uma história.

IV
Eu não conto. Eu sou contado. Enquanto sou contado, conta-se o que há a contar.

V
Contado. Não repetido.

VI
Butterfly e Crosscurrent e I Want to be Happy e Night and Day.

VII
A história é uma história que sucede. Que sempre sucedeu. Que sucederá e não acabará de suceder.

VIII
Uma história que acabou não é uma história. Uma história que ainda não começou ainda não começou.

IX
Estrelas e bater de horas e pés que caminham e vozes que falam.

X
Foi ontem. Foi ontem? Ou não será só amanhã? Depois de amanhã? Ou hoje?

XI
O que sucede na história é o acontecimento da história. O acontecimento da história acontece.

XII
O acontecimento da história não é interrompível. A história é o acontecimento não interrompível.

XIII
Eu não sei. Eu esqueço. Eu recordo. Eu experimento. Ensinam-me.

XIV
Então. Então e então. Isto e aquilo então e então. Cronologicamente geograficamente.

XV
Eu sou o que não pode voltar atrás. A história é o que não pode voltar atrás.

XVI
Por ocasião de qualquer coisa. Em consequência de qualquer coisa.

XVII
Consequências de consequências de consequências de consequências de consequências.

XVIII
Eu sou alguém que é a única história verdadeira e real. Eu sou a única história verdadeira real de alguém.

XIX
A verdade e realidade da história que eu sou é esta história.

XX
Aqui.

XXI
Irreversivelmente aqui.

in **Das Textbuch (1)**,
de H. Heissenbuttel

- O Camilo, não me lembro em que livro, já tinha escrito: "Fulano dedicava-se à Genealogia, ciência onde muitos estúpidos fizeram figura"- disse Gonçalo que também achava que essa alteração no acesso ao conhecimento tinha trazido grandes preocupações: - A especialidade é a classe média do saber - disse. - É suficiente, convencida, incapaz de raciocinar fora dos seus limites, com a convicção subjacente de que neles está contido o mundo e que ele gira à volta disso. Depois procura julgá-lo e organizá-lo a partir da sua especialidade.

in *Os Nós e os Laços (2)*,
de Alçada Baptista

I - Sociedade e Acção Social

1. Ao consultar *inserir* e *integrar* no Dicionário de Língua Portuguesa (3) da Porto Editora verificamos que não são sinónimas. Estas duas palavras são termos profissionais dos técnicos de serviço social, verbos que traduzem o fim último das suas acções, organizadas a favor dos indivíduos e grupos mais desfavorecidos, utilizados com valor semelhante e obsessivamente.

Inserir é fixar, introduzir de modo que fique seguro e adaptado. Integrar é tornar inteiro, incluir num todo.

No mesmo dicionário estar na miséria designa o *estado de alguém que é digno de dó; desprezível; vil; mesquinho; avarento; pobre; pessoa desgraçada; infame. Assim, miserar-se é chorar-se, lastimar-se, contando as suas misérias.*

Será uma antevisão do drama de todos aqueles que recorrem à assistência social?

A Acção Social (enquanto instrumento de política social) é concebida como "entidade promotora de bens não comerciais", cuja finalidade é a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e grupos sociais desfavorecidos, de " menores capacidades de adaptação à existência, sendo esta entendida como a capacidade dinâmica de participar e de se autonomizar (O Ser e o Estar na acção social, DGAS, p 8). A *inserção social* é o objectivo último da Acção Social através do desenvolvimento de competências de (saber) *viver com os outros* e de (saber e poder) *utilizar os meios para agir* (Idem, p 9).

Há uma polaridade no rosto da própria Acção Social e uma complementaridade entre o "desintegrar" da sociedade e o "inserir" da Acção Social da mesma sociedade.

Os técnicos do serviço social possuem uma consciência altruísta do que se deve fazer e da insuficiência de respostas (ou de não respostas); não conseguem arranjar empregos, escolas espaçosas com pessoal qualificado e acessíveis...apenas registar os desequilíbrios gerados por problemas sociais oriundos de outros sectores da vida económica e social. Resta à Acção Social desempenhar um papel amortecedor e mitigador e de produção de informação, de conhecimento para a reformulação duma política social, assente na pluridisciplinaridade.

O contacto com os serviços tem reforçado uma identidade inferiorizada e negativa, (que é confirmada através do recurso á assistência social). O recurso à assistência é sempre uma experiência de dependência e dum status negativo.

É necessário reflectir sobre as condições de exercício dos serviços prestados, sobre as relações de poder estabelecidas entre utentes e instituições, elas próprias estruturadas numa cultura hierárquica, legalista e burocrática. As relações de poder entre indivíduos e grupos assentam sempre na desigualdade social e são assimétricas.

Algumas forças políticas criticam abertamente o Estado Providência por fomentar a cultura da dependência que se passa de geração em geração, que alastra por bairros específicos. A Acção Social seria prestadora de serviços que alimentariam comportamentos consumistas e atitudes de dependência. A *underclass* é constituída por indivíduos que escolheram de forma voluntária viver dos benefícios do Estado Providência, sendo a estrutura moral e o seu comportamento deplorável e não a estrutura económica e social a causa da sua condição social. A *underclass* seria o efeito dum Estado Providência demasiado generoso, cuja acção tenderia a transformar uma situação social temporária em estrutural. *Os pobres não merecedores e culpados são a underclass.*

As políticas sociais meramente redistributivas e materiais reproduzem a pobreza. É uma verdade. Mas é uma falsidade que a pobreza seja da responsabilidade individual dos pobres.

A problemática da pobreza, da exclusão social e do desenvolvimento relacionam-se, uma vez, que as condições de existência das categorias mais vulneráveis têm um enquadramento estrutural. O combate à pobreza, o ordenamento do território, o controlo demográfico, a opção tecnológica e energética, a opção do modelo de crescimento económico surgem como sectores que se influenciam mutuamente e que fazem parte dum problema global e abrangente. O desenvolvimento sustentável não se reduz à avaliação do rendimento per capita, liga-se à noção de qualidade de vida e á sustentabilidade no tempo do ambiente (preservação e protecção de todos os seres vivos e recursos naturais do planeta).

Combater a pobreza implica integrar, inserir os mais desfavorecidos e carenciados. E isto, só se alcança quando respeitarmos o seu modo de vida, exigindo ter em conta a sua *mundividência e participação, mas também um trabalho importante com a sociedade envolvente.*

Como promover a participação do Outro, que chega (quase sempre) inferiorizado e vulnerável?

Muito recentemente, os resultados obtidos nos projectos de luta contra a pobreza iluminaram os princípios orientadores da Acção Social. Adquiriu-se a noção de que o utente dos serviços *deve ser sujeito-actor do processo de integração social e de que a intervenção social assumiria uma dimensão pluridisciplinar, integrada, de âmbito territorial na comunidade.* Mas, sem o conhecimento dos modelos culturais dos desfavorecidos não será possível mobilizá-los. Os alicerces duma política social integrada e pluridisciplinar brotam da convergência de esforços de vários profissionais e da produção de informação e de conhecimentos sobre trajectórias e modos de vida.

2. Este trabalho aborda os fenómenos identitários dos jovens dos 16-30 anos, beneficiários do RMG.

Em termos de objecto de estudo pretende-se captar a construção identitária dos jovens face à assistência social. Desenvolveu-se entre 1998 e 1999, no Serviço de investigação e análise social, da DGAS, tendo um carácter exploratório.

O alcance deste estudo enquadra-se nessa nova perspectiva de considerar o utente como sujeito-actor do processo de integração social, daí a importância de *ouvir a sua voz*, já que é através da linguagem que os sujeitos se apropriam do mundo social e do seu lugar (actual, passado e futuro).

A Acção Social tem produzido efeitos perversos sobre a identidade de muitos dos indivíduos que a ela recorrem, marcando a passagem para uma outra identidade através da entrada para um outro grupo social, de status negativo e inferior.

A construção da identidade realiza-se no decorrer das dinâmicas relacionais entre indivíduos e grupos, onde se estabelecem categorizações sociais, comparações recíprocas. No desenvolvimento do ciclo de vida, o sentimento de pertença a um grupo e de demarcação face a "outros" emerge do relacionamento entre pessoas. Este processo de identificação é também cultural porque abrange sentimentos, valorações, criação de imagens do mundo envolvente, implicando o uso de códigos comunicacionais, de simbolismo identitário, presentes nos rituais comunitários, nas interações quotidianas, nas mobilizações colectivas ou outras.

A Acção Social procura contrariar a passagem para uma identidade negativa, revalorizando a identidade dos seus utentes através do reconhecimento das suas potencialidades e da auto-sustentação pelo próprio no processo de integração social. *Para isso, importa captar o vivido, as significações subjectivas atribuídas pelos utentes.*

Os jovens têm sido alvo privilegiado de intervenções político-administrativas visando a sua inserção na vida adulta, por experimentarem problemas sociais, que têm tido alguma visibilidade: dificuldades de inserção no mercado de trabalho; toxicodependência; insucesso escolar; falta de perspectivas de futuro. Aqueles que participaram neste estudo têm idades compreendidas entre os 16-30 anos, recorreram à assistência social, mais precisamente beneficiaram dum novo instrumento de política social, o Rendimento Mínimo Garantido.

□ RMG aparece inspirando-se nesta filosofia da cidadania para a cidadania. Os direitos sociais dos cidadãos são garantidos pelo funcionamento do Estado Providência, promovendo a *integração de todos os indivíduos na sociedade.*

Há cerca de 3 anos foi criado pela Lei nº19-A/96, de 29 de Junho, que institui uma prestação do regime não contributivo da segurança social. Este instrumento de política social entrou em vigor em 1 de Julho de 1997. Assim, o RMG surge como uma medida de redistribuição do rendimento (diminuição da desigualdade social) e de inserção activa, entendida como um processo gradual, através do estabelecimento dum *contrato*, antecedido de uma negociação, em que se desenvolveriam um conjunto de competências psicológicas e sociais, onde se estruturaria a *autonomia* do indivíduo, ancorado a um projecto de vida, elaborado pelo próprio, que contaria com a cumplicidade do Estado e dos parceiros públicos e privados. Só é garantido a quem estiver disponível para fazer um percurso de inserção social, caso contrário será alvo de cessação.

A Lei prevê também uma compensação para as despesas de habitação, sempre que estas sejam superiores a 25% dos montantes do RMG. Pode-se cruzar com outros programas. Pretende-se uma integração transversal e articulada, com base territorial, o município, assegurada pela responsabilização dos parceiros (processo de parceria com suporte na negociação tripartida).

Os destinatários desta medida são jovens de 16 anos com menores a cargo, emancipados pelo casamento, jovens grávidas, maiores de 18 anos e todos aqueles que têm residência legal no país, sem abrigos, desde que uma entidade funcione como residência oficial. Todos estes indivíduos têm em comum o facto de não beneficiarem de outras prestações sociais e viverem em situações de *destituição social*. Isto é, considera-se estar em destituição viver com níveis de recursos e de rendimentos baixos, ínfimos, estar afastado da sociedade devido à não participação nos vários domínios da vida social e económica, sem possibilidade de construir e realizar um projecto de vida, incapaz de mobilizar recursos materiais, relacionais, institucionais para a sua concretização.

O objectivo do RMG consiste na promoção da inserção social, com uma componente de incentivo ao emprego, passando pela educação e pela formação profissional, pelo desenvolvimento de competências psicológicas e sociais.

Introduz uma *nova intervenção social* centrada na inserção social, como uma forma de estar e ser na sociedade, rompendo com o ciclo da "assistência instalada", de dependência do apoio social, apostando na *autonomia e na participação de todos os cidadãos*. Consiste no relançamento dos *nós e dos laços entre o indivíduo e a comunidade mais próxima e a sociedade*, inspirado na valorização do ponto de vista dos utentes, no reconhecimento dos saberes e potencialidades, na redescoberta dos trunfos e oportunidades locais (detecção dos recursos e constrangimentos sociais).

Esta transformação planeada e participada convoca a articulação de políticas de emprego com políticas de protecção social, de educação através de respostas multidimensionais, visando em última instância a diminuição das desigualdades sociais.

Os princípios orientadores desta intervenção social correm riscos de causar efeitos perversos, caso não se faça uma abordagem diacrónica da situação familiar e individual, uma abordagem do tecido social (das suas potencialidades e bloqueios) envolvente e a participação dos seus beneficiários não se efectue neste processo. São vários os riscos: criar laços assistencialistas persistentes; de estigmatizar e de facilitar a passividade dos utentes; de reforçar a desvalorização dos recursos e dos modos de vida dos desfavorecidos; de se constituir um mercado de trabalho baseado no assalariamento daqueles.

As aspirações e as fórmulas jurídico-institucionais aproximam os portugueses dos cidadãos das sociedades democráticas e com tradição do Estado Providência, mas o desenvolvimento económico denuncia uma situação periférica relativamente aos países referidos, constituindo o seu calcanhar de Aquiles.

Os Estados na 2ª metade do século XX evoluíram para uma solidariedade nacional, baseada nos direitos dos cidadãos e dos trabalhadores. No entanto, existem várias modalidades de intervenção estatal: o modelo bismarkiano que assenta no rendimento do assalariado, funda-se nas cotizações do salário, fundado no trabalho e nos seus direitos derivados (segurança social); o modelo nórdico com uma política social universalista e igualitária, com ampla oferta de serviços sociais; o modelo de providência residual com mera função regulamentadora, com intervenção pontual junto dos indivíduos sem protecção familiar e privada. O Estado Providência português desenvolveu-se no início dos anos 70 e apesar do seu nível económico, atribui uma significativa fatia do seu orçamento nacional para as despesas sociais. Enquadra-se no modelo bismarkiano.

Em muitos países europeus têm-se verificado restrições nas ofertas dos serviços sociais, outros países adoptaram políticas sociais, que já não abrangem as populações em geral (universalistas), mas visam sobretudo as populações mais carenciadas e privadas (sendo estigmatizadas), devido a pressões exercidas sobre os Governos, baseadas em argumentos financeiros e económicos. Esta conjuntura de restrições nas ofertas dos serviços sociais, agravou a degradação de vida de algumas camadas sociais apanhadas pela crise de desemprego e pela ruptura relacional com a comunidade e a sociedade que lhe sucedeu.

A mundialização da economia, o reforço da concorrência, o desenvolvimento de empresas multinacionais, a fragilização das instituições como a família e a substituição desta por outros grupos de solidariedade primária, mais flexíveis e menos protectores face a uma crise, a desestruturação das sociedades tradicionais, a emergência das novas tecnologias, a lógica da competitividade e da alta exigência constituem mutações que atingem fortemente os mais vulneráveis - os trabalhadores menos qualificados, os jovens e idosos. Neste momento, muitos indivíduos (jovens e adultos) vêem as suas oportunidades de empregabilidade diminuir e a sociedade dual expande-se a partir da constituição de segmentos diferenciados face ao mundo do trabalho:

- 1º segmento** - trabalhadores com a posse de qualificação profissional reconhecida e dum emprego estável, constituem o núcleo das empresas;
- 2º segmento** - trabalhadores sem emprego estável, formam uma reserva de mão-de-obra disponível para as empresas;
- 3º segmento** - pessoas da população activa sem qualificação profissional, excluídos do mercado de trabalho.

Os jovens enfrentam uma penúria de empregos, com efeitos negativos na sua vida privada e social, constituindo um grupo particularmente vulnerável ao desemprego, sobretudo aqueles que andam à procura do 1º emprego. Alguns economistas apontam a falta de experiência de trabalho, a incapacidade do sistema de ensino e de formação profissional de não favorecerem a preparação exigida pelo mundo do trabalho.

A condição juvenil corresponde a um momento de transição. Nas sociedades ocidentais o acesso ao estatuto de adulto resulta de duas condições: da inserção na vida activa e da concretização da autonomia económica e residencial em relação ao agregado familiar de origem. O caminho para a autonomia é para alguns um percurso longo e difícil, cheio de obstáculos e desafios, para outros mais suave e facilitado. O difícil acesso à autonomia económica e a emergência da assunção de responsabilidades familiares (devido à maternidade/paternidade) podem marcar os jovens.

A integração/ exclusão são dois pólos da mesma sociedade dual, fragmentada. A par da pobreza tradicional, novas camadas de pobreza são geradas pelas transformações económicas e sociais.

A sociedade portuguesa regista ainda um grau elevado de insucesso escolar, baixa qualificação escolar e profissional da mão-de-obra, a desorganização educativa e a má qualidade dos serviços sociais, o nível reduzido das pensões, o apoio insuficiente aos idosos. Existem ainda largos segmentos da população que vivem da economia informal sem acesso à protecção social, numerosos desempregados e subempregados estão imersos na marginalidade, sobrevivendo de expedientes e de actividades atípicas e precárias.

Ao longo destes últimos 40 anos, a sociedade portuguesa sofreu grandes mudanças que correspondem a quatro, cinco décadas dos países industriais europeus. Essa mudança foi caracterizada por dualismos e desequilíbrios existentes entre o litoral (urbano e dinâmico) e o rural interior (desertificado); entre as aspirações (padrões de consumo) e a capacidade produtiva; entre uma economia formal e uma economia informal extensa.

A população rural chegada às grandes cidades (as aldeias esvaziaram-se e a população rural envelheceu nestes últimos 40 anos) pelas aptidões e pelo saber adquirido nos campos, desvalorizado no contexto urbano, dadas as suas características torna difícil a sua reconversão produtiva e não foram criados os dispositivos necessários e suficientes para lhes permitir o acesso à requalificação. Portugal revela desde dos anos 70 uma grande carência de mão-de-obra qualificada e especializada.

Cada jovem está inserido numa família, que relativamente a outras dispõe e oferece desiguais recursos afectivos, materiais, culturais e sociais. Os jovens entre si têm oportunidades desiguais de fazerem o seu percurso, não são um grupo homogéneo. Aqueles que são oriundos das famílias desfavorecidas herdaram as condições de vida marcadas pela carência e pela destituição: acumulam baixos rendimentos, insucesso, abandono escolar, baixa qualificação profissional, ausência de habitação digna, precariedade laboral, desemprego... Mas, também há jovens oriundos de famílias desfavorecidas que conseguem superar os limites iniciais.

Os jovens que recorrem à assistência social são jovens cuja família já recorria aos serviços, outros acabam de experimentar uma alteração profunda nas suas condições de vida devido à ruptura familiar, à toxicodependência, ao alcoolismo, à maternidade não planeada e precoce, associada a baixos rendimentos.

As políticas sociais são cada vez mais solicitadas, mas existem obstáculos financeiros e económicos para lhes dar resposta num contexto internacional do questionamento das políticas do Estado-Providência. Hoje, nas sociedades inspiradas na cidadania, a persistência da pobreza e o surgimento de novas camadas é um risco para os seus alicerces democráticos e uma afronta aos seus valores. Assim, o RMG aparece com um mecanismo que pretende assegurar um mínimo de subsistência e promover o reatar da participação e do reconhecimento daqueles que ficaram de fora das condições de vida consideradas padrão. A longa permanência e a intensidade da experiência de privação social desencadeia a interiorização dum identidade negativa, com perdas de auto-confiança, de auto-estima provocando alterações na saúde. Daí, que o RMG para assumir uma intervenção social global tenha de articular medidas redistributivas com medidas centradas na revalorização da identidade (promoção da identidade; auto-confiança; capacidade de comunicar eficazmente; qualificação profissional).

A melhor adequação das políticas e acções às realidades em que visam intervir advém dum melhor conhecimento dos constrangimentos e de recursos (sociais e pessoais) a mobilizar nos grupos desfavorecidos.

II - Quadro Teórico e Enquadramento Metodológico

1. Quadro teórico

Pobreza e exclusão social

Os fenómenos identitários são centrais no processo de integração e de desintegração social. Entendemos por desintegração social os processos que abarcam a “nova questão social”, a exclusão social. Consideramos ainda que a pobreza tradicional pode vir a engrossar também os números de excluídos. Importa esclarecer os conceitos e precisar a que nos referimos.

O Estado Providência tem sido o garante dos direitos sociais e da coesão social. Perante o fim do pleno emprego e da extensão da precariedade face à inserção profissional, o enfraquecimento das solidariedades primárias e a crise do Estado Providência surgiu uma nova categoria de pobres, que outrora estavam integrados na sociedade, são os “excluídos”.

Anteriormente a este fenómeno da exclusão social existiam pobres, mas com capacidade reivindicativa, eram assim designados por referência a critérios materiais.

O conceito de pobreza absoluta era definido em função do mínimo de subsistência física, independentemente dos padrões de consumo e culturais de cada sociedade. O conceito de pobreza relativa define pobreza em função dos padrões de vida numa dada sociedade, situada no tempo e no espaço, integra em si a noção de desigualdade social. Tentou-se construir uma série de indicadores de privação (dieta alimentar, condições de habitação, ausência de vestuário apropriado, etc).

O conceito de pobreza subjectiva realça a dimensão simbólica da pobreza ao remeter para os próprios indivíduos a definição dos critérios da pobreza que experimentam, independentemente do observador.

O conceito recente de exclusão social põe ênfase na rotura dos laços sociais, sendo a dimensão comum aos vários tipos de grupos excluídos. O fenómeno é definido como um não reconhecimento simbólico do lugar que se ocupa na sociedade (do indivíduo ou grupo), seja qual for a natureza da integração relacional e económica. É um processo que tem origem na organização e na estrutura política e social da sociedade, caracterizado por um ciclo de desinserção social com privação múltipla nos sistemas sociais básicos – *social* (relações com a família, vizinhança, local de trabalho, comunidade), *económica* (mercado de trabalho, de bens e serviços, do sistema de segurança social), *institucional* (sistema de ensino, de saúde, de justiça, instituições políticas), *territorial* (segmentações sociais coincidem com a segregação espacial), *simbólico* (sentimento de reconhecimento social e de pertença).

Houve uma ruptura no contrato social, vivida pelos vários grupos de excluídos – pobres, sem-abrigo, minorias étnicas, doentes mentais...

Gaulejac designa *luta de lugares* face à perda de universalização da pertença social. **Paugam** considera que se passou de uma sociedade de classes (vertical) para uma sociedade horizontal (dos que estão dentro e dos que estão fora). A luta que os excluídos desenvolvem é uma luta por um lugar ao sol, por um reconhecimento, por uma identidade positiva.

Isabel Leonetti e **Gaulejac** destacam três dimensões da integração social: económica através do trabalho e dos recursos materiais; uma dimensão social que abrange a integração em grupos primários (família, amigos) e nas instituições da sociedade global; uma dimensão simbólica constituída pelo conformismo aos valores e normas vigentes da sociedade.

Leonetti refere-se à importância do trabalho na definição da identidade social nas sociedades actuais.

O enfraquecimento das solidariedades anteriores e dos modelos de família tradicionais e dos elos verticais com as instituições da sociedade global origina a vulnerabilidade face à ausência de elos sociais.

A não resposta às exigências normativas de realização profissional e aos padrões de consumo privam a identidade da aceitação social.

Desinserção (**Gaulejac** e **Isabel Leonetti**) é uma passagem da identidade positiva para uma identidade negativa. A partir de histórias de vida cruzam percursos sociais de desinserção com fases de reacção (elementos subjectivos), evidenciando a *experiência individual* do processo em espiral. Assim, este processo tem origem na organização, na estrutura política e social, muitas vezes, em combinação com uma estrutura psíquica frágil que afecta as relações com os outros e com as instituições.

A 1ª etapa do percurso de desinserção social é caracterizado pela rotura devido a um acontecimento (perda de emprego, separação, morte dum familiar...)

A 2ª etapa consiste num desencadeamento de roturas, devido à vulnerabilidade emocional e incapacidade de ultrapassar os efeitos negativos pela rotura inicial.

A 3ª etapa marca o início do recurso à assistência para poder sobreviver e a uma mudança na identidade.

A 4ª etapa é a consolidação da pertença social a um grupo de excluídos.

As reacções subjectivas ao longo das várias etapas de desinserção social são as seguintes:

Resistência - Os indivíduos resistem ao acontecimento procurando mobilizar todos os seus recursos (afectivos, sociais, culturais) para ultrapassar a situação;

Adaptação - Acomodam-se à nova situação, não considerada normal pelo próprio, organizando a sua vida em novos moldes;

Instalação - Desistem ao interiorizarem a inexistência de alternativas para sair daquela situação.

Paugam procura descrever e captar o tipo de relação que os indivíduos excluídos têm com as instituições da assistência social. O seu conceito de *desqualificação social* pretende abarcar a desvalorização daqueles que não participam inteiramente na vida social, da dependência face aos serviços sociais. Distingue três tipos de desqualificados sociais:

Frágeis - Têm a esperança suficiente de que vão encontrar emprego, sendo as suas necessidades materiais. A sua relação com a assistência social é pontual;

Dependentes - Estes indivíduos já interiorizaram que o seu futuro vai passar pelo assistencialismo e negociam com as assistentes em função desta crença, apesar de expressarem o seu interesse em trabalhar e ser autónomos. A relação com a assistência é regular e contratual;

Os que estão em rotura - Os indivíduos não têm qualquer esperança de sair da marginalidade e possuem um conjunto de handicaps. A relação com a assistência é pontual e com a tónica de urgente.

Há, face ao que foi exposto, uma incapacidade dos serviços sociais abrangerem convenientemente todos os indivíduos desfavorecidos. Os fundamentos do Estado Providência não precisam de ser alterados para solucionar esta situação, mas precisa de ultrapassar os meios limitativos tradicionais, coordenando os esforços de vários parceiros (organizações não estatais e novas formas comunitárias e sociais), de modo a produzir sinergias na sociedade envolvente no combate à exclusão social.

Identidade, Estratégias e Projectos

A pedra angular do processo de integração social é a formação duma identidade positiva, o reconhecimento dum lugar ao sol.

Na *sociologia* (4) o conceito de identidade expressa a reivindicação da capacidade de acção e de mudança, a recusa da definição social dos papéis que devem ser desempenhados pelos actores sociais.

Para a socióloga **Leonetti** a identidade é o resultado das interacções entre actores sociais. A interacção entre actores sociais revela-se a vários níveis: o das representações (no discurso dos actores); o das relações interpessoais de indivíduos e grupos; o dos produtos sociais. Níveis esses que são autónomos, podendo mesmo ser contraditórios.

Isabel Guerra traduz o conceito de identidade como a percepção e a acção sobre o mundo através da articulação do sistema de representações, dos imaginários sociais, das práticas sociais que emergem da pertença a categorias específicas. O imaginário social é entendido na sua vertente racional e ao mesmo tempo na sua vertente afectiva, na constante reatualização contínua do que é desejado.

Na *psicologia social* (5) o conceito de identidade designa a pertença a um grupo de referência, em que os indivíduos afirmam a sua singularidade por comparação com outros grupos sociais. **Tajfel**, psicossociólogo, realizou estudos sobre conflitos entre grupos, donde resultou a sua teoria da identidade social. Estes grupos constituem-se a partir dum processo cognitivo, de categorização, cuja função é de definir o lugar de cada um numa dada sociedade. Os membros de um grupo tendem a favorecer o próprio grupo enquanto discriminam os outros fora do grupo, gerando conflitos. A teoria da identidade social revela que os indivíduos inclinam-se para uma identidade social positiva, resultante duma comparação favorável face a outros grupos sociais. Se a identidade social não for satisfatória os indivíduos abandonam a pertença daquele grupo e aderem a outro.

A identidade tem uma dimensão societária e desenvolve-se no processo de interacção dos sujeitos, sendo um conceito que está na encruzilhada das ciências sociais.

Isabel Leonetti apresenta o desdobramento do conceito em identidade individual e social. A identidade individual abrange a organização de sentimentos, de representações, de conhecimentos, de recordações e projectos que se reportam a si. A identidade social engloba o sentimento de pertença a um grupo ou a uma categoria social, devido ao seu lugar e à definição da estrutura social em que está incluído.

Isabel Guerra reconhece na identidade individual a imagem que o indivíduo tem de si e a coerência ao nível dos projectos e percursos de vida. As identidades individuais possuem poucas possibilidades de serem valorizadas se a identidade colectiva não o é. A identidade colectiva é o sentimento de pertença às colectividades e aos grupos sociais (incluindo a pertença à região).

A identidade pessoal apresenta um conjunto de atributos que definem a imagem de si. A identidade social define os atributos que se partilham com outros membros do grupo social, é ainda a imagem devolvida pelos outros no processo de interacção.

É difícil distinguir o que é construído pelo indivíduo e o que ele integra como imagens oriundas da relação com os outros. Há uma interdependência entre indivíduos e grupos.

O conceito de identidade desdobra-se em três dimensões: ao nível das representações; do imaginário; do praxeológico.

A análise da identidade não se reduz ao captar das representações do mundo e das práticas, mas estende-se à dimensão do imaginário no passado, no presente e na projecção do futuro (deve-se ter em conta os sonhos, os desejos e as volições). A captação do imaginário dos actores sociais é pertinente na medida em que permite obter: a percepção que o indivíduo tem sobre a realidade; a tensão que o leva para a sua construção (realização); a energia disponível a mobilizar na efectivação dos projectos individuais e colectivos; a definição de um novo mundo face ao existente, traduz a transgressão e a recriação inerente ao processo de identidade.

A realidade prática é conhecimento numa dada situação e intencionalidade para prosseguimento de objectivos valorizados. O conhecimento é informação filtrada a partir do contexto da acção. A intencionalidade é o sentido cognitivo e afectivo que dá colorido e movimento à acção.

A estratégia na construção da identidade define-se como “um conjunto de decisões tomadas em função de hipóteses sobre o comportamento dos parceiros em jogo” (**Leonetti**).

A estratégia identitária resulta da capacidade dos actores sociais agirem sobre a sua própria definição de si, podendo rejeitar a identidade prescrita (pelas forças dominantes) e a sua legitimação, no constante ajustamento da finalidade dos actores sociais aos recursos disponíveis.

Existem 3 elementos necessários às estratégias identitárias: os actores; a situação (com os seus constrangimentos e potencialidades); as finalidades.

A estratégia de instrumentalização aparece como aceitação da identidade prescrita, tendo os actores consciência da natureza social da sua identidade.

O processo identitário está numa incessante reformulação através da interacção. Neste contexto, o conceito de projecto aparece introduzindo a temporalidade do processo identitário, sendo a análise da trajectória biográfica a via para captar a direcção, a evolução e o refazer do projecto.

Este conceito reforça a ideia de intencionalidade das acções (individuais e colectivas) no traçar dos próprios destinos e na transformação da sociedade. O conceito de projecto aborda o imaginário social na sua temporalidade (passado, presente e futuro), tendo por cenário a referência e a pertença a grupos sociais no processo de construção identitária. As trajectórias são assim a “expressão de um projecto em evolução” (**I. Guerra**)

Os actores sociais têm um margem relativa de escolha, em função da situação (constrangimentos e potencialidades). Na experiência quotidiana conhecem o real, definem a sua situação de vida, atribuem-lhe um significado, realçando aqui a componente afectiva e procurando alcançar aquilo que entendem ser a sua “qualidade de vida” e assim actuam. São “acções racionais” de sujeitos que procuram realizar os seus objectivos (racionalidade intencional). Há que frisar a importância da componente emocional no desenvolvimento, através da acção, do projecto.

Os indivíduos não são determinados pelo *sistema de acção social*, aqui enquanto conceito sociológico e não como modalidade da política social, têm uma margem de liberdade, limitada (pela interdependência existente entre actores sociais e sistema social). A sociologia compreensiva e o individualismo metodológico partem dos seguintes pressupostos teóricos:

- os valores têm uma dimensão estruturante, justificam as acções;
- os actores sociais têm capacidades estratégicas e estão em interdependência com o sistema social.

Por vezes, verifica-se uma descontinuidade entre intenções individuais e os efeitos produzidos por elas numa sociedade em mutação não previsível (os efeitos nem sempre traduzem as intenções).

Abordagens ao conceito juventude

Existem duas abordagens teóricas da Juventude: a teoria geracional e a teoria classista.

Na *teoria geracional* o conceito de juventude surge como uma categoria homogénea, associada a uma fase da vida, correspondente ao período entre a adolescência e a idade adulta. A geração é constituída por indivíduos de idades próximas, que partilham o mesmo sentimento face a outros indivíduos com idades não próximas (mais velhos, mais novos) e que possuem valores, interesses, informações, projectos, uma distinção sócio-cultural relativamente aos outros indivíduos que não pertencem ao mesmo grupo etário. A cultura juvenil surge como oposta à cultura dominante da sociedade adulta, gerando-se conflitos geracionais.

Na *teoria classista* a reprodução social é concebida como reprodução das classes sociais, assim a juventude é atravessada pelas relações de classe, explicada pelas determinações sociais e posições de classe. A cultura juvenil é perspectivada como uma cultura de resistência de classe face à cultura das classes dominantes.

Ambas as teorias explicam os problemas de desinserção na vida activa dos jovens através da teoria da segmentação do mercado de trabalho: a teoria geracional aponta a idade como factor de desinserção; a teoria classista foca a origem social, a pertença de classe como factor.

Estas conceptualizações não conseguem explicar a existência da heterogeneidade cultural quer no seio da mesma geração juvenil quer no seio dos jovens pertencentes à mesma classe. Por outro lado, os jovens e adultos estão em interacção e influenciam-se mutuamente no processo de socialização. A juventude está sujeita a categorizações de vária ordem: classista, étnica, sexual,...etc. As interpretações baseadas em determinações sociais e de posições de classe ignoram a participação nos diversos de sistemas de interacção local, estes influenciam a construção identitária e as trajectórias.

Os jovens (actores sociais) têm uma margem relativa de liberdade de se auto-definirem, fazendo re-actualizações dos elementos de socialização, por comparação com indivíduos pertencentes à mesma geração e com outros que não o sejam.

2. Enquadramento metodológico

Não temos uma teoria de partida, o acesso ao terreno é naif. Assume-se uma postura de não saber teórico. Não se pretende testar teses ou hipóteses, mas trata-se dum estudo de carácter exploratório sobre a influência da assistência social na construção identitária dos jovens, captando as significações subjectivas vividas por estes. As palavras destes jovens são a matéria-prima, pois é através delas que os actores sociais se socializam e se apropriam. A palavra é fonte de conhecimento.

A metodologia qualitativa é a mais adequada ao objecto de estudo, não seria possível quantificar as lógicas subjacentes às acções comportamentais nem o sentido atribuído à experiência vivida.

De facto, as metodologias quantitativas e qualitativas correspondem a necessidades distintas, mas nem sempre opostas e quase sempre complementares no aprofundamento do conhecimento.

Na óptica qualitativa a História de Vida é uma forma de aproximação, de observação directa, empática e não directiva da entrevista, que recolhe e trata numa maneira compreensiva e indutiva as palavras dos actores sociais, procurando apreender o sentido conotativo para lá do denotativo. A interpretação é resultante da descoberta gradual oriunda da análise de dados e da sua transformação sucessiva.

“Na história de vida, a palavra sobre o acontecimento está intimamente ligada ao discurso de si sobre si” (Poirier). O acesso à realidade intimista, ao vivido, às significações implica uma relação de confiança e confidencial com os indivíduos que constituem o universo, contrastando com a despersonalização dos estudos estatísticos. Daí, a importância do primeiro contacto e da relação interpessoal que se estabelece. Este método opõe-se à tradicional análise quantitativa, causal e estatística, do método hipotético-dedutivo, de que é exemplo o “questionário padronizado”.

A história de vida “é um método de familiarização do investigador com a situação que quer estudar utilizando a entrevista” (Poirier).

A entrevista desenrola-se num processo de interacção social entre o entrevistador e o entrevistado, em que se põem questões abertas, de modo a recolher dados, tendo em conta os objectivos da pesquisa.

Dado o nosso objecto de estudo se direccionar para um grupo etário específico, jovens dos 16-30 anos, beneficiários do RMG e se centrar na situação vivida na relação com a assistência social recorreu-se a uma das modalidades da história de vida, os récits pratiques, traduzidos grosseiramente para relatos práticos.

A entrevista teve como suporte um guião focalizado nas situações vividas, alvo do objecto de estudo, tendo uma função de enquadramento, não deixando que certos temas fossem abordados, enquanto respeitava a espontaneidade do surgimento dos acontecimentos no discurso pelos jovens, portanto não tinha uma ordem rígida. O entrevistador, o analista do estudo, deve ter disponibilidade para a escuta activa, empática, sem qualquer à priori, atento à linguagem não verbal, à metalinguagem.

Após a realização das entrevistas segue-se uma caminhada para a interpretação do discurso dos 12 jovens, do sentido subjectivo atribuído à realidade vivida, recorrendo-se à análise de conteúdo, que é um método minucioso de análise para chegar a uma síntese. É uma técnica de análise das comunicações, com procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição dos conteúdos das mensagens (**Bardin**), que se distingue da análise de discurso por esta se centrar na descrição de unidades linguísticas e sua distribuição, enquanto a análise de conteúdo busca outras realidades através das mensagens, fazendo inferências a partir de indicadores quantitativos e qualitativos.

Nas orientações quantitativas recorre-se ao cálculo das frequências de determinadas características do enunciado, destacando as valorações efectuadas pelos sujeitos. Nas orientações qualitativas destacam-se os temas abordados pelos entrevistados, realçando a presença ou ausência de determinadas características na mensagem (trabalha com corpus reduzidos).

Neste trabalho decidimos que era pertinente a orientação qualitativa da análise de conteúdo, considerando cada entrevista na sua originalidade e singularidade, mas susceptível de comparação com as outras, devido à existência dum guião de entrevista comum.

Antecedendo o acesso aos jovens beneficiários do RMG, foi necessário um conjunto de diligências para apelar à mediação dos técnicos de acompanhamento das CLAS de Lisboa, no sentido de sensibilizarem os potenciais entrevistados (com perfis ajustados ao objecto de estudo). Assim, realizaram-se reuniões entre Novembro de 1998 e Janeiro de 1999 com os técnicos de acompanhamento das CLAS de Lisboa, previamente autorizadas pela Stª Casa da Misericórdia de Lisboa, que aceitou colaborar no estudo (outras CLAS não responderam ao pedido).

As entrevistas foram marcadas pelo entrevistador com acordo do entrevistado em relação à hora, ao dia, ao local. O anonimato foi garantido.

A realização das entrevistas decorreu entre Janeiro de 1999 e Abril de 1999, variando a sua duração de 30m a 120m consoante o estilo discursivo de cada jovem. As entrevistas foram gravadas em cassetes e posteriormente transcritas (trabalho duro e moroso), perdendo-se nesta etapa muita da vivacidade da metalinguagem, embora se tenham feito anotações para não as perder na totalidade.

Perfis dos Jovens

Idades compreendidas entre 16-30 anos

- idade correspondente à transição para a vida adulta (autonomia), à aprendizagem de novos papeis sociais
- idade legal para a entrada na vida activa e para usufruir do RMG, caso se tenha a cargo menores

Jovens com longo contacto com os serviços sociais/com contacto recente

Jovens com disponibilidade para fazer a entrevista e facilidade de expressão

Jovens em diversidade de género (M/F)

Universo

Os jovens entrevistados não constituem uma amostra representativa, segundo o modelo estatístico, mas por se tratar de “récits pratiques” temos um universo diversificado, o mais possível, dentro dos parâmetros dos perfis, em que a singularidade da experiência de cada um é fulcral. O universo é composto por 12 elementos, que não se pretendem representativos da população juvenil do RMG.

Dificuldades não controláveis no acesso ao terreno

- Houve jovens que se disponibilizaram, mas que faltavam sistematicamente às entrevistas, tendo alguns que ser substituídos por outros;
- A maior disponibilidade do sexo feminino, geralmente mães solteiras, para participar no estudo que os elementos do sexo masculino, exigindo um maior esforço para diversificar os géneros.
- As circunstâncias, as condições de entrevista e o local variaram de entrevista para entrevista; influenciando as condições de enunciação e a interacção entre entrevistado e entrevistador.

Os procedimentos da análise

Desenvolveram-se um conjunto de procedimentos, após a realização das entrevistas visando o tratamento da informação:

1. Transcrição integral das entrevistas, fazendo-a tão fiel quanto possível à expressão oral original, acompanhando-a com anotações da ocorrência da metalinguagem (expressão gestual, suspiros, intensidade do olhar, os silêncios...)

2. Efectuação de várias escutas, seguindo-se leituras do texto produzido, a partir de cada entrevista, constituindo-se um **“corpus”** com **12 entrevistas**.

A documentação foi preparada para o trabalho de análise da seguinte maneira:

- Cada entrevista foi enumerada pela ordem cronológica, indicada a data, o local no cabeçalho da folha, com margens laterais (à esquerda e à direita) de 2 cms e com linhas espaçadas, também com 2 cms para permitir anotações e correcções. Uma das margens serve para apontar os temas abordados pelos indivíduos, com sublinhações ou citações dos próprios entrevistados e na outra margem os sentidos atribuídos, a metalinguagem visualizada.

3. Recortou-se o “corpus” através de grelhas de análise. O guião da entrevista fornece os temas principais à priori. A *análise horizontal* vai analisar comparativamente como é que os 12 entrevistados responderam à mesma questão.

Na *análise transversal* cada entrevista é dividida por temas, é um elemento da informação, trabalha-se sobre o conjunto do “corpus”.

A *análise tipológica* regressa a cada relato a partir das categorias utilizadas na análise global, fazendo-se uma classificação por tipos (não são tipos ideais de Weber). Procura-se frisar os episódios-chave no relato de vida e o seu encadeamento numa ordem cronológica e temática.

As sinopses são sínteses dos relatos individuais, quer horizontalmente ou transversalmente, permitindo a análise comparativa entre relatos, em função das orientações teóricas.

Quadro do Universo Inquirido

1	Lisboa	22	F	Estágio profissional	Mãe, irmãos e filha	Cozinheira/ Func. Limpeza CML	9º ano do sistema de aprendizagem	Geracional	Sim Mãe solteira	CLA 1
2	Lisboa	20	F	Doméstica	Pais, irmãos, tia, prima e filha	Emp. limpeza/ Canalizador	7º ano	Geracional	Sim Mãe solteira	CLA 1
3	Lisboa	22	F	Quadro bancário	Mãe e irmã	Doméstica/ Cozinheiro	Licenciatura em Rel. Internacionais	Muito longo	Não	CLA 2
4	Coimbra	24	M	Ajuda a família na venda ambulante	Mulher e filhas	Vendedores ambulantes	4ª classe	Anterior ao RMG	Sim	CLA 7
5 (1)	Lisboa	20	F	Estudante de curso técnico profissional	Avós, casal c/ filha (2) e irmão	Comerciante/ Reformada (limpeza)	12º incompleto	Recente	Sim	CLA 10
6	Lisboa	29	F	Empregada de limpeza	Mãe, 3 irmãos e 4 filhas	Emp. limpeza/ Pintor automóveis (3)	4ª classe	Anterior ao RMG	Sim	CLA 8
7	Lisboa	16	M	Estudante do ensino secundário	Mãe	Emp. doméstica (4) / Taxista	11ª incompleto	Anterior ao RMG	Não	CLA 1
11	Lisboa	18	F	Empregada de limpeza	Com o último namorado	Reformados da indústria	6º ano	Recente, com o RMG	Sim (5)	CLA 4
12	Lisboa	22	F	Doméstica (desemp. desencorajada)	8 irmãos, mãe, avó, marido, 4 crianç. (6)	Mãe doméstica (7)	4ª classe	Geracional	Sim	CLA 1
13	Fundão	30	F	Doméstica (desemp. desencorajada)	5 filhos (crianças)	Trabalhador rural/ Doméstica	Ciclo preparatório	Anterior ao RMG	Sim	CLA 7
14	Lisboa	25	M	Estudante universitário	Padrasto e irmão	Reformada da ind. (8) Padrasto: F. Público	4º ano de medicina veterinária	Anterior ao RMG	Não	CLA 4
15	Lisboa	20	M	Desempregado	Pais (9) e 2 irmãs	Sem ocupação	6º ano	Muito longo	Não	CLA 3

(1) Entrevista repetida, por irregularidades acústicas no momento da 1ª;

(2) Avó emprestado, casal (filho e nora dele);

(3) e (8) Falecidos;

(4) e (7) Mãe prostituta. Fonte: Assistente social;

(5) Mãe solteira, grávida pela 2ª vez, com tentativa de suicídio;

(6) 2 Filhas e 2 sobrinhas;

(9) Mãe doente mental e pai alcoólico. As entrevistas nº 11,12,13,14,15 aparecem aqui pela ordem cronológica de ocorrência, visto as nº8,9,10 não satisfizerem os requisitos adequados ao objecto de estudo.

Distribuição das Freguesias de Lisboa pelas CLAS

CLA 1

Freguesias abrangidas:

Encarnação
Stª Catarina
Sacramento
Mártires
S. Paulo
Mercês
S. Mamede
S. José
Coração de Jesus
Pena

CLA 2

Freguesias abrangidas:

Benfica
Carnide
S. Domingos de Benfica

CLA 3

Freguesias abrangidas:

Ameixoeira
Charneca
Lumiar

CLA 4

Freguesias abrangidas:

Beato
Marvila

CLA 7

Freguesias abrangidas:

Ajuda
Alcântara
Prazeres
Stª Maria de Belém
S. Francisco Xavier

CLA 8

Freguesias abrangidas:

Alvalade
Campo Grande
Nossa Senhora de Fátima
S João de Brito
S. João de Deus
S Sebastião da Pedreira

CLA 10

Freguesias abrangidas:

S. Cristóvão
S. Lourenço
S. Nicolau
Stª Madalena
Stª Justa
Anjos
Socorro
S. Miguel
Stº Estevão
Sé
Santiago
Castelo
S. Vicente de Fora
Graça

Guião

- Tem tempo suficiente para repousar... tem tempos livres?...Como ocupa o seu tempo livre? O que faz?
- Tem amigos?...O que fazem em conjunto?...
- No sítio onde vive...Como é a vizinhança? Há alguém com quem se relacione?
- Com quem vive...? Como é a relação com a/s pessoa/as com quem vive?
- De que recursos vivem...?
- Fale-me dos seus pais... que fazem...onde vivem....tiveram dificuldades..., que dificuldades?
- Tem irmãos...Vê-os com regularidade...?
- Ao longo da sua vida teve dificuldades? Como as resolveu?
- Existem recordações de pessoas ou de acontecimentos que a marcassem...Quer falar-me deles...
- Foi à escola? Até quando? Porque saiu?
- O que fez desde que saiu da escola?
- Lembra-se da 1ª vez que recorreu à assistência social...Como foi...? Quais as razões que apresentou? Foi bem tratado/a?
- Pede ajuda à assistência social. O que sente? Incomoda-o/a fazê-lo?
- O RMG mudou alguma coisa...serve para quê? Está satisfeito/a? (Como soube do RMG?)
- Como vê o seu futuro daqui a 3 anos? E daqui a 15 anos?
- Tem planos para os próximos anos...? Já teve outros...Porque os mudou?
- Agora, o que gostaria de fazer...? Qual o passo a dar...? O que o impede?
- Quais as características que aprecia em si?
- O que é para si "vencer na vida"?

“ A linguagem, escrita ou falada está impregnada de valores simbólicos: imagens, ideias, emoções, sonoridades, grafismos, etc, em tudo o que exprime, mas também numa certa medida, naquilo que não exprime.”

in **Dicionário dos Símbolos (6)**,
de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant

I - A Singularidade

Cada jovem tem a sua história pessoal, a sua caminhada própria...

Todos estes jovens sentem no presente ou sentiram no passado e continuam a sentir obstáculos. Alguns viveram-nos em tenra idade, outros mais tarde.

A pobreza é uma tónica comum a todos. Conhecem-na ou na infância ou no presente.

As relações afectivas com os progenitores são sempre marcantes, quer pela sua presença quer pela sua ausência.

Os relacionamentos com os outros, sobretudo com os familiares mais próximos ou com os namorados são vividas intensamente, por vezes, constituem marcos na viragem da vida.

O ciclo da vida familiar é ritmado com os nascimentos, as doenças e os falecimentos registam momentos dramáticos na vida emocional e material, exigindo adaptações a novas situações e a assunção de novos papéis, de uma nova identidade.

A doença mental, o alcoolismo, a toxicodependência, uma doença terminal criam situações e experiências familiares muito difíceis de enfrentar e de superar em qualquer família, acumulando com outros problemas que lhe são simultâneos.

A entrada no mercado de trabalho acontece em várias circunstâncias distintas.

Muitas vezes, ela acontece porque a família não investe na escolaridade e necessita de dinheiro. O jovem é impelido a ganhar a vida. Outras vezes, é uma gravidez, o nascimento duma criança que leva ao abandono da escola. Noutros casos, começa-se a trabalhar, ajudando nas tarefas familiares, no meio de subsistência dum pequeno comércio familiar.

Os jovens queixam-se que trabalham muito e nada ganham, é insuficiente para fazer frente às necessidades. Mas, há jovens que não conseguem arranjar emprego e que, quando o têm é por muito pouco tempo, estão mais tempo desempregados.

Nem sempre as relações com as autoridades é confortante ou pacífica (na escola, numa acção de despejo, no contacto com os serviços sociais, na convocação policial), em que se traçam identidades sociais negativas.

Imersos em muitas adversidades conseguem ainda vislumbrar um futuro melhor e diferente. Outros não.

A sua visão do mundo combina valores, desejos, preocupações prioritárias; revela a sua vivência no passado, actualizada no presente, os seus problemas actuais, os seus desencantos e decepções, os seus fracassos; evoca a sua projecção no futuro, as suas expectativas e a fé em relação a si e às oportunidades que pode beneficiar.

Os actores sociais confrontam-se com outros, com oportunidades, com obstáculos, com constrangimentos e potencialidades num quotidiano efémero, procurando realizar-se através de estratégias, em conformidade com os seus valores. São responsáveis da representação de si na relação com os outros, contribuindo através das suas estratégias para a definição de si, ora aceitando, ora rejeitando o olhar do outro sobre si. A família, os amigos, a vizinhança, a escola, o mundo do trabalho são componentes da rede social que ocorre num determinado espaço, em que os indivíduos se envolvem numa interacção mútua, estabelecendo relações. Os laços desenvolvidos e a sua qualidade acabam por expressar-se através duma identidade positiva ou negativa. O sentimento de pertença (ou de não pertença social) reflectem os nós (ou a sua inexistência entre os indivíduos e a comunidade).

A construção da identidade vai-se construindo e reconstruindo no tempo e no espaço. Cada jovem, cada indivíduo, cada grupo social tem a sua própria maneira de representar e de registar os acontecimentos, apesar duma "regularidade comum". A palavra expressa uma certa verdade sobre o sujeito actor, mesmo quando há distorção na percepção consciente ou inconsciente é sempre um discurso de si sobre si.

1. As jovens mães de gravidez não planeada e família monoparental

As entrevistas nº 1 e 2 são de jovens residentes em bairros antigos de Lisboa, Bairro Alto e S. Bento, residindo, muitas vezes, em habitação velha e degradada, mas onde persistem as relações de interajuda da vizinhança. Os avós já ali viviam, os pais cresceram, casaram e constituíram família, e os jovens continuam a viver com os pais perante a ausência de outras alternativas. Por sua vez, estabelecem e mantêm os laços com a vizinhança, já iniciados pelos pais e avós. É naquele espaço “familiar” que fazem as suas amizades e sentem os problemas do seu quotidiano.

A gravidez não planeada e inesperada, a dramática procura de emprego, que não se encontra ou os empregos sem contrato e mal pagos, as dificuldades económicas sentidas pelas várias gerações que coabitam a mesma casa, ao longo dum tempo feito história de família, são os factores que as empurram para o recurso à assistência social, protagonizado pela vizinha e secular Stª Casa da Misericórdia.

Estas jovens não são excluídas, estão bem inseridas na sua rede social mais imediata, família, comunidade, Stª Casa. No entanto, o sistema de ensino deixou-as entrar no mercado de trabalho com baixas habilitações e qualificações profissionais, vulneráveis à precariedade.

A jovem da E1 ainda conseguiu recuperar a escolaridade obrigatória através do sistema de aprendizagem, já muito depois de ter abandonado a escola para trabalhar, ajudando assim a sua mãe. Os seus projectos são mais ambiciosos e independentes da assistência social, mas para os realizar depende inteiramente, tal como a E2, da Stª Casa.

E1 sente ambivalência em relação à assistência, por um lado gratidão, por outro tem consciência que aos olhos de alguns “é uma desgraçadinha porque vem da parte da Stª Casa”. E2 considera o recurso à assistência a oportunidade de encontrar o emprego que lhe “dê em alguma coisa”, não deixando espaço para sentir o estigma do usufruto dessa ajuda, que aparece num contexto familiar em que fazê-lo é habitual. Mas, negou a existência dessa longa relação com a assistência, surgindo esse facto no fluir da narração dos seus acontecimentos pessoais.

Entrevista nº1

A entrevista desenrolou-se num ambiente acolhedor e confortável de uma das instalações da Stª Casa, com amplos espaços para a animação. Respondeu a todas as questões apesar de algum nervosismo inicial.

Ocorreu em Janeiro de 1999, com a duração de 1h 20 m.

A jovem foi simpática, receptiva, disponível. Tem 22 anos. É mãe solteira, com um bebé de meses que lhe ocupa muito tempo... Vive com a mãe e com dois dos 3 irmãos (e com a sua filha) porque ainda não tem condições para fazer vida em comum com o namorado. Diz-se muito chegada à mãe e ao avô, o pai que não teve, mas já falecido.

Interrompeu a escola aos 13 anos, quando chumbou. Então, foi trabalhar para ajudar a mãe, que teve sempre muitas dificuldades económicas para os criar. Mais tarde, conclui o 9º ano de escolaridade através do sistema de aprendizagem, obtendo ao mesmo tempo uma formação profissional na área dos serviços administrativos, com a idade de 19 anos.

Aos 22 anos está a terminar um estágio profissional, que lhe permitiu “ ganhar experiência de trabalho” na área em que sente vocação, nos serviços de escritório.

Aguarda que o actual patrão tome a decisão de a empregar, evitando novamente o desemprego e o recurso a qualquer outro tipo de trabalho que não seja o de escritório, para ganhar o sustento da sua filha.

Tem o sonho de um dia se estabelecer num negócio em conjunto com o namorado, na exploração duma loja de desporto: ele no atendimento aos clientes; ela na contabilidade.

Deseja ter um futuro onde seja uma executiva de sucesso, com uma “vida à larga”, incluindo um tempo para a vida lúdica.

Trajectória familiar

A jovem teve uma vida atribulada devido ao facto da mãe ter tido dificuldades de relacionamento com o pai da jovem e com os vários parceiros que foi tendo. A estas dificuldades afectivas, juntavam-se ainda dificuldades económicas.

“ Bem, foi uma vida atribulada, acho que a minha mãe não teve muita sorte em relação às relações.”

“A minha mãe tinha muitas dificuldades, fartava-se de trabalhar, tinha que deixar os filhos ou nos vizinhos ou na escola, que era para poder trabalhar...”

Ao longo da sua infância viveu em várias casas, mudando de residência sempre que a mãe se separava dos namorados.

Esteve a morar com os pais.

Os pais separam-se e um dia, o pai leva-a para casa dele e deixa-a sozinha em casa com dois meses, só para fazer pirraça à mãe. A mãe recupera-a.

Esteve a morar no Ribatejo, no Bairro Alto em casa do Avô, no Príncipe Real, na Serafina, novamente no Bairro Alto, em Campo de Ourique e regressa à casa do Avô até aos dias de hoje.

“ Sempre tive uma infância muito difícil porque a minha vida era mais nómada, também andava sempre a falar, a falar e andava sempre dum lado pró outro, tive que começar a trabalhar cedo e não acabei de estudar na escola, se calhar hoje poderia ter uma vida diferente, mas não deu...”

O pai maltratava a mãe. Foi um pai ausente, rejeitou-a. Não gosta dele.

“ ...ele bebia muito...a minha mãe separou-se dele por causa disso, era muito maltratada.”

“...sempre foi um pai ausente...eu acho que ele não queria ter um filho...ele casou com a minha mãe, ele gostava muito da minha mãe, mas ele queria um rapaz e saiu uma rapariga...eu não sei se foi por causa disso, mas eu não compreendo a mente das pessoas, mas se calhar até foi por causa disso, que ele me rejeitou. É por isso que eu não gosto dele (ri-se). Não gosto.”

A jovem tentou aproximar-se do pai. *“ Eu já o procurei e agora não sinto necessidade de andar atrás dele, se ele não me procura.”*

A tia paterna, uma boa tia, também tentou aproximar pai e filha , mas sem sucesso.

“Tenho contacto mais com uma tia. Quer sempre que eu vá passar os verões, era aquela coisa de ela me querer aproximar mais do meu pai. É boa tia, gosto muito dela.”

A pessoa mais marcante na vida da jovem foi o avô.

“Estive aqui de pequenina, depois saí, depois voltava quando a minha mãe se zangava com o meu padrasto, que a casa é do meu avô, esta casa era dos meus avós, então quando havia algum problema era pra cá, pró meu avô que eu vinha.”

“...ali é que era o meu porto seguro, aí é que me sentia bem.”

“...eu só de pensar quem foi o meu pai, foi o meu avô, nunca o meu pai, o meu avô sempre.”

“...foi muito bom para mim foi sempre apoiar-me.”

Os tios maternos tinham ciúmes da atenção prestada pelo avô aos netos e à filha.

“...o meu avô era só aquela filha e aqueles netos, havia aquelas guerras de ciúmes...”

Vive com a filha, a mãe e dois irmãos (o irmão mais velho e a irmã mais nova) na casa que era do avô, porque não tem condições para viver com o namorado.

“Gostava de viver com o meu namorado, mas por enquanto não temos hipóteses para isso, então vivo com a minha mãe que é... a casa é grande e eu gosto de viver ao pé dela.”

A relação com a mãe *“É boa,...”*, *“A minha mãe é a minha melhor amiga é com ela que converso tudo”*.

São 4 irmãos, cada um filho de seu pai.

Tem um irmão que foi atribuído, pelo tribunal, ao pai por falta de condições da mãe, vive com os avós paternos no Porto, sendo cada um deles filho de seu pai.

“E depois, a minha mãe teve outros filhos de outros homens.”

“Ele foi atribuído ao pai quando era pequenino porque a gente na altura vivíamos lá em Campo Ourique, vivíamos mal naquelas casas pré-fabricadas, como o pai tinha mais condições...”

Tem uma relação conflituosa com o irmão que vive com ela. Gosta muito da irmã mais pequenina. E aguardam que o irmão que vive no Porto, opte por ir viver com a mãe quando fizer os 12 anos.

Gosta do actual padrasto, reformado, que vive em Coimbra, onde possui umas terras que trabalha. Vai visitá-las com muita regularidade, ajudando-as sempre que pode.

“O meu pai não me liga, gosto mais do meu padrasto.”

“Tenho um padrasto, sempre me tratou bem, é o pai da minha irmã mais nova e ele é muito bom padrasto, sempre foi, sempre gostou da minha mãe e a minha mãe sempre gostou muito dele e já estão juntos há muitos anos e até podia ser meu pai, só que o avô não deixou a minha mãe casar com ele, então a minha mãe casou com o meu pai.”

“...ele passa muito tempo em Coimbra, então, mas está sempre cá com a gente. É o nosso apoio.”

Hoje a filha é das pessoas mais importantes na sua vida.

“...mas a coisa que eu gostei muito, apesar de não ter sido planeada, mas eu adorei ter a minha filha, gosto muito dela, é a minha principal companhia...”

“...mas desde que ela nasceu gosto muito dela, há pessoas que estipulam uma coisa e vivem para ela, não é, eu vivo para a minha bebé e pró meu namorado, que eu adoro o meu namorado (ri-se), é ele e a minha bebé, e a minha mãe.”

“...eu não posso ficar tanto tempo desempregada, tenho uma filha, então se calhar não posso ir para o trabalho que eu quero, tenho de me sujeitar a outra coisa que me apareça, não era isso que eu queria.”

A **gravidez** marca um momento de viragem na sua vida: a responsabilidade de ter um bebé e as exigências que lhe são inerentes *“Acho...eu não tenho tempo pra fazer as coisas que eu gosto de fazer porque tenho uma bebézinha com 7 meses, que me ocupa todo o tempo livre e o que eu faço é organizar a minha vida e a dela o melhor possível.”*

A gravidez trouxe ainda a rotura com o namorado *“Então tivemos muitos problemas nessa altura, mas uma vez fui a Barcelos passar o Ano Novo e ele também foi e a gente daí começou a conversar, entendemo-nos e a partir daí, decidimos não dar mais ouvidos ao que as pessoas diziam e começou tudo a correr muito melhor, agora somos nós os dois e não ligamos ao que as outras pessoas dizem...”*

Mais tarde, reconciliam-se e já faz projectos futuros para o casal *“Imagino isso, ter a minha casinha, estar muito bem casadinha com o meu namorado, os dois, a minha bebézinha muito bem, numa crechezinha boa, bem tratada, e eu a trabalhar como secretária no escritório onde estou e levar uma vida calma...”*

As relações afectivas com a família são fortes e estreitas.

Percurso escolar e profissional

Sai aos 13 anos da escola, sem ter concluído o 7º ano, após um chumbo.

“ Fiz o 7º ano na escola normal, aliás não cheguei a fazer...interrompi porque estive doente e o meu médico não quis passar a declaração enquanto estive em casa...fui chumbada.”

Depois de ter abandonado a escola aos 13 anos, começou a trabalhar para ajudar a mãe. Trabalhou em cabeleireiros durante alguns anos até apanhar uma alergia.

“...Entretanto...comecei a fazer trabalhos, que era para ajudar a minha mãe, trabalhei num cabeleireiro como aprendiz, trabalhava muito mas pagavam muito pouco, mas eu ajudava a minha mãe, depois estive noutra cabeleireiro, entretanto tive uma alergia nas mãos por causa do detergente, dos químicos, tive que deixar isso...”

Dos 16 aos 19 anos frequentou, no IEFP, o sistema de aprendizagem com a duração de 3 anos, equivalente ao 9º ano, enquanto adquire formação inicial para o desempenho de funções administrativas. Mas, após a conclusão do curso sentiu dificuldades em encontrar emprego porque não tinha experiência de trabalho naquela área. Acabou por trabalhar como babysitter durante 2 anos e numa loja de roupa, onde lhe exigiam apresentação (e consequentemente despesas para o efeito), onde esteve uns 4 meses, acabando por ser despedida.

“...fiz o curso de empregada administrativa, fiquei com o 9º ano, depois saí, ninguém me queria dar trabalho porque não tinha experiência, estive a fazer outro tipo de trabalhos, estive a fazer de babysitter, estive numa loja de roupa e depois, entretanto surgiu-me esta oportunidade da Stª Casa através da assistente e eu fui fazer este estágio.”

“Trabalhei como cabeleireira um ano ou dois, entretanto entro no curso técnico-profissional (foram 3 anos), estive a trabalhar como babysitter prá ai uns dois anos, só que me pagavam mal, estive numa senhora que eu entrava de manhã, saía à noite, conforme, que só pagava 40 contos, comia lá e estava lá aquelas horas todas do dia e depois também não me sentia à vontade estar a comer em casa de outra pessoa, comia mal, dormia mal porque saía de lá à meia-noite, 1 hora, era longe, era em Sete Rios, depois tinha de chegar a casa, depois ia dormir, no dia seguinte às 9 horas já tinha de estar lá, ficava sempre muito exausta, foi assim um bocado. Depois fui trabalhar numa loja, estive 4 ou 5 meses, depois fiquei grávida.”

Inscreeveu-se no Centro de Emprego para trabalhar. Ficou pouco tempo à espera até que a chamaram, aos 21 anos, para um estágio de secretariado (com a duração de 1 ano, prolongado por um pouco mais, devido à licença de maternidade). O curso é de facto constituído pela experiência de trabalho, adquirida no próprio mundo do trabalho, no final do qual se prevê a integração da jovem na empresa onde decorreu o estágio.

“...fui para um centro de emprego e depois inscrevi-me lá para me arranjam emprego...E fui trabalhar. Estive à espera pouco tempo, depois, entretanto chamaram-me para fazer um curso de secretariado e eu estou lá, já há imenso tempo. Sempre foi prático, não tem aulas é só trabalho, eu faço, eu trabalho como secretária, é um estágio profissional, é.”

A sua experiência no mundo do trabalho resume-se ao seguinte: *“...trabalhava muito mas pagavam muito pouco, mas eu ajudava a minha mãe..”*

Amigos e vizinhos

Tem amigos e são todos vizinhos do bairro, encontram-se no clube da rua, onde mora, para conviver.

“Tenho muitos amigos, tenho um clube na minha rua onde a gente se encontra todos, mais à noite pra beber o cafézinho, conversar sobre a vida, não é.”

É ainda no clube que faz aeróbica.

O Bairro Alto é muito procurado pelos noctívagos de Lisboa, então *“Pior é os que vêm de fora, vêm à noite para se divertir nos nossos bares e fazem muito barulho.”*

Desenvolve relações de interajuda com uma vizinha, relações essas, que são muito próximas, já criou a irmã e a filha dela e quando a mãe está doente dá sempre ajuda. O filho desta vizinha é o padrinho da irmã. Mas também há algumas pessoas que não ajudam nada.

“...e há aquelas pessoas que metem veneno, não foi por nós, que nós gostamos muito um do outro, só que ele ouviu muito o que as pessoas diziam...os colegas e não sei quê...começaram a inventar e a gente começou a ter problemas...que eu tinha feito de propósito para o prender, para o agarrar, não é, essas coisas.”

Esta jovem está bem inserida na **comunidade**, tem amigos que são também vizinhos, com os quais tem encontros regulares de convívio, estabelece relações de interajuda na vida quotidiana e privada com uma vizinha.

As relações com a **família** são fortes e íntimas, com a mãe e com o avô materno, que fez de pai.

Recursos da família

Neste momento, o rendimento familiar é composto pela bolsa do estágio, pelo RMG, pelo salário da mãe, pela remuneração do irmão mais velho, por ajudas da Stª Casa, pelas ajudas do padrasto quando está presente.

Percurso na assistência social

A família teve muitas dificuldades económicas. *A mãe trabalha muito e ganha muito pouco*. Nos momentos mais difíceis, nos intervalos das zangas com os vários (foram quatro) parceiros, regressavam à casa do **avô**, reformado, mas que ia fazendo uns trabalhos de pintura na construção civil, evitando assim que a mãe trabalhasse tanto.

“O meu avô já estava reformado, mas como era pintor sabia fazer várias coisas, então tinha sempre, pintor por conta dele mesmo, ia fazendo uns trabalhos e depois ia arranjando algum quando a gente ia morar com ele, a minha mãe não precisava de trabalhar tanto porque o meu avô ia fazendo uns trabalhos...”

As dificuldades económicas da mãe foram tantas, que um dos irmãos acabou por ser entregue ao pai pelo Tribunal.

A jovem não nos diz se recorriam à Stª Casa ou a outra instituição da assistência nesses momentos difíceis da sua infância. Começa por nos referir que se dirigiu à assistente da mãe, por incentivo desta, quando ficou grávida e tinha que assumir o sustento do bebé, por isso foi pedir trabalho.

“Olhe, foi através da minha mãe, foi quando eu engravidei, ela achou que eu deveria ter, falar com a assistente porque... por causa de arranjar trabalho e então fui falar com a assistente pra ver se ela podia ajudar, fui incentivada pela minha mãe, a minha mãe é que queria falar com a assistente sempre, então a partir daí, fui... quer dizer... como eu estava grávida não é, já estava mais independente da minha mãe, já tinha de começar eu procurar as minhas coisas e ... tentar-me defender...”

Foi a mãe que primeiro se candidatou ao RMG. A gravidez autonomiza-a e passa ela recebê-lo.

“A minha mãe já costumava ir lá...um pouco antes de mim para o RMG.”

“Eu conhecia a assistente por a minha mãe, a minha mãe é que soube, não sei muito bem como é que soube, então foi lá também pedir ajuda, a minha mãe é que recebia o Rendimento, entretanto eu fiquei grávida e tive...como eu trabalhava, a minha mãe já não podia ter direito porque os nossos dois... a minha bolsa e o ordenado dela já não davam direito ao rendimento, agora eu já podia candidatar-me eu ao RMG, como tive uma bebé, como tive uns problemas com o meu namorado, não foi sempre um mar de rosas, porque a gente dava-se bem, mas depois eu engravidei e há sempre aquelas pessoas que metem veneno...”

Sente-se satisfeita com o tratamento da assistência social: foi bem recebida, mobilaram e reformaram a casa da mãe para receber o bebé, a creche, roupa, o estágio profissional que não demorou, o RMG.

“Arranjaram-me o curso, depois a partir daí, do curso comecei a ir lá menos vezes, começaram-me a ajudar com coisas do meu quarto, reformaram o quarto todo pra receber a minha bebé, às vezes, também vou buscar roupa prá minha bebé, ali ao banco de roupa, depois me ajudaram... o RMG e pronto.”

“Fui sempre bem tratada, era outra, agora é que é a Drª X, gostei. Havia, às vezes, lá confusão por causa das pessoas que iam lá....discutir e essas coisas, era um bocado desagradável, agora de resto não, sempre fui bem recebida.”

O RMG ajuda nas despesas, dá alguma segurança porque é dinheiro certo ao fim do mês, mas é insuficiente.

“Mudar não mudou não posso dizer, não é...ah...mas ajuda, ajuda muito, como eu tenho dificuldades...”

“estou satisfeita, estou mais segura, sei que ele vai vir e eu com esse dinheiro, já posso dar assim nas despesas.”

O sentimento face à assistência social é de gratidão face à ajuda, mas revela a lucidez de ser ao olhar dos outros *“ai, coitadinha, como vem da parte da Santa Casa, portanto tem de ser uma desgraçadinha (ri-se), mas algumas... alguns preconceitos que algumas pessoas têm, sem necessidade nenhuma porque estou a ser ajudada e se é preciso não tenho que ter vergonha disso, era pior se eu tivesse aí...”*

Diz-nos que na sua escala de valores é preferível o recurso à assistência, a trabalhos de limpeza que à prostituição. Revela-nos ainda que *“Tinha mais vergonha de pedir”*.

Inserção na rede social

Está inserida na família, na comunidade (convive regularmente com amigos, que são vizinhos, onde estabelece relações de interajuda com uma das vizinhas). Apesar dum início instável nos seus primeiros anos de vida, contou com o apoio do avô materno que substituiu o pai nos tempos mais difíceis, teve do seu lado a tia paterna na tentativa de aproximação do pai.

As dificuldades económicas afectaram a família e a jovem entrou muito cedo no mundo do trabalho, fazendo trabalhos mal pagos, de modo a poder ajudar a mãe. Por ter baixas qualificações e sem experiência na área para qual se sente vocacionada, viu-se obrigada, mais uma vez, a aceitar outro tipo de trabalhos. Esta é uma das suas vulnerabilidades, a inserção profissional.

A gravidez (esqueceu-se de tomar a pílula) foi um marco que mudou o rumo da sua vida. Foi um momento difícil porque sentiu o afastamento do namorado influenciado por outros. A mãe esteve do seu lado.

Entretanto, reconciliaram-se, vivem separados porque ainda não têm condições para viverem juntos.

Nos seus projectos a médio e a longo prazo a vida em conjunto do casal “*a fazerem futuro*” é o seu sonho, eis a projecção que faz para daqui a 15 anos:

“Já me imagino uma executiva, uma boa executiva ou então, o meu namorado que será o meu marido, que tem uma loja, onde eu o ajudo na loja, a minha filha já grandinha, bem casada, com uma boa escola e eu a caminhar pra ter uma vida mais larga...”

Esta jovem não é uma excluída, possui laços fortes com a família e a comunidade envolvente. Existem vulnerabilidades associadas á história emocional da sua infância, ás dificuldades económicas familiares e mais recentemente, à sua precariedade no mundo do trabalho, com baixas habilitações e qualificações e á sua já ampla experiência em trabalhos, onde *trabalhava muito e era mal paga* e sem contrato laboral. A gravidez acentuou a sua fragilidade enquanto acumulou mais responsabilidades familiares.

Relativamente ao percurso na assistência social parece ser um recurso com certa legitimidade, mas o olhar estigmatizante do **outro** existe na sua imagem social. À partida, parece-nos ser um *recurso trampolim* até encontrar um emprego seguro como empregada de escritório.

Entrevista nº 2

A entrevista foi realizada na junta de freguesia, onde decorre o atendimento dos utentes pela Stª Casa. Após várias marcações em que a jovem nunca aparecia...lá se conseguiu um encontro no mesmo dia em que ía ao “acolhimento” da assistente social.

Trazia o bebé consigo. Foi agradável, breve e esquiva a responder. Respondeu, algumas vezes, com um silêncio...como se não soubesse responder. Havia alguma pressa em “despachar” a entrevista por parte da jovem abordada.

A entrevista demorou uns 20 minutos e ocorreu em Janeiro de 1999.

Esta jovem mãe solteira de 20 anos foi omissa sobre a história da família. Ficámos a saber que a sua família é lisboeta, vivendo ao longo de várias gerações no mesmo sítio, num dos bairros antigos. Oriunda duma família que já viveu muito mais dificuldades no passado que hoje.

Habita com o seu bebé, os pais, os irmãos, a tia, que também é solteira, e a prima a mesma casa, na rua onde a mãe foi criada.

A gravidez foi um período de viragem na sua vida, marcado por problemas com os pais e com o namorado, *“...como é que havia de ser depois...sustentar o bebé, foi mais esse o problema.”*

Não foi um acontecimento planeado nem desejado, pois nunca quis ter filhos. Foi a “única dificuldade que teve”.

Gostou da escola, mas não gostava de estudar, tal como os seus irmãos.

Saiu com o 7º ano unificado.

Inscreveu-se na Stª Casa para fazer um curso para ajudante de cabeleireira.

Fê-lo, mas acabou por ir trabalhar, através dum contrato de 3 meses sem renovação, para um quiosque das Amoreiras.

Conhece e sente o desemprego. Sente a responsabilidade de ser mãe.

Revelou que gostava de ter uma casa, um trabalho e ver a filha a crescer.

Recursos

Rendimentos do trabalho dos pais, RMG dela e da tia.

Trajectória familiar

Os pais nasceram, cresceram e ali constituíram família em S. Bento.

Tiveram dificuldades *“não tinham nem metade daquilo que hoje têm”*.

Reside com o bebé, os pais, os irmãos, a tia e a prima.

A única dificuldade que a jovem mãe menciona ter tido foi a gravidez inesperada.

“A filha foi importante porque eu nunca queria ter filhos, depois de repente nasceu ela...depois não queria ter filhos porque era nova... eu nem acreditava, prontos...Nunca tinha sido mãe, agora tomar responsabilidades, como é que havia de fazer para ter dinheiro para leites, pronto, mais responsabilidades. Prontos, foi ela ter nascido, foi mais responsabilidade. Gosto muito dela.”

Os pais e o namorado reagiram mal por não haver meios para sustentar o bebé.

Não está nos seus planos casar-se *“Sou contra o casamento, não gosto, acho que já não se usa, não.*

Casam-se hoje prá amanhã ‘tarem já separados. Às vezes, casados dá-se pior do que se tivessem solteiros, se estiverem a viver juntos dão-se melhor que casados. Acho que casados é pior do que juntos, não sei...”

Trajectória escolar

Saiu da escola sem a escolaridade obrigatória porque não gostava de estudar. A Stª Casa incentivou-a à conclusão dos estudos.

“Já estava farta da escola, já não ligava tanto à escola. Não gostava mesmo de estudar...andava lá depois não ia às aulas, depois desisti...e depois acabei por ter o incentivo da Stª Casa. Porque eu nunca gostei de estudar. Os meus irmãos também.”

Quando saiu da escola dirigiu-se à Stª Casa para se inscrever num curso profissional de ajudante de cabeleireira. Concluiu o curso.

“Pedi pra fazer um curso, prontos, fui lá pra fazer um curso de formação. Fui lá dizer que tinha acabado de estudar como havia aí coisas prós jovens...prós cursos e fui lá inscrever-me. Fui bem recebida, já ia com uma cunha de lá, já havia alguém por trás, mandaram-me prá Stª Casa...”

Trajectória profissional

Apenas consegui arranjar emprego como empregada de balcão, em vez de ser num cabeleireiro. Foi trabalhar num quiosque das Amoreiras, onde esteve algum tempo sem que lhe renovassem o contrato. *“Só fiz um curso e depois fui trabalhar para as Amoreiras, ao balcão num café, num quiosquezinho, mas ele não queria renovar e nós tivemos que ir embora. Tenho o diploma de ajudante de cabeleireira, agora queria continuar. Dantes, eu gostava era de tirar o curso de educadora.”*

Amigos e vizinhos

Tem duas amigas, não são vizinhas, mas moram por ali nas redondezas. Conversam e saem regularmente. *“Elas são duas pelo menos, são aquelas, prontos, com que falo mais e converso mais e saio.”* Foi pedir ajuda às amigas no momento em que descobriu que estava grávida. *“Dificuldade única que tive foi quando eu engravidei porque de resto... Ah...depois não sei o que é que havia de fazer...depois...fui a ter com as minhas amigas e elas disseram que me iam ajudar, foram ter com a minha mãe e contaram e depois fui ouvi-las e lá passou.”* Os vizinhos são pessoas de idade, simpáticas, prestáveis com os quais tem relações de interajuda. *“Ah...é tudo já de idade. São simpáticos e ajudam...portanto, quando eu preciso de ir a algum lado, que não posso levar ela (o bebé) peço para ficar....ficam.”*

Percurso na assistência social

A jovem e a tia recebem cada uma o RMG. A mãe trabalha nas limpezas num cabeleireiro e o pai, canalizador, beneficia de ajudas da Igreja devido a problemas de visão. A Stª Casa já fazia o acompanhamento da família antes do RMG, apesar da jovem nos ter dito que a 1ª vez que se dirigiu à assistência foi quando resolveu inscrever-se num curso profissional, mas também nos disse que a Stª Casa a incentivou a continuar os estudos e que por isso acabou por concluir o 7º ano, portanto houve um contacto anterior à tal “1ª vez”. Sente-se satisfeita e bem tratada pela assistência. Com naturalidade e familiaridade disse que considera o recurso à Stª Casa algo que não a incomoda. *“Não incomoda. Mais vale pedir que roubar.”* Recorrer à assistência social é a única hipótese de arranjar emprego, as outras alternativas são falsas oportunidades. *“Recorrer à assistência social é melhor...porque a gente tem mais segurança pela Stª Casa porque hoje nós estamos lá uma semana, passadas duas semanas já nos mandam embora, vamos a outra é a mesma coisa porque não temos, não nos mandam contrato, é ordenados..., os jornais não dão em nada, é tudo e na Stª Casa, prontos, é sempre outra coisa, entregam o dinheiro a horas...”* O RMG veio dar uma ajuda, mas não é muito. Serve para as despesas da casa, para os leites, para as fraldas. Gostava ainda de fazer através dele um curso. *“...já é uma ajuda, não é. Compro leite, compro fraldas, ajudo a minha mãe, também não dá assim muito, não é, as despesas são grandes. Só se fosse pra um curso... porque estou a espera...é uma ajuda, mas não é assim muito. Continuar um curso.”* *“Gostava de ser cabeleireira e de ter uma casa, isso queria...se fôr uma casa e o curso de cabeleireira.”* Os planos assentam estrategicamente no recurso à assistência social, para fazer o curso de formação profissional e arranjar emprego, sem a qual julga não conseguir alcançar o que pretende. Existe uma dependência em relação à acção social.

Inserção na rede social

Está inserida na família, na comunidade (amigos e vizinhança).

Abandonou a escola sem concluir a escolaridade obrigatória, pois não gostava de estudar. As habilitações são muito baixas.

Não possui experiência de trabalho, apenas trabalhou durante 3 meses, não lhe tendo sido renovado o contrato. Mas, já sentiu sérias dificuldades em encontrar um emprego, que lhe dê segurança.

“Arranjar um trabalho...com a assistente...com o jornal já andei por aí a percorrer...mais vale com a assistente.”

Não faz planos porque dá tudo mal: *“Não. Eu nunca faço planos é o que acontecer...dá tudo mal...eu não faço planos...”*. Mas gostaria de ser cabeleireira e de ter uma casa.

O percurso na assistência social faz-se com familiaridade, baseado numa relação de confiança e de segurança. Não sente que isso possa afectar negativamente a sua imagem, pelo contrário é uma das maneiras de alcançar o que pretende.

A sua vulnerabilidade incide na insuficiência de habilitações e qualificações a par das dificuldades sentidas pela sua família, já com prática de recurso à ajuda de instituições de beneficiência.

A gravidez neste contexto é sentida como uma dificuldade acrescida, como sustentar o bebé? Foi a gravidez que trouxe “responsabilidades” para quem não tinha planos:

“Dantes, eu não tinha planos...queria era passear com elas, queria sair, ir às discotecas, ir prá casa delas, porque assim pronto...já não tinha tanta responsabilidade como tenho por causa dela (da filha) , é um bocado mais que antigamente.”

Não é uma excluída porque está ligada por laços à família e a uma comunidade, onde existem, ainda, as fortes relações de interajuda dos antigos bairros lisboetas. No entanto, a sua inserção na vida activa pode tornar-se difícil e conseqüentemente, os seus rendimentos baixos e irregulares.

2. As jovens mães de gravidez não planeada e família monoparental

Esta entrevista desta mãe duma família monoparental diverge das anteriores, apesar de pertencerem todas a famílias lisboetas, pela inserção na rede social (amigos, comunidade). A família é ainda o último garante de apoio na aflição. Mas, também aqui é o centro de maior vulnerabilidade, o marido (toxicodependente), o casamento e a saída da escola, foram acontecimentos impostos pelos pais da jovem.

Neste caso estamos em presença de um certo grau de exclusão social face ao enfraquecimento dos laços sociais e à interiorização duma imagem negativa nesta trajectória.

A entrevista nº 6 é duma jovem, oriunda duma família lisboeta, que nunca sentiu dificuldades económicas até um certo momento da sua vida. O pai mecânico explorava uma oficina de reparação de automóvel, em conjunto com um sócio, possuíam casa própria, adquirida através duma cooperativa. A mãe nunca precisou de trabalhar até ficar viúva (estado recente).

O problema desta jovem de 29 anos surge quando engravida aos 16 anos e a “obrigam a casar-se” para resolver a situação inesperada. A gravidez “foi um cortar de pernas”.

Os pais tiraram-na da escola sem ter concluído o ciclo preparatório. Começou a trabalhar aos 14 anos na indústria de vestuário e já teve vários empregos, inclusivé a trabalhar no café da sogra no Bairro da Horta Nova, onde então vivia com o marido, e nos últimos anos, nas limpezas.

É no casamento que surgem as primeiras dificuldades económicas, quando o marido toxicodependente começa-lhe a faltar com o dinheiro para sustentar as 4 filhas.

Inicialmente, pediu ajuda à assistência que lha recusou. Sentiu-se humilhada.

Perante as difíceis condições em que se encontrava, abandonou o marido regressando à casa dos pais com as filhas. Aguarda a separação do marido.

Mais tarde, volta a recorrer à assistência para se candidatar ao RMG, tendo sido abrangida por esta nova política.

Trabalhando muito, com rendimentos insuficientes, tem vergonha de ter que recorrer à assistência social para a ajudarem. Esta desqualificação atinge-a, já dobrada pelas contrariedades da vida.

É o caso duma trajectória desagradável na assistência social, dum destino em que a protagonista sente que não tem voz nem opção. Toda a vida dela foi feita ao contrário do que ela queria.

Ao contrário das jovens anteriores, esta mãe de família está sozinha, com laços insatisfatórios com a família (sobretudo com a mãe), ténues com a comunidade (tem poucos amigos e raramente se encontram porque não têm tempo). A solidão e a amargura espelham-se no seu olhar.

Entrevista nº 6

Esta foi a entrevista que durou 2h 30m, sendo aquela que foi mais longa. Decorreu nas instalações da DGAS, no dia 1 de Fevereiro de 1999.

Houve momentos de grande emoção. Expansiva, respondeu a todas as perguntas eloquentemente.

Tem 29 anos, trabalha muito em firmas de limpeza, mas não chega para satisfazer as suas necessidades e as dos seus 4 filhos.

Queixa-se da falta de tempo para dormir, para conviver, para organizar os seus filhos.

Actualmente, vive com a mãe, mais 3 irmãos e os seus 4 filhos na casa adquirida pelos seus pais.

Está-se a divorciar do marido toxicodependente, com o qual passou sérias dificuldades económicas.

Gostaria de vir a ter uma sua casa e mais recursos económicos.

Trajectória familiar

A família nunca viveu privações.

“...porque a minha mãe sempre foi habituada a muito, muito mesmo, nós tivemos uma infância que graças a Deus, nunca nos faltou nada até cada um fazer a sua vida e a partir daí fazer dela o que quisesse.”

“...e depois o meu pai era sócio lá da cooperativa, pagávamos quotas, começou a ser construído os prédios e nós mudámos prá aqueles prédios”

Aos 12 anos sai da escola porque os pais não tinham grandes expectativas e fica em casa até aos 14, idade em que começa a trabalhar numa fábrica de confecções. A gravidez fá-la sair, ao fim de dois anos. A gravidez é uma viragem brutal na trajectória desta jovem.

“O meu pai disse: - Estás grávida, vais ficar grávida porque vai-se falar com os pais do Jorge, vai-se ver o que se pode fazer, vamos tentar resolver da melhor maneira”

“...foi um cortar de pernas”, a vida que eu sonhei, ficou ali mesmo, parada ali e então decidiu-se, alguém decidiu que eu tinha de ficar grávida e eu aceitei o que me foi imposto.”

“...era uma outra vida que eu ambicionava...”

Na fábrica onde trabalhava, sentiu a sensibilidade da encarregada, das colegas ao seu problema. Apercebeu-se que havia outra maneira de resolver o assunto, sem passar pelo casamento e pela gravidez levada até ao fim.

“Entretanto, eu falei com a minha encarregada e disse-lhe que estava grávida, contei-lhe a chorar a verdade e ela decidiu que eu era muito nova para deixar vir uma gravidez avante, tinha uma vida toda..., se eu quisesse que ela conhecia uma pessoa, uma parteira e que me levava lá....mas a minha encarregada dava-me dinheiro, aquilo era uma adoração por mim lá na fábrica, todas as raparigas, mais velhas, gostavam imenso de mim e eles davam-me dinheiro, foi falar com o meu patrão, a encarregada tinha um carinho por mim enorme...”

“Ele (o patrão) disse-me : - Olha , F..., a gente... dou-te dinheiro, isto tudo tem que ser muito bem falado, conversas com os teus pais e diz á tua mãe para cá vir para falar comigo porque não é isso que tu queres, tu não queres ficar grávida, tu queres seguir uma....(começa a chorar)”

Casou-se. Nos primeiros tempos, o casal residiu em casa dos pais da jovem. Após o nascimento da 2ª filha mudam-se para o Bairro da Horta Nova para casa dos sogros.

O dinheiro entregue pelo marido começa a deixar de aparecer...O marido era toxicodependente.

“...eu fui descobrindo porque era uma maneira dele, quer dizer, o dinheiro não começou a aparecer como era habitual, cada vez havia menos dinheiro para dar em casa...”

Entregue à sua situação, reflecte sobre a sua culpabilidade no desenrolar dos acontecimentos.

“...depois de descobrir que o meu marido andava metido na droga, eu pensei e repensei onde é que eu tinha falhado, se era eu que tinha falhado e o que é que eu tinha de fazer para o tirar dali.”

As dificuldades tombaram sobre as suas costas. A sogra ainda ajudou durante uns tempos, mas não conseguia assegurar sempre essa ajuda e solicitou-lhe que pedisse ajuda à assistência.

“...e depois não tinha dinheiro pra pagar a luz e era a minha sogra que pagava e eu queria uma ajuda em função disso...”

“...não ter de comer para dar aos meus filhos e ter que pedir fiado, isto foi depois de me ter separado do meu marido...”

Recusam-lhe ajuda e acaba por decidir o regresso à casa dos pais.

“Ainda pior, lá está, ainda me senti pior e com mais necessidades foi quando me vi a sair e ficar sem ninguém. Porque as necessidades...quer dizer o dinheiro não chegava e acabei por sair, ir para casa da minha mãe, a tentar resolver as coisas, mas nada ficou resolvido.”

Em casa da mãe, experimenta dificuldades de relacionamento com ela.

“É minha mãe, sei que gosta de mim, mas...não o sinto muito, não.”

“Os nossos feitios não se dão, ela é o oposto de mim, eu sou o oposto dela, ela tem um...uma outra maneira de ver, pensar, reagir...”

A relação com o pai era ótima, falecido há pouco tempo.

“...quando chego a casa não há palavras, não há ninguém que diga e nem a ‘Boa-noite ou correu tudo bem? Como foi o teu trabalho?’

E o meu pai estava lá todos os dias para isso...”

A vida complicou-se com a doença do pai e agravou-se com o falecimento deste.

“Mas, o meu pai nunca nos deixou faltar nada e a minha mãe quando o meu pai começou a ficar doente, claro que ele tinha, muito menos vezes podia ir trabalhar, como é normal, só que...a minha mãe não, porque se lhe dava 100 tinha que lhe continuar a dar 100, é um exemplo, para lhe dar 50 já não podia ser.”

Sim, ela ajuda-me bastante, porque ela gosta bastante, muito das minhas filhas, bastante, mas ela está numa situação bastante complicada porque o meu pai faleceu há pouco tempo e...quer dizer, ela hoje está bem, amanhã está mal e hoje fica-me com a mais pequenina e amanhã já não fica, é instável mesmo.”

A relação com os irmãos é boa, mas cada um faz a sua vida.

“...o Zé que é o mais velho dos rapazes, acabou por ocupar o lugar do meu pai na oficina e quer dizer, vive em função dela, quer dizer, tira grande partido dela, mas que não ajuda a minha mãe, quer dizer, não, nem ajuda em nada, então está uma confusão.”

Tem uma vida cheia de trabalho em casa com os filhos e fora de casa que não tem tempo para conviver, nem para dormir.

“...há montes de tempo que não saio, há quanto tempo... não sei.”

“...depois há sempre qualquer coisa pra fazer...”

“...chego, às vezes, só a dormir 4 horas”

Gostava de ter uma casa e de poder dar futuro aos filhos, de arranjar um homem que a ajude, que trabalhe.

“...mas eu tenho planos para o futuro, que era...lá está, voltar à mesma pauta, que é ter uma casa e dar futuro aos meus filhos”

“...Ter os meus filhos bem organizados, porque anda tudo um bocado descontrolado devido ao meu horário que tenho e não poder acompanhá-los em certas coisas...”

“Ter um homem que trabalhe, principalmente, que nos ajude, que antes de mais aceite os meus filhos, é.”

Trajectória escolar e profissional

Saiu da escola com o ciclo preparatório incompleto porque tinha chumbado e os pais retiraram-na aos 12 anos.

“Eu saí da escola com 12, porque chumbei no ciclo e eu, o meu pai acabou por decidir, que se eu chumbasse no 2º ano, que se repetisse o ano, não voltava a estudar.”

“...só que teve uma grande influência da minha mãe, porque a minha mãe diz que não, que eu ia pra escola, que eu ia brincar em vez de estudar e que...pronto, que eu não estava com nenhum interesse, que era melhor eu sair e que já era uma ajuda em casa, dizia ela que era melhor.”

Esteve em casa durante dois anos até que uma vizinha lhe comunicou que uma fábrica estava a pedir raparigas dos 14 aos 16 anos para trabalhar.

“...depois aos 14 uma vizinha disse à minha mãe que estavam a pedir raparigas para uma fábrica...”

Grávida aos 16 anos deixa de trabalhar, dedicando-se à vida doméstica durante alguns anos, *“...porque eu acabei por deixar de trabalhar durante muito tempo, quase 2 anos.”*

Recomeça a trabalhar na distribuição de jornais, em regime nocturno, facto esse, que não agradou ao marido.

“...à noite, fazia a distribuição numa carrinha, só que...depois complicou porque o meu marido acabou por não aceitar, porque era um trabalho de noite e andar com um homem numa carrinha, isso implicava muita coisa para ele...”

Trabalhou durante um ano no café da sogra.

"...fui trabalhar para o café porque a minha sogra tinha dado sociedade a um senhor para um café e resolveu que ficava lá... eu mais o meu marido, tinha-nos dado uma oportunidade e nós ficámos ali."

O marido começou a ausentar-se do café e a faltar com o dinheiro. Acaba por se separar dele e deixa o café. Foi então trabalhar a fazer fotocópias na Faculdade de Direito.

Mais tarde, arranja emprego em várias firmas de limpeza, 6 meses ali, 3 meses noutra, 18 meses na actual. Não ambiciona outra profissão, mas gostaria de poder viver noutras condições e dar um futuro aos filhos, o que lhe é difícil neste momento.

"...eu não queria vencer na vida, vencer acho que ...já pensei um bocadinho...eu queria...acho o meu objectivo para mim não é vencer porque eu acho que me dou satisfeita como empregada de limpeza, e dou-me satisfeita daquilo que eu faço, e...mas eu tenho planos pró futuro, que era...lá está voltar à mesma pauta, que é ter uma casa e dar um futuro aos meus filhos."

Percurso na assistência social

A toxicodependência do marido e a incapacidade da sogra para a ajudar mais, levam-na à assistência social.

"...pedi ajuda, qualquer coisa que me dessem, mudava de sítio, que me arranjassem de comer, farinhas prá menina ou remédios, quer dizer prá alimentação, que me ajudassem..."

Desiste face à resposta negativa, pois a assistência só ajudava as "famílias carenciadas", pois era um problema de toxicodependência e não tiveram em conta as necessidades da família.

"As necessidades passaram a não ter importância, percebe, era mais um problema de toxicodependência."

"Acabei por desistir porque estava mesmo naquela altura, que estava a precisar de ajuda e quando não a tive, ainda me vi mais desesperada porque tive que desistir."

Incomoda-a ter que viver da ajuda da assistência social.

"Para ser sincera tive vergonha....então eu trabalho, farto-me de trabalhar, porque tenho de pedir a alguém para me ajudar...?"

Candidata-se ao RMG, entra novamente em contacto com a assistência social. Contrariamente, ao seu primeiro contacto com a assistência, obteve resposta positiva. Está satisfeita.

"Para mim foi uma grande ajuda, com esse dinheiro faço, comprei com esse dinheiro, cheguei a comprar os óculos prá minha filha, que andei muito tempo a tratar com a Dr^a G e não consegui, porque tinha mais processos à frente, que também tinham outros pedidos..."

"...o RMG, eu digo que é o ordenado que o meu marido talvez pudesse dar em função das necessidades que eu tenho."

"...estou satisfeitíssima..."

Amigos e vizinhos

Tem amigas que também têm uma vida complicada. E há pessoas que ficam na memória pela amizade e pelo carinho (o protagonismo da encarregada na crise da gravidez), tal como a Sandra, que era sua vizinha e confidente no Bairro da Horta Nova.

"...muitas delas também têm uma vida muito complicada, mas continuamos a ser amigas, às vezes, encontramos-nos e combinamos, acabamos por nenhuma aparecer ou...uma acaba por telefonar."

"Tenho amigas que, às vezes, não tenho tempo pra lhes telefonar, mas são amigas."

Os vizinhos são uma família, mas há sempre confusões sobre quem é que deve lavar a escada.

"...e há sempre confusões com as escada e quem é que lava, mas de resto...acho que principalmente no bairro da minha mãe, acho, eu costumo dizer que são todos uma família."

Sente o peso da solidão, expressa sobretudo pela linguagem não verbal.

"Às vezes, tenho..., preciso de qualquer coisa."

3. As jovens mães de gravidez não planeada e família monoparental

As entrevistas nº11 e 13 são constituídas pelo testemunho de duas jovens, cujas famílias são oriundas do meio rural.

A jovem da E11 nasceu e cresceu no “bairro chinês”, mais tarde mudam-se para a zona J de Chelas. A jovem E13 nasceu e cresceu numa aldeia do Fundão, vindo trabalhar para um colégio em Lisboa.

A E11 tem 18 anos, mãe solteira aos 16 anos e actualmente grávida de 3 meses, acabara de cometer uma tentativa de suicídio, numa das semanas anteriores à entrevista. A E13 tem 30 anos, uma mãe vivendo com os cinco filhos do mesmo pai.

Ambas sofreram as consequências dramáticas das dificuldades de relacionamento e a rotura com a família. As duas foram expulsas da casa dos pais. As relações com os parceiros tem sido problemáticas e difíceis. Não têm amigos, nem vizinhos com os quais desenvolvam relações de interajuda e de confiança. Há nelas a entrega a acontecimentos que não dominam, mas que as dominam, o sentimento de impotência e de serem vítimas é forte. E estão sós. A mais jovem ainda conta com a amizade da mãe, a sua melhor amiga (tal como E1).

Saíram da escola com o ciclo preparatório, quando têm emprego trabalham nas limpezas. A mais velha queixa-se da dificuldade de arranjar emprego e de conciliá-lo com o cuidado de cinco crianças, das dificuldades de as sustentar. A outra gostava de ter a filha consigo e ainda não pode.

Os projectos têm um contorno vago no tempo imediato. A E11 sonha com a estabilidade conjunta, o “*depende de outros*”, a E13 não sonha, no futuro “*vê tempos difíceis*”.

A relação com a assistência social não foi gratificante. A E11 teve uma relação pontual e acabou por perder o RMG, que não chegava para as despesas, ao completar o horário de trabalho. A E13 foi humilhada e maltratada, escoraçada no 1º contacto com os serviços. Numa 2ª vez, 3 anos mais tarde, descobre na nova assistente uma amiga, uma mãe. E reconcilia-se com assistência social.

A inserção na rede social família, amigos, vizinhos, comunidade é muito precária e ambas apresentam uma grande vulnerabilidade à exclusão social, com poucas amarras para se agarrarem: uma à mãe e ao trabalho(E11); a outra à assistência social (E13).

Entrevista nº 11

Houve muitas dificuldades para aceder à jovem, só ao fim de 2 meses foi possível contactá-la em casa dos pais, estando no período de repouso, posterior à tentativa de suicídio, e novamente acolhida, após a expulsão destes.

A entrevista ocorreu, durante 45 minutos, nas instalações da DGAS, em Março de 1999.

Ao longo da entrevista, a jovem foi calma, não demonstrou emotividade, foi muito breve e nem sempre emitiu respostas às perguntas feitas.

A jovem apresentou-se acompanhada pela mãe e não aparentava nem tristeza, nem abatimento, apenas foi distante.

Saiu aos 15 anos da escola para trabalhar porque engravidara e *“os pais não tinham obrigação de sustentar o bebé”*.

Realçou as suas dificuldades de relacionamento com o pai e com o pai do primeiro bebé, deu a entender que estas é que eram *“as suas dificuldades”*.

Trabalha como empregada de limpeza na mesma empresa onde trabalha a irmã.

Actualmente, vive com o encarregado, o namorado actual, de quem engravidou há 3 meses.

Candidatou-se ao RMG, insuficiente face às despesas, mas acabou por perdê-lo por ter ultrapassado o nível de rendimentos, considerado superior, para o poder usufruir.

Não exprimiu qualquer sentimento (positivo ou negativo) sobre a relação estabelecida com a assistência social.

As relações de amizade, de amor duram enquanto duram, *a amiga é até ser e o namorado é até ser*, com excepção da relação mãe-filhos, com a mãe e agora, por sua vez, com a sua filha.

Deixou a ideia que *“as coisas lhe acontecem porque têm que acontecer”*. Assume que as dificuldades existem porque é uma pessoa *“diferente”*, é vítima do pai que não evoluiu, *“...ele não evoluiu, também, e não deixa os outros como já não bastasse”*.

Esta jovem omite certas realidades. Diz-nos que não tem problemas e acabou de fazer uma tentativa de suicídio. Afirma que desconhece se os pais tinham dificuldades e no entanto, disse-nos que viviam no bairro chinês, um bairro da zona oriental de barracas.

Uma estratégia de preservar a sua privacidade ou desejo inconsciente de não querer ver, de não querer dar a conhecer para não ser estigmatizada, para não ser julgada ?

Trajectória familiar

O pai é natural de Castro d' Aire e a mãe de Lamego. Vieram para Lisboa para trabalhar. Os pais são reformados da indústria. A mãe trabalha a dias como forma de obter um rendimento complementar da reforma.

“A minha mãe desde dos 9 ou 7, o meu pai não sei. Não, a minha mãe veio sozinha, veio trabalhar, era complicado, era estilo empregada doméstica, vivia lá, agora é diferente trabalha umas 4 horas e vem para casa...mais tarde trabalhou numa fábrica.”

Não sabe se os pais tinham dificuldades, se costumavam recorrer à assistência social. No entanto, revelou-nos que viveram no “bairro chinês” e mais tarde, mudaram-se para a zona J de Chelas.

Tem um irmão e duas irmãs que já não vivem com os pais, mas que os vê com regularidade quase diária. A relação é boa mas não se confia às irmãs.

Dá-se bem com a mãe e a irmã, mas mal com o pai.

“Tenho com a minha irmã e com a minha mãe uma relação melhor do que com o meu pai. Eu e o meu pai sempre nos chocámos muito...por isso comigo é uma pessoa que não dá pra falar porque só ele que tem razão, só ele é que sabe e não dá mesmo, nem vale a pena tentar, porque não dá, de maneira nenhuma. (Com a mãe) “É boa, é uma amiga... que eu digo-lhe as coisas, agora, actualmente, porque dantes não, mas era natural fazer assim, agora já penso diferente do que pensava anos atrás, eu dantes, se calhar, não confiava nela, não é, era natural, contava isto assim à minha mãe, agora já não posso assim...acho que tenho de contar tudo à minha mãe porque ela não vai fazer nada pró meu mal.”

Os pais já vivem juntos há muito tempo, mas divergem na abordagem dos problemas dela e ultimamente, têm-se dado mal um com o outro.

“É assim um bocado complicado...Dão-se bem, não é, senão não estavam tanto tempo, agora não se dão muito bem, porque eu sou a causa de muitas confusões cá em casa deles, porque a minha mãe é assim, o meu pai já julga assim, o meu pai tem razão e a minha mãe não tem pra ele, é claro, e causa assim várias coisas que eram escusadas.”

Engravidada aos 15 anos.

“...só isso, que eu tinha que ir trabalhar porque ia ter um filho e os meus pais não tinham que me sustentar, não é.”

As pessoas mais importantes são a mãe e a filha.

“Não tenho assim nada. Não. Não recorro assim as coisas. Só a minha filha e a minha mãe. São diferentes dos outros.”

Actualmente, vive no Cacém em casa do namorado, onde não existem condições para a filha bebé, por isso os pais ficaram com ela.

A saída da casa dos pais não foi pacífica, resultou do confronto com a autoridade do pai.

“Como é que eu hei-de explicar...porque eu tenho assim...uma pessoa um bocado diferente, não sei, mas não sei assim...ele só vê o dinheiro e a minha mãe já não é assim e eu como trabalhava tinha sempre que dar quase o dinheiro todo e achava errado, mas o que é que havia de fazer?...Mas, eu também não podia fazer nada, não é, estava lá morar...nesse aspecto ele queria... “se estás mal...sais”, por exemplo, não sei, isso gerava muitas dificuldades porque eu trabalhava as 8 horas...porque eu tinha lá colegas e não era nada assim, gerava muitas confusões.”

“Então, eu fui à discoteca, eu cheguei tarde e o meu pai não me deixou entrar, e eu fui dormir a casa dele, do meu namorado, depois no dia a seguir voltei e depois mais tarde, fiz a mesma coisa e depois já não...o meu pai disse ou entras ou sais...e eu...saí...”

“Não abriu a porta às 2h, 3h e fui dormir com o meu namorado...”

As dificuldades com o pai não se resolviam, passavam com o tempo.

“Muitos deles nem se...nunca resolviam, passavam, não é o caso de passar por cima, mas passavam, simplesmente e por isso, há outros que não.”

Surge uma 2ª gravidez, não planeada, no meio destes acontecimentos.

“Porque já tinha de acontecer...olhe, aconteceu, também eu me pergunto como é que aconteceu, também não sei.”

E muda-se para a casa do namorado. Os seus rendimentos são o salário do namorado. *“Porque aconteceu isto...agora juntei-me...”*

Já teve outros planos, que era ser só ela e a filha. A filha bebé está numa creche ao pé da casa dos pais, por isso não a tem ao pé dela. Mas, gostava de a ter.

Planos para o futuro....apenas vê outro filho, não os tem.

“...vou ter outro filho, também já não posso ser eu e ela.”

“O que eu vejo agora..., por exemplo, vejo outro filho. Só isso e chega. Mais cheia... não sei explicar.”

A relação com este namorado não é perfeita.

“...não é das piores, mas também não é das melhores.Porque ele tem assim um feitio...e eu também. São feitios diferentes e às vezes, não nos damos assim muito bem.”

Mas, gostava de construir uma estabilidade comum.

“Estabilidade, pra mim acho que é muito importante (como alcançá-la...) ...trabalhar, há-de haver outras coisas...por exemplo...depende dos outros..., até quando a gente não sabe, pode trazer muita estabilidade comum com outras pessoas, mas sendo nossa, não temos, mas temos uma estabilidade comum, que é o que muita gente tem é essa estabilidade comum, que certamente sozinha não tem essa estabilidade, por exemplo, a do homem e mulher, os filhos e dos pais, os filhos estão estáveis, enquanto estão em casa dos pais, quando saem não, poderão vir ter uma maior, mas actualmente, se calhar quando saírem não têm.”

Percurso escolar e profissional

Concluiu o 6º ano, saiu, já grávida, aos 15 anos para sustentar o bebé. Foi trabalhar numa empresa de limpezas, na mesma onde a irmã estava.

Amigos e vizinhos

Tem uma amiga que é colega de serviço e tinha outra que era vizinha, mas que foi para o estrangeiro. Não se confia nelas porque a amizade não dura eternamente.

Eu até poderia precisar de uma ajuda, mas eu nunca ia pedir a uma amiga porque...são amigas até ser.

Não se pronunciou sobre a vizinhança.

Percurso na assistência social

Não menciona se a família já recorria à assistência social. Dirigiu-se ao Centro Regional de Segurança Social para se candidatar ao ser informada da existência do RMG. As razões que a levaram devem-se ao facto de ser mãe solteira e de estar a trabalhar na altura 2 horas e de ter rendimentos insuficientes. Levou 6 meses a obtê-lo.

“Eu cheguei lá e pedi aquele impresso, que tinha dado na televisão do RMG, eles deram-me o impresso, o impresso e eu preenchi e entreguei-o.

Depois...é que surgiu a assistente, foi saber porquê e essas coisas todas, que eram essenciais saber e a partir daí é que surgiu a assistente social.”

O facto de recorrer à assistência foi algo normal como outra coisa qualquer. Mas, “quem precisa tem que esperar”.

“...é assim, é a mesma coisa quando a gente vai ao médico, quem precisa tem que esperar, é a mesma coisa quando fui para ter o RMG, é igual, pra mim foi.”

“Ah...pedir o empréstimo...o impresso, é normal, pra mim é como pedir outro impresso.”

O RMG foi utilizado para adquirir os bens de consumo para o bebé, mas não chegava para comprar os medicamentos, em caso de doença.

“...era porque eu podia comprar as coisas e ao mesmo tempo não era, porque eu ficava sem ele na mesma, quando ela ficava doente eram os meus pais que tinham que comprar os remédios.”

A assistente arranhou-lhe o RMG e a creche. O RMG foi cortado porque alargou o horário de trabalho e os rendimentos aumentaram.

“Em Abril de 98, porque foi quando comecei a trabalhar, não quer dizer, que tenha sido cortado em Abril.”

A inserção na rede social

Esta jovem tem dificuldades relacionais com o pai, com os namorados. Não tem amigos em quem confie. Não conta com os irmãos, embora conviva regularmente com eles. Só confia na mãe que é a melhor amiga. As pessoas mais importantes são a mãe e a filha.

A estabilidade comum é muito importante para ela, contrastando com as suas dificuldades relacionais. Os seus planos centram-se na “estabilidade da vida em comum”.

Retirou-se da escola sem a escolaridade mínima obrigatória. Com baixas habilitações começa a trabalhar como empregada da limpeza, primeiro em horário reduzido, depois em horário completo o que a leva a deixar de ser abrangida pelo RMG.

Entretanto, engravida mais uma vez e as dificuldades económicas e emocionais podem-se agravar se a nova relação amorosa não tiver uma base sólida.

Está em risco de enfraquecer ainda mais os seus laços, enquanto aumentam as necessidades económicas, caso não consiga desenvolver um relação satisfatória com o actual namorado.

Entrevista nº 13

A entrevista realizou-se no dia 25 de Março, numa sala cedida pela creche, que os filhos frequentam, com mediação da assistente social que desenvolve o acompanhamento. Este local foi escolhido por ser considerado o mais acessível pelas partes envolvidas.

A entrevistada desabafou a sua história entre suspiros e lágrimas. Respondeu a todas as perguntas durante uma hora.

É uma jovem mãe solteira, de 30 anos, que se sente sozinha, sem apoios do pai dos seus 5 filhos. Esta família sobrevive com o RMG e com os abonos das crianças. Lamenta-se da dificuldade de conciliar o trabalho com as suas obrigações familiares e da insuficiência dos recursos.

Esta jovem de 30 anos nasceu em meio rural, numa família pobre, numerosa de 14 irmãos. Considera-se uma pessoa sozinha, sem o apoio de familiares, sem amigos, “vítima” da irresponsabilidade do namorado e da mentalidade dos pais.

Vê o futuro com muitas dificuldades, com poucas probabilidades de obter rendimentos suficientes, devido ao facto de ter baixas habilitações (2º ano do ciclo).

Trajectória familiar

Oriunda duma família pobre de 14 irmãos, residentes numa aldeia da Beira Baixa, vem para Lisboa trabalhar com 18 anos num colégio interno. Foi nessa altura que conheceu o pai dos filhos.

“Pronto, eu sou do, portanto do interior, sou do Fundão, portanto vim trabalhar para Lisboa, com 18 anos, num colégio interno e pronto, depois a gente saía, passear, não é, iamos o fim-de-semana sair e depois, conheci o pai dos meus filhos. Tinha 19 anos.”

Engravidada do 1º filho. Deixa o trabalho e junta-se com o namorado. Os pais não aceitaram a **gravidez** fora do casamento e rompem com ela. Havia uma tia em Lisboa, que a apoiara nos primeiros tempos em Lisboa, que perante esta gravidez toma uma posição de afastamento. A partir desse acontecimento deixa de ter contactos com a família. Entretanto, o namorado faz-lhe mais um filho e ao fim de 3 anos deixa de viver com ela.

“Conheci o pai dos meus filhos e ao fim dum ano, eu deixei o trabalho e juntei-me com ele, pronto,...mas estava já grávida do mais velho, os meus pais...como eu sou a filha mais velha, tenho 14 irmãos e sou a filha mais velha, e eles pensavam, prontos, queriam-me casar, faziam muito gosto, pronto, a cerimónia, a igreja e essas coisas todas, que os pais gostam, pronto e eu não fui, pronto, fiquei grávida logo, ainda por cima não estava casada e essas coisas todas, pronto, foi tudo muito complicado.”

“...só que eles tinham que ver que eu estava grávida, que eu não tinha apoio de ninguém, pronto, puseram-me fora de casa, de qualquer maneira eu já cá estava, não é?”

“Pronto, fiz ainda um percurso difícil, quando ele nasceu tive que ir para a casa de Stº António... lá estive 8 meses arranjaram-me esta casa, onde moro agora, então aí, pronto, estivemos ali a viver 2 anos, nestes 2 anos nasce mais um filho, eh pronto, a partir, depois no fim de 3 anos deixei de viver com ele, ele era assim uma pessoa irresponsável, pronto, ele vinha habituado a uma vida, pronto, era só ele, não é, vinha cá algum tempo...tinha assim uma vida...”

Ela própria afasta-se dos familiares. Sente-se sozinha. Não pode contar com o apoio deles.

“Desde daquele problema com os meus pais, pronto, foi de eu estar grávida, então pronto, eu afastei-me. Senti...Embora, pronto, há coisa de 2 anos fui lá...receberam-me muito bem e tudo. A minha mãe vir cá e o meu pai não vêm e eu também não tenho hipóteses é tudo pra eles...”

“Pronto...é aquela coisa de estar sozinha, não é? Depois, pronto, o facto da família, não ter ninguém, não é? Não vivem ao pé de mim, e pronto e a relação também não é assim muito boa (ri-se amargurada).

“Eu pelo que sei é aquele medo, não é, pronto, ao mesmo tempo eu tinha que ir para longe dos meus pais, pronto, que eles não querem, que realmente a vizinhança, pronto, tenha conhecimento que eu estou sozinha, com cinco crianças e não sei quê, não é, tanto que, quando lá fui, a minha mãe, pronto, a minha mãe prás vizinhas e não sei quê, disse que o meu marido estava no estrangeiro, pronto nesse aspecto eu tinha que ir, para uma cidade mais longe....”

Existe um forte ressentimento em relação aos pais.

“Bem, eu até certo ponto compreendo, pronto, por eles me...me...eles me terem, rejeitado na altura, que eu precisava mais, não é, estava grávida, realmente precisava muito deles e agora também escondo um bocado a situação, os meus pais sabem que eu vivo separada, que tenho 5 filhos, que estou a viver sozinha, não sei quê, pronto, vivo sem trabalho, mas ao mesmo tempo, pronto, não sabem muito bem a situação em que estou.”

Os seus filhos e ela experimentam muitas dificuldades económicas, muitas carências.

“Grandes dificuldades, pronto, é económico, mais económico...embora eu tenha momentos muito maus, não é, eu tento pronto, não, tenho dias de não ver ninguém...Tenho muitas dificuldades económicas, tento dar a volta por cima, da melhor maneira, como é que eu faço...pronto, peço dinheiro a alguém, não é, já tenho pedido à minha cunhada, a uma vizinha também, que de vez em quando, me empresta dinheiro, não pode ajudar mais nada, agora estou a precisar de comprar uns óculos para os meus filhos e há 3 meses que estou à espera de uns óculos, pronto ficam à volta de 50 contos e eu não tenho dinheiro, já lhe (a assistente social) cheguei a dizer ou pago a renda ou compro os óculos.”

A solidão é uma tónica nesta trajetória, que contrasta com a memória das dificuldades vividas na sua aldeia. Havia sempre alguma coisa para comer, os vizinhos ajudavam.

“Eu sou a mais velha de 14 irmãos, também, pronto, era assim uma situação difícil, não é, embora lá talvez seja mais fácil, consiga-se muita carne, muita coisa lá, aquelas pessoas também ajudam, não é, mas pronto, mas também se vivia momentos de dificuldade.”

A avó costumava dar refeições sempre que apareciam lá em casa dela.

“...tanto faz eu como os meus irmãos, não é, íamos a casa dela, pronto havia sempre, ela tinha sempre uma panela de sopa, que nos dava uma tigela de sopa e pão com queijo, ou assim...”

O namorado foi alguém muito importante na vida dela e dele guarda também muito ressentimento. Teve 5 filhos, apesar das constantes ausências.

“Importante é. Foi, a primeira pessoa que eu conheci, portanto é importante, e pronto, naqueles 3 anos que a gente viveu junto eu não via e hoje mesmo, eu não vejo nada à minha frente e prontos, também não me ajudou muito, não é...e a gente chega a um ponto fica prá ali e pronto. Depois, de não me ajudarem nada...sinto-me sentida”

“Depende...(ri-se) é capaz numa semana vir duas ou três vezes, mas também andar 2-3 meses sem aparecer. Ah...ao princípio era mais difícil, chorava, ficava preocupadíssima, mas pronto, mas depois cheguei a uma conclusão que realmente não me podia habituar à situação...se viesse vinha, se não viesse não estava à espera...ao princípio ficava muito preocupada, chorava, não sei quê...essas coisas, agora não, se aparecer aparece, senão aparecer não aparece.”

A “cunhada”, irmã do marido, convive com ela e é o único familiar com quem estabelece uma relação mais regular.

“...só cá está uma irmã e é com essa irmã que muitas vezes falo. (As lágrimas vêm-lhe aos olhos emocionada).

Tem dificuldades em ver um futuro que não seja complicado.

“Pronto, derivado à situação em que fiquei, não é, realmente, fiquei, pronto, sem o meu marido, não é, claro, pronto, as minhas habilitações são muito baixas, não dá para ter grandes ambições no trabalho, realmente não tenho hipóteses duma vida melhor e que esses trabalhos são muito mal pagos, pronto, muita coisa ficou para trás...”

Se o pai dos filhos mudasse e assumisse o seu papel de pai poderia ter outra vida. Sente-se uma vítima.

“Claro, ele, pronto, com o ordenado dele porque ele tem uma profissão linda, em que ganha muito dinheiro, podíamos realmente fazer frente à vida e termos uma vida boa, mas pronto, ele é um bocado irresponsável, e pronto, não quer assumir a situação.”

Trajectória escolar e profissional

Saiu da escola quando concluiu o 2º ano porque o pai não podia dar mais instrução aos filhos.

Veio para Lisboa trabalhar num colégio interno, onde esteve dos 18 aos 19 anos. Engravidada e deixa de trabalhar. Mais tarde, já separada do pai dos filhos e com dois filhos, consegue emprego por turnos de 3 horas numa empresa de limpezas. Não tem muita experiência de trabalho.

Engravidada do 3º filho e após o nascimento deste começa a ter dificuldade em manter o emprego por ter a cargo o cuidado de crianças pequenas.

O dinheiro é insuficiente e precisa de trabalhar, mas hoje com 5 crianças é lhe difícil cumprir horários.
“Arranjar emprego é difícil depois é a situação de 5 crianças, não é, não posso, pronto, as pessoas, muitas vezes, querem que eu entre às 8 e tenho que sair às 6....não pode ser, mesmo que as deixasse aqui às 8h 30m, mas depois a partir das 5 horas, tenho que as recolher a todas, não é, pronto, até às 5h 30m.”
Houve planos que ficaram para trás, gostaria de ter estudado.
“...Pronto, eu tinha uma ambição, pronto, que era tirar um curso, estudar de noite e portanto ter...portanto de ficar separada e de ter cinco crianças a meu cargo...”

Amigos e vizinhos

Não tem amigos nem vizinhos com quem possa relacionar-se mais estreitamente.
Tinha amigas que a abandonaram quando ficou grávida.
“Mas, pronto, depois também me comecei a isolar. Elas também podem vir ter ou eu também, pronto, mas como, eu não estava casada, não sei quê, também me puseram um bocadinho à margem e eu então, pronto, comecei-me afastar, afastar...”

Recursos

Vive da assistência social, do RMG e dos abonos das crianças.

Percurso na assistência social

A família, residente numa aldeia do Fundão apesar de ter dificuldades, nunca recorreu à assistência social, havia ajudas de vizinhos e de familiares, havia sempre de comer.
Em 1993, a primeira vez que se dirige à Stª Casa foi mal atendida, recusaram-lhe ajuda.
*“Foi assim, portanto, este serviço da Stª Casa, não é, só que da primeira vez, foi, pronto, há volta de 6 anos e portanto, realmente a assistente social que me atendeu, foi muito bera, um bocado, pronto, muito má. Portanto, no aspecto em que lhe pedi, portanto, eu tinha ficado separada, não é, tinha dois filhos, estava sem trabalho e realmente através duma amiga, e primeiro foi a minha cunhada, que me falaram, porque eu até não conhecia, não sabia, portanto, pronto, então a minha cunhada falou : - Vai assim em tal parte.
E me explicou essas coisas todas...e então eu vim, meti-me ao caminho com certa vergonha, expôr o caso...porque eu ao princípio, pronto, achava que a culpa era minha, não é? Separada e não sei quê, pronto, sentia-me mal, é que ao mesmo tempo eu não sabia qual era a reacção das pessoas, não é? E pronto, não vêem bem uma mulher que seja separada ainda hoje em dia. Tive mau pressentimento. Então, chego, encaro uma assistente social, em que puz o meu caso e ela diz que eu fosse trabalhar, eu vinha duma situação de procurar emprego e não conseguia e nessa altura não tinha creche para os meus filhos, porque eu quando estava com o meu marido não trabalhava, e pronto, tinha os meus filhos em casa, não é, e então fui pedir e ela, mesmo muito bera comigo, num som muito alto em que me disse que eu fosse trabalhar...e eu saí porta fora e nunca mais, pronto até resolver a situação.”*
Foi trabalhar em turnos da limpeza, à tarde uma vizinha ficava-lhe com as crianças. Mais tarde, engravida novamente e é despedida. Vive durante uns tempos do Fundo de Desemprego.
Em 1996 recorre, outra vez, à assistência social. Foi bem tratada e obteve resposta.
“...então cheguei à conclusão...bem tenho que ir novamente com a assistente social, pensava eu que estivesse a mesma, qual foi o meu espanto realmente a assistente social já não era a mesma, cheguei e fiquei muito contente e tratou-me de outra maneira, tratou-me muito bem, resolveu-me logo a situação.”
Encontrou apoio moral, compreensão, apoio económico, ajudas alimentares, para o vestuário, creche, ATL e mais tarde o RMG. Considera esta assistente uma “mãe”. Houve uma evolução positiva no relacionamento com a assistência, entre o escorraçar e o acolhimento a mudança foi nítida como branco no preto.
O sentimento experimentado passou da vergonha e da humilhação para a gratidão e o conformismo face à necessidade.

“E agora, senti-me mais à vontade, porque ela também me pôs mais à vontade. Não sei, já não me sinto...vergonha, acho que ela própria fez com que eu estivesse mais à vontade, não é? E que perdesse um bocado os complexos, pronto, ela mesmo, pronto, aconselhou-me:- Você, tem que se mexer. Você não pode ter vergonha, vai, precisa, tem que andar...porque se estiver em casa à espera que as coisas lá cheguem, não resolve nada, nem consegue nada, não tenha vergonha estas situações são milhares delas, você não é única e tem que cuidar da situação em que está.”

O RMG ajuda, mas não chega para fazer frente às necessidades da família. Serve para pagar a renda da casa, para a alimentação. Lamenta a perda de oportunidade de fazer um curso de formação, impedida pelo adoecimento das crianças.

“Mudou no aspecto económico muito. Dá, pronto, embora não seja muito, dá para viver e para dar de comer aos meus filhos. Para pagar a renda e para a alimentação. Eu neste aspecto estou satisfeita, não é, pronto, só estou um bocadinho coisa porque realmente ter que trabalhar onde eu estava de fazer um curso, não é, portanto eu estava muito contente de ir fazer um curso...e perdi essa oportunidade.....realmente elas estavam doentes, não podia.”

Inserção na rede social

Sente-se só. Não tem amigos nem vizinhos com quem conviva regularmente *“Pronto...é aquela coisa de estar sozinha...não ter ninguém, não é?”*. A família, numerosa, rejeitou-a.

“Aliás, tenho uma irmã cá em Lisboa que não a vejo há 10 anos. Não tenho ninguém.”

O pai dos seus 5 filhos, o “marido”, viveu alguns anos com ela, nunca teve uma presença constante e nunca ajudou e mais tarde deixou-a, no entanto foi continuando a ter filhos dele.

É alguém muito vulnerável às suas fragilidades: desvalorizada aos olhos da família, do pai dos filhos, solitária sem amigos e dominada por um sentimento de impotência face aos acontecimentos que marcam a sua vida. É alguém cuja dependência da assistência social é um dos laços mais fortes que a ligam a esta sociedade.

Jovens com habilitações (mínimas ou mais)

Estes jovens distinguem-se dos outros jovens por terem concluído a escolaridade obrigatória dentro da idade prevista, alguns deles estão a frequentar o curso secundário complementar, curso médio profissionalizante, outros a terminar ou já possuem uma licenciatura.

As dificuldades familiares atingiram fortemente a sua identidade, muitas vezes, compensada por uma relação positiva com a escola. Têm sonhos e planos para o futuro, que passam pela constituição de família e pela melhoria das condições de vida.

A relação com a assistência social foi importante e continua a sê-lo em dois dos casos, nos outros dois, apesar das dificuldades iniciais, só muito recentemente recorreram aos serviços sociais.

Os jovens da E3, da E5, da E14 têm poucas probabilidades de fazerem parte dos excluídos: diversificaram as suas relações sociais, mobilizam-se para realizar projectos, conseguem, cada um à sua maneira, superar dificuldades, estão em melhor posição para entrar no mercado de trabalho relativamente aos outros jovens. E7 é o mais jovem, tem 16 anos, frequenta o 10º ano, inibido, refugia-se dos contactos sociais, é o mais vulnerável, os laços com a família são quase inexistentes e com a comunidade, com maiores riscos de vir engrossar o grupo de pessoas mais vulneráveis à exclusão social.

Entrevista nº 14

A entrevista decorreu nas instalações da DGAS, no dia 30 de Março de 1999, após uma combinação efectuada por via telefónica. Durou uma hora, na qual o entrevistado apresentou facilidade de expressão, interesse e disponibilidade para responder às questões postas.

Este jovem de 25 anos, do sexo masculino, frequentando o último ano do curso de medicina veterinária, pretende dedicar-se à clínica dos pequenos animais.

Filho de mãe solteira, oriunda duma família pobre, vive num bairro social do Beato, com o irmão deficiente, o padrasto (funcionário público) e uma tia idosa, tendo a mãe falecido recentemente de doença oncológica. Foi nessa altura, devido à doença da mãe que recorreu à assistência social, embora tenha crescido no meio de sérias dificuldades económicas.

Trajectória familiar

O pai vem duma família que possuía melhores condições de vida, o avô paterno trabalhava por conta própria como estofador.

“...portanto, o meu pai nasceu também perto da zona, onde eu moro, em Xabregas, freguesia do Beato, era filho único, era duma família, naquela altura acho que se podia considerar classe média, portanto o meu avô tinha uma empresa, naquela altura, uma oficina de estofos, era estofador, mas era dele e portanto penso que não lhe faltava assim, pelo menos comida, não lhe faltava condições, ele quis deixar de estudar, penso que na altura chegou a fazer o 5º ano, mas não tenho a certeza, mas penso que sim, e começou a trabalhar muito cedo..”

A mãe é oriunda duma família pobre, onde se chegou a passar fome, viviam da venda na rua.

“A minha mãe, ao contrário, era de uma família baixa, portanto eram 5 irmãos, o meu avô tinha morrido com tuberculose, com aquelas coisas e a minha avó, coitada aquilo de 5 filhos à frente, então os filhos começaram a trabalhar muito novos, a minha avó vendia legumes e a minha mãe, portanto, quando era pequenina até andava descalça que...O meu avô faleceu tinha a mãe meses, segundo ela contou, ela já não chegou a conhecer e portanto tinha meses era o que ela me dizia, a minha avó e a maior parte da família vendiam, a minha mãe começou a trabalhar muito nova, 13- 14 anos...”

Residiam todos na zona oriental de Lisboa.

Os pais conheceram-se e tiveram um relacionamento, donde resultou o nascimento do jovem. De regresso da guerra colonial, o pai casou com outra, indo ao encontro dos desejos dos avós paternos que consideravam a mãe do jovem de condição social inferior.

“...e depois o meu pai foi prá guerra do ultramar e entretanto, quando veio, quer dizer, já estava tudo defendido, penso eu, para se casarem, a minha mãe já tinha andado à procura de casa, cartas, escreviam-se, entretanto ficou grávida de mim e dois meses depois, descobriu que o meu pai casou com outra, foi isto, também tem haver com os meus avós, a minha mãe era de uma classe mais baixa...”

O jovem entrevistado conta que teve dificuldades, mas que nunca lhe faltou alimentação.

“...lembro-me de uma bicicleta, que eu sempre gostei de a ter e nunca tive e de lhe pedir a bicicleta e ela dizer: -Isto, não te posso dar.- Mas, graças a Deus, eu considero-me feliz porque nunca me faltou alimentação, quer dizer, eu acho que há prioridades e ela sempre soube dar essas prioridades em termos de roupa e higiene, portanto, embora com dificuldades da casa, das estruturas, tínhamos que tomar banho num alquidar, a casa de banho nem tinha chuveiro, só tinha água fria, era um bocado, e eu lembro-me de miúdo, sempre se tomava banho e essas coisas..quer dizer, lembro-me, por exemplo, ela, às vezes, tinha vergonha, era eu que ia pedir dinheiro emprestado a algumas vizinhas, que ela tinha dificuldade e ela dizia : -Olha, filho vai ali àquela vizinha e pede-lhe 1000\$.-”

Inicialmente, residia numa vila camarária, passando, mais tarde para o bairro social de Chelas.

A mãe foi muito importante na sua vida. É a ela que deve tudo o que é, que lhe ensinou o que é o amor. Neste momento, está de luto porque faleceu há pouco tempo.

“..Portanto, a minha mãe marcou-me, quer dizer, eu acho, podia falar um dia inteiro sobre isso, mas porque me deu muito amor vem muita coisa, acho que me amou muito, e com o amor vem muita coisa, portanto, escuso de dizer mais coisas, quer dizer, uma pessoa que ama muito e uma pessoa que amou muito também os outros e ensinou-me tudo o que sou hoje, quer dizer, ajudou-me a formar como pessoa, a integridade, a personalidade, ajudou-me nos momentos difíceis, marcou-me, marcou-me sem dúvida.”

Não tem contactos com a família paterna nem com o próprio pai.

“Do lado do meu pai, os meus avós não me dou bem, é uma relação distante, portanto distante. Talvez, porque eles sempre foram distantes e eu sempre tentei, porque a minha mãe quando era pequeno, a minha mãe dizia: -Telefona para, até para o teu pai, para o teu pai, para os teus avós- E eu ligava para eles, mas eu sempre notei nos meus avós um certo distanciamento...”

Não se identifica com a família materna, pela maneira de estar e de pensar (porque não conviveram com pessoas de determinado nível), mas estabelece relações regulares e afectivas com eles.

“...da parte da minha mãe, da minha família são muito diferentes até da minha mãe, porque a minha mãe embora tivesse...distinguiu-se de certa forma por uma maneira de estar diferente, não tinha muitos estudos, tinha um ar mais, sabia-se comportar melhor, por exemplo, tinha conversas melhor, por exemplo, tinha conversas melhores, quer dizer, tinha convivido sempre com pessoas de determinado nível assim e adquiriu também um status, portanto, não sei se pode dizer, isto são palavras, mas era diferente, portanto era agradável, uma pessoa agradável com quem se podia falar e as minhas tias já não são bem assim, algumas, quer dizer, já são, quer dizer, eu não me identifico muito com elas, as conversas que posso ter com elas, muitas vezes..., outras vezes, são conversas agradáveispor exemplo, há conversa que não posso ter com elas porque elas, isto parece um bocado, mas não atingem, percebe, outras vezes temos conversas, somos amigos...”

“...quer dizer, a relação é boa, se calhar não se pode falar em tudo com elas, nem tudo percebem, por exemplo com os meus primos, o nível de conversa não é aquele que mais me agrada, quer dizer, estou com eles, rio-me, divirto-me e digo-me assim : -Não, coitados!-

Vive com o padrasto, o irmão e a relação é boa.

No futuro deseja constituir família.

Amigos e vizinhos

Diversificou a sua rede de amigos e conhecidos aos colegas da faculdade, aos colegas de voluntariado na Igreja, estendendo-se para lá das fronteiras nacionais.

“Tenho sempre bons amigos...eu acho que tenho um bocado de amigos por todo lado...”

“...faço voluntariado...numa paróquia, onde sou animador dum grupo de jovens.”

A família estabelece relações de interajuda com uma vizinha que deu muito apoio nos momentos mais difíceis.

“...eu dou-me bem com toda a gente, mas é tudo na base do bom dia, da boa tarde...”

“...a minha vizinha do lado, nós temos um relacionamento muito bom...ela ajuda-nos de vez em quando, vai lá ou eu...”

Realça a distância em relação a alguns vizinhos.

“...fomos para àqueles prédios, que eram pessoas que tinham morado em barracas e que...portanto a nossa casa não era bem uma barraca.

O padre da Igreja é mais que um amigo, é um, substituto do pai que não teve.

“...um padre que eu encontrei muito meu amigo, que encontrei que é meu...um grande amigo meu, portanto, com quem falo muito quando tenho um problema, quando tenho dúvidas, por vezes, é um ponto de referência, digamos, é o meu pai adoptivo, de certa forma, não é?”

Trajectória escolar e profissional

O jovem tem 25 anos e frequenta o último ano do curso de medicina veterinária.

Pretende desenvolver actividade na clínica veterinária. Dá explicações.

“Perspectivas a curto prazo, não é, vamos então assim...há uma escala, há o estágio, portanto fazer um estágio e arranjar emprego e gostava muito na área clínica dos pequenos animais, que era o que eu queria fazer, depois orientar a minha vida, se eu começar a ganhar dinheiro, gostava de ter a minha casa, o meu carro, a minha independência e também casar.”

Percurso na assistência social

Dirige-se pela 1ª vez à assistência no IPO. Daí, foi remetido para a assistência social da residência.

“A ajuda do IPO, da assistente social foi igual a zero, foi mais uma fase humilhante, quer dizer, chegar lá e fazer propaganda, havia papéis...Marquei a entrevista, fui lá e depois a assistente foi zero, remeteu-me para a assistente social da minha área.”

A 1ª assistente da Stª Casa desconfiou e recusou ajuda. A 2ª assistente já concedeu ajuda e a actual arranjou-lhe o RMG. Considera a arbitrariedade uma tônica, sem regras objectivas do funcionamento do acolhimento dos serviços da assistência.

“...na altura a situação...a minha mãe estava a precisar e eu tinha faculdade, a minha mãe estava acamada, tínhamos que dar uma solução e as soluções foram muitas, quer dizer, as soluções... primeiro houve uma grande renitência, quer dizer, a assistente social disse que não podia fazer nada, pra eu dar uma ajuda que era uma situação limite, não tinha, muito bem...”

Para a assistente social nos ajudar 20 contos foi toda uma epopeia, portanto, até um acordo tive que assinar com a Stª Casa, a minha vizinha tinha que assinar um recibo todos os meses, que eu tinha de entregar em como aquele dinheiro recebia realmente, ela por fazer todo aquele trabalho, eram situações humilhantes, quase que desconfiavam de nós, quase que desconfiavam de nós, quer dizer ninguém ia pedir, ainda mais a situação da minha mãe estava, eu não ia inventar uma situação dum cancro numa fase terminal pra arranjar e.. portanto, foi tudo assim, depois deram-nos durante 3 meses...mas só fizeram ao 2º mês o acordo e durante, portanto, o último mês a minha mãe já tinha falecido.”

O RMG serve para as despesas escolares e para os tempos livres, mas não chega para cobrir as despesas de saúde.

“Por exemplo, para me manter na escola, para as fotocópias eu gasto muito dinheiro na escola porque eu como na escola, portanto, pronto serve para comprar fotocópias, serve-me pra comprar alguns livros que precisei, serve-me para comer na escola, para lanchar, portanto e, às vezes, também para os meus tempos livres.”

Incomoda-o a invasão da sua privacidade, o sistema social que foi feito para pessoas com um padrão de vida de dependência, pessoas que andam mal vestidas, porcas, que não sabem estabelecer prioridades básicas.

“...para já é uma área onde elas atendem as pessoas, é uma área, onde nós, onde é nossa residência, portanto normalmente há vizinhos...porque é sempre o receio de se verem pessoas, que são nossas vizinhas, depois são pessoas que têm o descaramento de perguntar:- Ah ...está aqui, então, mas o que é que se passa, porque é que está aqui?- Coisas que são do nosso foro íntimo, quer dizer, e já basta, é humilhante estarmos lá, e dar mostrar, dar, pedir qualquer coisa, eu acho que pedir, de certa forma já é humilhante, é mais fácil dar do que pedir, não é? Acho eu. E depois, eu quando entrei, quer dizer, fiquei assim, elas querem saber tudo e mais alguma coisa, quer dizer, depois perguntam tudo, isto e aquilo, e acho que, hoje em dia para uma assistente social se uma pessoa está mal vestida, está porca, não está lavada, está com mau aspecto é porque precisa, portanto se calhar, o pobre está estereotipado como sendo... hoje em dia acho que há a pobreza declarada e depois a pobreza por parisitismo.”

O sentimento face à assistência é negativo porque é inferiorizado, humilhado pelas assistentes sempre que se sujeita à intervenção delas e o confronto com os outros assistidos também o é.

Não foi uma situação muito boa, quer dizer, eu acho que nem toda a gente, se nós podemos prescindir de andar a pedir...estas coisa, de nós andarmos a humilhar, porque é pedir sempre...já sentia que era humilhante, chegar lá e ter que pedir, eu gostaria muito de não pedir, realmente ter possibilidades económicas, não é, mas é humilhante porque...quer dizer, depois é aquilo que se ouve, não quer dizer, e aquilo que se vê, depois vê-se, como é que eu hei-de explicar...quer dizer, é humilhante, eu acho que é humilhante porque é sempre pedir algo...

...perante a assistente social para já eu sou sempre inferiorizado porque elas tratam-nos sempre, eu pelo menos sinto-me sempre tratado como algo que não me sinto acolhido, portanto, acho que o termo seria este, não me sinto acolhido como uma pessoa que necessita. Às vezes, sinto-me mal, sinto-me como estou a precisar de algo que não é delas e elas, muitas vezes, tratam as coisas tão formalmente, muitas vezes, não são objectivas, acho eu, no meu entendimento, portanto estão tão habituadas a lidar com situações corriqueiras, muitas vezes, se calhar são mais simpáticas para as situações que estão muito mais habituadas do que para as nossas, para estas situações limite, tais como a minha...”

Recursos

Rendimento do trabalho do padrasto, da pensão da falecida mãe e do RMG.

Inserção na rede social

Mantém distância em relação à família, mesmo com aquela que teve uma presença regular ao longo da sua vida.

As dificuldades iniciais na infância devem-se à rejeição do pai e dos familiares paternos e aos problemas económicos da mãe.

Inserido no trabalho comunitário da Igreja e no mundo académico, faz planos sólidos para o futuro: ser útil á sociedade, desenvolver clínica veterinária e casar-se.

Entrevista nº 3

Esta entrevista foi efectuada nos finais de Janeiro de 1999 nas instalações da DGAS, tendo sido decidido com mútuo acordo da entrevistada.

A jovem demonstrou interesse e disponibilidade no estudo, apesar das questões privadas que lhe foram postas. A algumas destas questões foram respondidas com muita emotividade, entre copiosas lágrimas e suspiros. Decorreu durante 60 minutos.

Esta jovem tem 23 anos, licenciada em Relações Internacionais, empregada como quadro num banco, vive no bairro Padre Cruz, juntamente com a mãe e a irmã.

Na sua infância foi entregue até aos 7 anos aos cuidados duma ama da Stª Casa, devido à falta de condições da mãe solteira e à rejeição do pai. Referiu-se dolorosamente à falta de carinho e à pobreza em que viveu naqueles primeiros anos.

Ao longo da sua vida, foi alvo da assistência social: nos primeiros anos de vida, na reunião da mãe e filhos, na obtenção do alojamento, na educação e no acompanhamento da mãe, doente mental.

Actualmente, já não beneficia da assistência, mas a sua família com quem vive, nomeadamente, a sua mãe recebe o RMG.

Trajectória familiar e percurso na assistência social

Os pais conheceram-se no Norte, no meio rural onde nasceram. O pai vem para Lisboa e a mãe vem atrás. Os pais nunca constituíram família, apesar de terem 5 filhos, porque o pai não o quis. Estes filhos foram entregues a umas da Stª Casa. Nunca viveu com 3 dos seus 4 irmãos, nem com o pai, apesar de o ter conhecido.

“Portanto...a minha infância não foi muito agradável. Á partida, a minha mãe e o meu pai nunca viveram comigo nem com a minha irmã. Eu e a minha irmã crescemos juntas, fomos criadas numa ama até aos 7 anos de idade.”

“...porque no início da relação deles, a minha mãe foi acusada de estar grávida e afinal sem estar...não sei qual é a verdade...Por outro lado, ele veio viver para Lisboa...e a minha mãe veio atrás dele...vieram de Braga...são de duas povoações perto uma da outra. Ela vem atrás dele porque gostava dele, porque queria constituir família, mas o que é que aconteceu entre eles...a minha mãe procurou ter uma relação mais forte com ele, mais legal, senão legal outro tipo de relação, procurou casar-se, pelo menos juntar-se, e ele nunca quis assumir qualquer tipo de compromisso, aliás, ele nem se quer quis dar a paternidade à minha irmã ou a mim, já não me recordo muito bem, a minha mãe teve que enveredar por caminhos mais difíceis para ele assumir a paternidade, foi uma situação muito complicada.”

Até aos 7 anos, ela e a irmã viveram numa ama. Foi um período em que se sentiu discriminada, sem carinho do pai e da mãe, marcada pela pobreza. As duas são muito unidas.

“A assistente social foi a casa e a minha mãe procurou pôr-nos na Santa Casa, porque não tinha recursos, trabalhava mas era muito pontualmente, e era para nos sustentar.”

“Outras crianças, em geral, tinham pai e mãe, tinham uma vida normal e nós chegávamos a casa tínhamos a ama...Ela era uma pessoa fria, ela gostava muito de uma das educandas. Apoiava-me muito na minha irmã. Eu e a minha irmã éramos muito unidas...até hoje.”

“...era tão pequena, sentia que apenas queria ver a minha mãe, sentia-me perdida. Faltava-me uma coisa...que hoje já sei o que é, claro. Faltava-me o carinho de uma mãe...faltava-me o apoio do pai.”

A vida na ama não foi agradável. Da mãe recorda as visitas de fim-de-semana e os passeios até ao restaurante onde o pai trabalhava.

“Não era uma vida muito agradável. Sentia-me um pouco discriminada, eu e a minha irmã...a nível do tratamento alimentar, normalmente, não digo sempre, mas...por vezes e normalmente, nós temos tendência a recordar com mais facilidade os aspectos negativos da vida.”

“Ausência de tratamento familiar, de ausência de carinho. A mãe levava-as passear a ir ter com ele. As saudades não eram muitas...porque a minha mãe só nos via aos fins-de-semana e... por isso, era nesses dias que procurava que estivéssemos com ele.”

Os outros irmãos também foram entregues à ama.

“Os outros irmãos, filhos do pai e da mãe foram entregues à ama. Foram tocados. Foram para ama com o apoio da assistente social da Stª Casa.”

A partir dos 7 anos reúnem-se com a mãe e a assistência atribuí-lhes uma casa no bairro Padre Cruz.

“Aos 7 anos fomos viver ali para o bairro Padre Cruz.”

Lembra ainda, negativamente, a presença do padrasto em casa com quem não se relacionava bem e também da pobreza em que viviam, que os levava a andar nas lixeiras à procura de comida porque ele não queria trabalhar.

“Por outro lado, o facto de o meu padrasto ter saído de casa foi muito bom, na medida em que o ambiente familiar era péssimo. Porque ele não trabalhava, era péssimo porque eu não tinha uma boa relação com ele, não encarava bem aquela relação, era péssima mesmo. Ele adorava a minha irmã, porque a minha irmã, porque a minha irmã é muito meiguinha, eu também sou, mas quando quero e eu não gostava muito dele...para já porque ele não tratava muito bem a minha mãe, em segundo lugar porque ele não queria trabalhar e em terceiro porque ele queria fazer de nosso pai sem sê-lo.”

“Entretanto...a recordação do meu padrasto ter existido na minha vida foi uma recordação muito traumática. Por outro lado, traumatizante foi também, aí... eu não queria falar nisto, o facto de nós muitas vezes, por não termos de comer, temos que andar nas lixeiras...isto foi mais complicado...”

Entretanto, o padrasto foi-se embora. A vida começou a melhorar, a terem mais recursos.

As relações com a família foram inexistentes, os familiares afastaram-se, não aprovaram a decisão da mãe de vir para Lisboa. Só um tio as apoiou.

“Apenas um tio que até hoje nos tem apoiado, os restantes familiares discriminaram a minha mãe, devido ao facto de ela ter optado por vir para Lisboa para estar com o meu pai e portanto, a minha mãe sentiu-se muito discriminada tanto pela família toda, pelos irmãos, pelos pais.”

Muito recentemente, os outros familiares começaram a aproximar-se.

O namorado, toxicodependente, é um vizinho. Foi através dele que sofreu alguns dos problemas resultantes desta doença. Superou estes problema, apoiada na sua relação espiritual com Deus.

Futuramente, é com ele que quer constituir família, por isso deseja arranjar emprego no Alentejo, para onde este se deslocou.

“...eu gostaria de estar no Alentejo porque sou um pouco levada, forçada a ir por consequência, mas também gosto daquele local...gostaria no Alentejo...ou trabalhar na Câmara ou numa das empresas ali sediadas, sentir-me sempre útil, a ter uma relação positiva com a minha família, a conseguir ocupar os meus tempos livres, basicamente, a conseguir praticar desporto...é assim que eu vejo...levar avante os meus objectivos, mas talvez também fosse a vida mais monótona, talvez não tenha tanto tempo para praticar desporto, talvez já tenha um filho por essa altura...portanto talvez nessa altura o meu namorado fosse o meu marido, nunca tinha tido problemas de droga, esse era o meu grande objectivo e assim, eu espero que aconteça, que daqui a três anos ele esteja nessa situação mais projectado profissionalmente, que tenha uma casa comprada, com mobílias...”

A assistência teve uma influência positiva na sua vida.

“A assistência social foi muito importante na minha vida, na medida em que, desde logo permitiu...que eu estivesse numa ama, permitiu que eu estudasse, que eu tivesse tido cuidados, em vez de estar abandonada, ou viver em péssimas condições como muita gente vive, portanto, logo aí foi determinante...porque logo...senão...a minha vida não tivesse começado desta forma, possivelmente hoje não teria acabado o curso, provavelmente nem teria estudado.

Por outro lado, ajudou ...a ter um papel importante na ajuda que concedeu à minha mãe para nos retirar da ama e ter-nos com ela...a minha mãe teve muito medo de não conseguir e a assistência social foi muito importante. Eh ...E até aos dias de hoje...praticamente é importante...na medida em que tem acompanhado a minha mãe a ser medicada até ao fim da vida.”

Mas, a ama não substituiu os pais.

“...eu recordo um dia ou outro, de ela nos dar de comer de dias anteriores, recordo-me perfeitamente.”

“...bateu-nos com uma colher de pau até descobrir quem é que tinha sido a pessoa que tinha feito a maldade.”

O RMG foi atribuído à mãe, melhorando significativamente as condições económicas.

“Tive muitas dificuldades ao nível da família, com a família consegui resolvê-las...porque a nossa vida melhorou, começámos a ter outro tipo de recursos, a possibilidade de nos darem uma casa foi muito positiva, permitiu-nos ter melhores condições. O facto de passar a existir o RMG permite-nos ter mais recursos, e de acabarem os muitos dos nossos problemas em casa.”

No seu percurso na assistência, cruzaram-se várias assistentes sociais: com algumas delas desenvolveu uma relação de confiança, que não chega à amizade; com outras ficou decepcionada com falhas na actuação, no caso concreto da “recusa do cartão de utente” para a mãe, com problemas de saúde mental.

Critica o funcionamento da assistência social, baseado na sucessão de assistentes no acompanhamento familiar.

“Então é assim...até aqui tem sido sempre uma boa relação, com esta assistente social tenho algumas dúvidas em relação a alguns aspectos. Não foi esta que iniciou o processo...já houve várias, várias e é um aspecto que eu critico, só deveríamos ter uma ou duas no máximo porque é tão difícil estar sempre a contar a mesma história, estar sempre a conhecer a nossa vida...é muito difícil. Havia de ser sempre uma ou duas.”

Trajectória escolar

Sempre gostou de estudar, constituindo a escola um refúgio face à negatividade dos primeiros tempos de vida. Na escola encontrou a confiança nela própria e o afecto da professora que a fazia sentir inteligente.

“Por outro lado, tive a vantagem de gostar da escola e de me conseguir refugiar na escola, via na escola o momento em que me podia libertar um pouco, daquela sensação, daquela vida triste que vivia e quando era pequena era aí que eu me refugiava na escola e na minha irmã.”

Foi uma professora muito exigente, muito profissional, era uma pessoa que exigia muito de nós...sempre procurou que nós déssemos o nosso melhor...senão...Incutiu-me o meu espírito de confiança e fez-me sentir que eu tinha de ser alguém na vida...foi um pouco ao encontro daquilo que eu queria da escola. Eu sentia que ela gostava de mim...Recordo-me de ela tomar conhecimento da minha situação, deve ter havido uma troca de informação entre organismos, e portanto ela fazia-me sentir que eu compreendia as coisas, que eu era inteligente e isso era importante.

Mas, um dia, sentiu-se humilhada quando a professora a mandou para casa porque tinha de tratar dos piolhos.

“E por outro lado, custa-me a dizer isto, como nós vivíamos em péssimas dificuldades nós chegávamos até ter piolhos e isso levou a que nos sentíssemos discriminadas, a professora chegou várias vezes a humilhar-nos na sala perante os outros...hoje eu compreendi...aquilo era contagiante para os outros estarmos ali na escola, chegou a mandar-nos para casa para tratar da cabeça. Portanto, era horrível. Foram uns péssimos momentos que eu vivi, que eu nunca vou esquecer.”

Proseguiu os estudos até conseguir concluir um curso superior, pois esse era um objectivo, o que a faz sentir orgulho.

Trajectória profissional

Depois de ter terminado o curso iniciou um estágio na Caixa Geral de Depósitos, onde desempenhou funções ao balcão, no atendimento ao público. Não gostou da experiência nas duas dependências, por não lhe terem dado o tratamento adequado, foi pouco apoiada.

“...nós fomos lançados aos lobos, não há qualquer preocupação em seguir, há um apoio temporário, muito pontual, de acordo com as necessidades e temporário das coisas. Nada, absolutamente nenhum apoio”

“...na segunda agência ainda foi pior: fui ter uma conversa com o gerente e disse-lhe que não tinha formação para estar ao balcão”

Através duma agência de trabalho temporário arranjou emprego noutra instituição bancária, também a fazer o atendimento a clientes, com um contrato anual, onde se sente satisfeita *“ Mal tive a oportunidade...entretanto em Janeiro, mal acabei o curso inscrevi-me em algumas agências de trabalho temporário e até hoje...já vai fazer um ano em Maio. Gosto imenso, com o contrato de um ano.”*

Mas, o trabalho é stressante e rotineiro.

“...eu não penso estar lá muito tempo. Em primeiro lugar, porque é um trabalho rotineiro, tudo bem, é atender clientes, basicamente as operações são muito semelhantes.”

Gostaria de arranjar um emprego no Alentejo, numa Câmara ou numa empresa para poder estar perto do namorado.

Amigos e vizinhos

Os melhores amigos são a irmã e a mãe, o namorado.

“Em primeiro lugar, é a minha irmã, a minha mãe e o meu namorado, os meus melhores amigos.”

Tem ainda três amigas da faculdade com as quais tem uma relação de confiança, mas têm pouco tempo para se encontrarem e quando o fazem conversam.

“Tenho três grandes amigas, três grandes amigas de Faculdade que até hoje são minhas grandes amigas, do peito.”

“Entretanto ...tenho outras amigas de faculdade e tenho uma ótima relação, uma relação à vontade, tenho confiança e gosto muito de estar com elas, ajudam-me a diminuir um pouco o ritmo do dia-a-dia, alivia-me o stress estar com os amigos.”

Os vizinhos são considerados mal-educados, barulhentos. Existe um certo distanciamento em relação à vizinhança.

“As relações de vizinhança são relações de muita impessoalidade, de indiferença...não temos relações de muita intimidade, portanto de confiança. Portanto...basicamente...os vizinhos são...alguns vizinhos são um pouco barulhentos, outros são um pouco mal-educados, não dizem nem bom dia, nem boa tarde, boa noite...batem com as portas com força, mas basicamente as relações até nem são muito más.”

No entanto, tem relações próximas com a madrinha e com um casal. E namora com uma rapaz de 29 anos, que é vizinho, pintor na construção civil, possui a 4ª classe e tem uma história de toxicod dependência.

“Ele era meu vizinho, conhecia-o lá no meu bairro porque...ele ia aos bailes, eu também, conhecemo-nos, possivelmente, despertei-lhe a atenção e veio a ter comigo, no primeiro dia não lhe dei logo atenção...”

“E pronto, nos dias consecutivos ele via-me, observava-me, olhava para mim, olhava-me de uma maneira diferente. Eu olhava para ele muito distanciada, tendo em conta a situação em que ele estava, só que entretanto começámos a dar a mãos, começámos a conviver e eu comecei a gostar dele...e assim começámos uma relação.”

Inserção na rede social

Contou desde muito cedo com a ajuda da assistência e com a ajuda de outras pessoas, que enviavam roupas, quando estavam carenciadas. Há um contacto longo e estrutural com a assistência que evitou que fossem abandonadas.

A escola foi um meio muito importante para ser diferente pela positiva, para ganhar auto-confiança. Foi sempre uma boa aluna.

A família (a ausência, a falta de carinho) e a pobreza na infância marcaram-na, foi o foco da sua vulnerabilidade. Está inserida na banca como quadro, autónoma financeiramente. Está desencantada com as primeiras experiências no mundo do trabalho.

Diversificou a sua rede social, mas é no seio dum bairro desfavorecido, que é também o seu, que escolheu o seu futuro parceiro conjugal. Hoje, é a relação afectiva com o namorado toxicod dependente que lhe podem trazer instabilidade e riscos.

A relação espiritual com Deus tem lhe dado energias para enfrentar os problemas, que daí têm decorrido.

Entrevista nº 5

Com esta jovem foram realizadas duas entrevistas num intervalo de 6 meses, porque as condições acústicas da primeira gravação não foram adequadas para o procedimento duma transcrição fiel.

As condições de gravação não foram as mesmas e a jovem entrevistada expôs a mesma situação com outra tonalidade emotiva. Na primeira entrevista chorou quando se falou na mãe, na 2ª expressou o seu cansaço face à acumulação de responsabilidades familiares e o desejo de evasão.

As entrevistas decorreram na DGAS, resultando da última o documento a ser sujeito a análise de conteúdo. Foi simpática e disponível.

O pai é comerciante e a mãe é reformada da limpeza com problemas do foro psicológico, tal como a avó que também adoeceu, recentemente.

Ainda vive com os avós que fizeram de pais. A avó está reformada e o tio vai meter os papéis para se reformar, eles eram cartagineiros.

As suas dificuldades surgiram nos últimos tempos com a doença da avó e com a vinda do irmão mais novo, depois de o ter ido buscar à casa da mãe, após ter sido alvo de maus tratos pelo pai. E foi com esta vinda, que tomou contacto com a assistência social, que foi ao encontro dela.

Esta jovem sonha com a harmonia profissional e familiar.

Trajectória familiar

O pai é emigrante de Cabo Verde, desde dos 17 anos começou a dar serventia na construção civil. Foi subindo até abrir um café na Pontinha e abrir outro em Cabo Verde.

“Enfim o meu pai é emigrante de Cabo Verde, quando veio para cá, quando tinha 17 anos, de mala vazia, segundo ele dizia, só com roupinha dele, quando chegou a Portugal foi directamente dar serventia para uma obra. Acho que ele sempre foi muito trabalhador, só que começou a subir, passou muitas dificuldades como ele disse, foi...aquilo já não estava a dar, pôs um processo em Tribunal, mas aquilo não dá em nada. Actualmente, está em Cabo Verde a explorar um café.”

“O meu pai está lá e cá, mas como o meu pai está lá a construir passa mais tempo do que cá, como as coisas dele...a minha madrastra fica cá a trabalhar, ela ajuda-me muito.”

A mãe é portuguesa é uma pessoa com problemas que necessita de tratamento médico. Teve muita instabilidade emocional, nas suas 4 relações amorosas, nas quais recebeu maus tratos de alguns dos parceiros.

O pai e a mãe já há muito que não vivem juntos, nunca foram casados.

“A minha mãe quando conheceu o meu pai, já tinha ele 20 anos...pouco ouvi falar porque com 2 anos, não vivo ao pé dela, fui criada com os meus avós, só via a minha mãe uma vez por ano, quando o meu pai me levava lá, ela morava em Odivelas, eu morava aqui em Lisboa, ela era incapaz de cá vir (diz com amargura), porque ela dizia que era por causa do marido daquela altura, só que...”

“O meu pai deve ter tido muitas dificuldades, veio para um país diferente. E a minha mãe deve ter tido uma vida cheia de dificuldades”

Esta jovem tem 20 anos, filha dum caboverdiano e de uma portuguesa, foi criada pela avó e pelo marido desta, por incapacidade da mãe. Teve uma infância feliz junto dos avós e o pai acompanhou-a até hoje, levava-a a ver a mãe, única vez que a via quando era criança, mas ressentiu-se com a distância da mãe e dos irmãos maternos.

A mãe portuguesa, quando conheceu o pai da jovem já era separada, é uma pessoa com problemas que necessita de tratamento médico. Teve muita instabilidade emocional, nas suas 4 relações amorosas, nas quais teve dificuldades de relacionamento com os parceiros. A mãe foi uma *mãe ausente*.

“Pronto, porque nunca criou nenhum filho, era maltratada pelos maridos, pelo menos por 3, ela teve 4 companheiros; o 1º, o 1º maltratou, depois pode-se dizer que teve companheiros.

Afectou-aacho que sim pelo nível de vida que ela levou.. .e...psicologicamente, acho também, porque ela foi sempre uma pessoa fraca desde nova, teve problemas...acho que ela teve mais...e acho que as relações que ela tinha não ajudou em nada...aproveitaram-se dela...”

A história da mãe marcou-a.

“Não sei, se calhar marcou-me inconscientemente...Não consigo perceber, definir mesmo, a minha mãe marcou-me a distância dela. A vida dela deixou-me com muito receio de me envolver com alguém, tive receio que acontecesse comigo o que aconteceu com ela.”

Os avós maternos substituíram os pais, deram-lhe muito carinho.

“Dificuldades não, porque os meus avós deram-me, pronto, o pouco que eles deram foi suficiente para mim, porque sou ambiciosa, mas ao nível de carinho e de amor, eles souberam dar, agora em bens materiais o pouco que eles davam eu ficava satisfeita com isso, por isso acho que não me posso queixar...”

Todos os fins-de-semana vai à casa do pai, na Pontinha, onde o ajuda no café. E foi lá, que conheceu o namorado, na comunidade caboverdiana.

O pai dá-lhe uma mensalidade e oferece-lhe um carro.

Gosta da madrasta, que é amiga dela, mas gosta mais da mãe, que é do sangue, apesar do desinteresse desta por ela.

“Não sei são coisas diferentes, mãe é mãe se bem que...eu não mostro, mas sinto qualquer coisa pela minha mãe, apesar de tudo ela é minha mãe. Prontos, posso não demonstrar, mas sinto.”

Relaciona-se com as irmãs da parte do pai, mas os irmãos da parte da mãe com os quais tentou relacionar-se não mostraram interesse em fazê-lo e então desistiu.

O irmão mais novo, uma criança difícil, vivia com a mãe, mas por ter sido maltratado foi buscá-lo, evitando que fosse internado numa instituição.

“...em três dias o meu irmão teve que ir lá para minha casa porque o pai o maltratou...O meu avô não queria, eu pedi-lhe e não sei quê...fui lá buscá-lo...”

A doença mental da avó exige o desempenho de várias funções: de dona de casa, de enfermeira da avó, de educadora. Não lhe sobra tempo para ela e está exausta face aos problemas que lhe vão surgindo.

“Estou a passar por elas agora...”

“Olhe, gostava de pegar em mim, ir com meia dúzia de roupas para bem longe...para uma ilha, descansar, estou de férias mas estou mais cansada, tenho de cuidar da minha avó, tenho de cuidar do meu irmão, que é uma criança difícil... o meu tio esteve internado no hospital, todos os dias tinha que o ir visitar, eu não estava habituada. Chego a casa tenho tudo para arrumar, tenho tudo para funcionar...gostava de fugir um bocado disto tudo.”

Face às dificuldades, já decidiu que vai internar o irmão mais novo porque não consegue dar conta de tudo.

“Sim, porque o meu irmão não pode continuar lá em casa por causa disso, porque quando a minha avó está doente isso implica muita coisa...porque ela não pode cuidar do meu irmão, digo cuidar porque ela, porque é assim, quando eu não estou em casa está com ele, só que, quando eu chego a casa, tenho de ouvir uma lista interminável de queixas...porque ele fez isto, porque ele fez aquilo ele faz aqueleoutro, ele não respeita a minha avó, não consegue estabelecer horários, não a respeita...e fica lá...e eu não estou a conseguir resolver e eu não queria...mas já tive, acabei por decidir, ele vai ter que ser internado e não vou conseguir dar conta da minha Avó sozinha, é muito complicado, ele já está há dois anos e eu nunca quis, só que houve...ele está a ficar pior.”

O seu projecto de futuro assenta na constituição de família, logo que acabe o curso e arranje emprego.

“A princípio quero acabar o meu curso e arranjar emprego e tornar-me independente, ter a minha casinha, os meus tarecos e depois quem sabe...casar e constituir família.”

Percurso escolar e profissional

Fez o 12º ano, mas não concluiu as disciplinas de matemática e de química.

Gostava de ser enfermeira, mas chegou à conclusão que tinha uma média muito baixa, que não a levava a lado nenhum. Então, resolveu fazer um curso técnico-profissional de analista de laboratório, que lhe dá equivalência ao 12º ano, incentivada pelas assistentes sociais.

“Olhe, o meu sonho é ser enfermeira...só que naquela altura, quando comecei a estudar...depois passei para o 10º ano, ia prá escola ficava satisfeita com 10, não passei disso, depois quando acabei o 12º ano é que vi com 10 não ia para lado nenhum e prontos e fiquei limitada aí.”

“...decidi ir tirar um curso técnico-profissional de analista de laboratório, acabei o 1º ano, falta-me mais 2 anos.”

“Quando acabar o curso vou ter equivalência ao 12º ano e se tivesse...ao princípio sou capaz...não sei, depende, se conseguir muito bem, senão...”

Aos fins-de-semana costuma ajudar o pai no café.

“Tenho um pouco de tempo livre aos fins-de-semana, que as pessoas normais têm para descansar, não é, porque tenho que ajudar o meu pai, tem um café e é ao fim-de-semana que há mais movimento.”

Amigos e vizinhos

Tem duas amigas de longa data.

“Tenho 2 amigas...só posso contar com duas colegas da escola, a Verónica trabalha, uma é a Verónica e a outra é a Luisa, conhecemo-nos desde do 8º ano, temos uma amizade sólida.”

Tem poucas afinidades com os actuais vizinhos. Mas, recorda com saudade, dos idosos que viviam num pátio, em que os vizinhos eram como uma família. Agora vive numa “gaiola”.

Recordações do pátio...mais...havia muitas...não eram do sangue, mas era como se fossem porque as pessoas eram superdadas, não sei se era por ser pequena, mas ficou uma ideia especial das pessoas, mas acho que não, porque aqueles idosos davam-se superbem, era completamente diferente de morar ali na rua S Tomé, parece que estamos ali na gaiola.”

Percurso na assistência social

A assistência bateu-lhe à porta quando levou o irmão mais novo para casa. Isto aconteceu na sequência do acompanhamento que já vinha sendo feito à sua mãe e ao irmão. Recebeu a visita de uma assistente e de uma psicóloga da Stª Casa. As técnicas apoiaram esta opção e comprometeram-se a dar apoio financeiro e orientação pedagógica e psicológica. Assim, beneficiou de conselhos e de orientações. Lamenta, que a ajuda financeira para o sustento do irmão tenha “faltado”.

“A minha mãe já era, já tinha apoio da Stª Casa...a minha mãe...o meu irmão mais novo, da parte da minha mãe, vivia com a minha mãe e ...ela tinha...ia ao médico para se tratar, tinha apoio da Stª Casa, tinha uma mensalidade muito pequena para ajudar o meu irmão”

“...então a Stª Casa foi lá a casa com uma psicóloga e uma técnica...não sei muito bem, foram lá a casa, foram lá falar connosco e não sei quê e não sei o quê que mais...e depois disseram que tomavam conhecimento da ocorrência do caso, que ...eu que falava com o meu tio, que ficava com o miúdo não sei quê que mais...depois eles disseram que nos apoiavam financeiramente, no que fosse preciso, só, só que isso não aconteceu. Depois apoiou psicológica e orientativamente até hoje... como lidar com o garoto, eles próprios vão lá a casa buscá-lo e vão...”

Foi sempre bem tratada pela assistência e reconhece-lhes boas iniciativas, tais como as férias no Gerês e no Algarve ou no Alentejo e a organização de encontros regulares para jovens na Voz do Operário.

Antes do RMG, foi incentivada pela assistência a prosseguir um curso técnico-profissional, possuía o 9º ano unificado. O RMG surgiu neste contexto, que lhe trouxe melhoria financeira, mas ainda poderia ser um pouquinho mais.

“ Parece que não, 23 contos para quem não tinha nada, é alguma coisa. Com esse dinheiro vou fazer compras pra casa, pelo menos com metade. E precisamente, neste momento o curso que estou a tirar foi através delas.”

“É assim, estou satisfeita (RMG), mas se fosse mais eu ficava mais satisfeita ainda, quanto mais uma pessoa tem, mais quer. Não, mas estou satisfeita, porque à partida não tinha...a única coisa que eu tinha era a semanada que o meu pai me dava e o meu abono, relativamente pequeno e estava muito limitada, e agora parece que tenho um bocadinho mais de folga, não é muito, mas é melhor.”

O recurso à assistência social não a incomoda. Espera um dia não precisar da ajuda social.

“Eh... não, de maneira nenhuma, sinto se uma pessoa precisa, acho que se há alguém pra ajudar tem que aproveitar. Senão precisasse era melhor, mas de facto preciso, mas não me sinto discriminada por isso, há pessoas que estão bem pior, eu só tenho que lutar para um dia não vir a precisar.”

Inserção na rede social

Esta jovem recebeu amor e atenção do pai e dos avós maternos, que funcionaram como pais. Desenvolveu laços com a família do pai, mas não o conseguiu com a mãe nem com os irmãos do lado materno. Marcou a distância da mãe e os seus problemas afectivos, que é uma pessoa com problemas do foro psicológico tal com a avó, que recentemente também adoeceu.

Tem amigos e convive regularmente com a comunidade caboverdiana no café do pai, onde ajuda aos fins-de-semana. Foi lá que encontrou o namorado. Está inserida em laços fortes.

Tem projectos para o futuro que abrangem uma vida familiar e profissional.

As suas dificuldades actuais residem na acumulação de tarefas, devido à doença da avó, combinadas com o estudo do curso de analista.

Entrevista nº 7

A entrevista ocorreu na 1ª semana de Fevereiro, na DGAS, com a duração de 1 hora.

Este jovem de 16 anos é aluno do 11º ano do Passos Manuel, respondeu a todas perguntas, demonstrando uma postura calma, atraída pela emotividade expressa no confronto com certas questões, que surgiram como mais delicadas para ele.

A marcação da entrevista tornou-se uma tarefa difícil, tendo como intermediários a assistente social e o tutor da escola secundária.

Foi indicado pela assistente por ser um jovem que cresceu no meio de muitas adversidades (têm problemas económicos e problemas com a habitação), mas possui um bom percurso escolar.

Vive com a mãe com a qual diz ter uma relação “formal”. Evita falar da mãe.

A mãe é prostituta e tem problemas do foro psicológico, informação essa obtida junto da assistente que faz o acompanhamento.

O pai não assumiu a paternidade.

Não convive com os familiares.

Não tem amigos.

Trajectória familiar

A mãe é da Beira Alta veio para Lisboa trabalhar. Não se dava com a família.

Em Lisboa, teve vários namorados. Um dia conhece o pai dele, que era taxista, vindo também da Beira Alta. Nunca viveram juntos.

“A minha mãe vivia numa aldeia do norte, na Beira Alta, a mãe era pobre e o pai era rico, pronto tiveram aquela filha, eram ainda muito novos ainda, entretanto o meu avô foi para a África, para a guerra...entretanto a minha avó casou-se com outra pessoa...”

“Entretanto, a minha avó casou com outra pessoa e teve mais três filhos...depois a mãe saiu de lá...ainda nova...ela não se dava bem com o padrasto...ele tinha problemas de álcool...e isso (às vezes tratava mal a minha avó)

A minha mãe veio para cá para Lisboa, empregou-se como empregada doméstica, como era habitual...depois foi arranjando a vida dela, teve vários namorados e nunca casou...por várias circunstâncias, em vários casos...o meu pai que era taxista, pronto...houve uma relação, mas também não casaram.”

O pai nunca o reconheceu como filho, embora a mãe tenha feito tentativas nesse sentido.

“Não é afectivo, é ausente, completamente. Ele não reconhece a paternidade dele. Nunca falei sobre isso com ele. Pois, foi uma situação bastante concreta eu não sabia quem era ele. A minha mãe é que me disse que tinha escrito uma carta e que lhe tinha...pronto era essa pessoa...Não sei se era ele”

“Pronto, não sei muito do meu pai. Conheço-o. Também conheci a minha avó paterna.”

“Vi a minha avó paterna, mas isso não foi à pouco tempo, isso foi a minha mãe que andou na terra dele...com o intuito dele, da mãe dele pressionar para a minha avó pressionar para ele dar o nome (eu deveria ter menos de 8 anos)

Nunca se relacionou com o pai, não sabe o que é ter um pai. É mais independente por não ter tido um pai.

“Olhe, por acaso...efeitos negativos, acho que até é um efeito, com os seus lados positivos e negativos, porque acho que uma pessoa até é bastante mais independente, portanto não sei o que é ter um pai, não dá para comparar, mas acho que...sinto-me muito mais independente, mais seguro não ter cá ninguém a mandar...”

Hoje vive com a mãe no Bairro Alto e por ali ficaram nas redondezas, apesar das inúmeras mudanças de casa. Por duas vezes, foram despejados. Também habitaram na Costa da Caparica, durante um período.

“Ao fim de 4 anos fomos despejados dali e depois a partir dali...a habitação foi muito instável, andava-se sempre com mudanças de habitação, portanto...não era tão bom para, portanto não era uma situação que era boa. Isso foi até aos 4 anos, até aos 12 anos vivemos uma situação de vivermos em vários sítios de Lisboa, mas sempre confinados a esta zona, com várias excepções.

“...entretanto, tinha eu 12 anos morreu a pessoa dessa casa, a pessoa que tratava da casa, pronto é a dona da casa, a rendatária, morreu...os hóspedes saíram todos...e nós ficamos lá, só nós. Depois ao fim de 4 anos fomos outra vez despejados, foi há pouco tempo, aí há uns 6 meses, e agora estamos nessa situação.”

As dificuldades familiares mais sentidas são a falta de recursos económicos e as mudanças constantes de habitação.

A relação com a mãe é “assente na satisfação das necessidades básicas”, não conversa muito com ela, há um distanciamento.

“Vivo com a mãe...É um bocado estranha, é só uma relação, pronto como é que eu hei-de dizer, de satisfação de necessidades básicas...É quase uma relação formal, não converso muito com ela...as pessoas precisam das pessoas.”

“...isto agora...ela converteu-se, ela converteu-se completamente, eu não sei qual é que é as intenções dela e o que é que ela quer, que ela agora anda numa confissão religiosa protestante...eu não tenho...quer dizer...estou afastado dela porque ela está a ir para esse caminho...”

Evita mesmo falar da mãe.

“Bem...eu prefiro não falar sobre isso, pronto...é melhor não...mais, pronto acho que já não é da minha responsabilidade...”

Conhece a família materna, encontra-os nas férias, mas já há 4 anos que não os vê. E não conhece a família do lado pai.

Amigos e vizinhos

Não tem amigos.

Os amigos, a solidão e o “embaraço social” são temas recorrentes.

“estou sempre fechado no quarto, portanto não saio muito.”

“...eu nunca tive amigos muito íntimos, também nunca tive dificuldades nesse aspecto, não sei, embora tivesse sempre amigos, não é, conhecidos.”

“Não tenho a sensação de estar isolado...não me dá jeito, não me dá jeito...não tenho grandes amigos, não...sou um bocado egoísta.”

Acha que as pessoas pensam que ele é diferente e isso incomoda-o.

“Pois é...é completamente diferente aquilo que penso de mim e o que os outros pensam...quer dizer...tu és não sei quê...portanto não acho que mostre alguma qualidade...isto é um bocado complicado...”

E por outro lado, o desejo de não estar só.

“...qualquer rapaz quer ser um jogador de futebol, qualquer rapaz quer, sei lá, não sei...ter um grupo à volta, prontos, pessoas.”

As razões apontadas para não ter amigos, ora é a falta de possibilidades económicas, ora são as constantes mudanças de habitação.

“...pronto, as mudanças de habitação..., não é, mal estar...porque uma pessoa não sabe o que é ter amigos...quer dizer...eu sei o que é ter amigos, já tive.”

“Nos tempos livres não me junto com as outras pessoas porque não tenho grandes possibilidades económicas, sei lá...de, pronto... de convívio e pronto, tenho...passo o tempo em casa ou sei lá, ler ou jogar jogos.”

Gosta de praticar desporto e de ter amigos nessa área.

“Pratico desporto nos intervalos da escola, irregularmente.”

“Gosto de ter amigos no aspecto no desporto”

Não liga à vizinhança, não sai muito.

“Eu não ligo muito à vizinhança, também não estou muito tempo em casa...”

(Há aqui alguma contradição, por vezes diz que está sempre em casa, outras vezes que não está muito tempo em casa.)

Trajectória escolar e profissional

Não gosta da escola, está desencantado, mas frequenta o 11º ano aos 16 anos.

“Ah...estou decepcionado, é uma grande decepção as aulas, desde sempre... é uma decepção...”

Está dividido em prosseguir os estudos ou em ir trabalhar, pois tem falta de dinheiro.

“...ou vou ganhar muito dinheiro, ainda que seja por muito pouco tempo, mas posso, prontos se eu tiver uma oportunidade de ganhar muito dinheiro e tenha de deixar a escola e se calhar posso precisar desse dinheiro, não vou...pronto, vou ter de aceitar, não é...é uma oportunidade, senão...o que acho que é difícil, mas também só me falta um ano, depois entrava para a universidade, tinha duas opções: aquele curso de advocacia...portanto...há alguns cursos, são nocturnos também, senão tiver possibilidades de alcançar uma bolsa...é uma confusão!”

Se não estudasse mais, preferia trabalhar no escritório, dentro da sua área de estudos.

“Gostava de fazer trabalhos relacionados com a minha área, trabalhos de escritório, prontos, assim deste tipo.”

Mas, por outro lado, gostava de vir a ter uma profissão liberal em que fosse independente e não tivesse que aturar patrões.

“Ter uma profissão liberal, que tivesse independente, que não tivesse patrão, sei lá...advogado, economista...essas coisas.”

Percurso na assistência social

Nunca recorreu. É a mãe que costuma ir à assistência social. Às vezes, acompanha a mãe.

Os assuntos que a mãe procura tratar referem-se à habitação, aos subsídios.

“Não. Foi sempre a mãe que tratou...já fui algumas com a minha mãe...ela ia para ali e eu também, ia fazer companhia. Foi ela que...Foi sempre a mãe que tratou desses assuntos: habitação, subsídios para escola...aqui há uns anos ela costumava lá ir e ela (a assistente) dava-lhe um cheque.”

O RMG foi atribuído à mãe e não sabe com é que a mãe o utiliza.

Apreciou o ATL, que beneficiou quando era mais novo.

O recurso à assistência incomoda-o se as outras pessoas souberem, mas a maioria não sabe.

É um mal necessário, porque se não tivessem essa ajuda, ainda estavam pior.

“...se não tivéssemos esses apoios, acho que ainda estava em muito pior situação. É um mal necessário...Incomoda no sentido...de...em que as outras pessoas...a maioria das pessoas não precisa...”

Tem um tutor na escola, que não tem grande impacto na sua vida. (Os tutores têm a função de dar apoio aos alunos com problemas psicológicos ou com problemas económicos. O caso dele deve-se aos problemas económicos). O facto de ter um tutor incomoda-o, mas já não incomoda tanto porque apenas algumas pessoas é que têm conhecimento. Ele sente-se estigmatizado pela pobreza, também sentida na relação com os outros

“Agora não tanto, mas...incomoda...não sei...eu pelo menos, não incomoda tanto porque as outras pessoas, só algumas pessoas sabem.”

Inserção na rede social

Não tem laços muito fortes nem com a comunidade nem com a família. Mantém uma “distância” em relação à mãe, evidenciando que não é responsável pelas opções da mãe. É uma relação “baseada na satisfação de necessidades”.

A escola e a prática de desporto é ainda a instituição, onde desenvolve um percurso de inserção: tem tido aproveitamento escolar e gosta de ter “amigos” na prática do desporto.

A solidão e a inibição social, devido à falta de vontade de estar com os outros, são os traços mais marcantes deste adolescente. A pobreza experimentada nas dificuldades económicas e nas acções de despejo, sentida nas relações com os outros estigmatiza-o e incomoda-o.

A par da sua precariedade económica, existe uma grande vulnerabilidade ao que os outros pensam sobre ele, “apesar de lhe dar jeito estar só”, é certo que gostaria de estar rodeado por pessoas que o reconheçam.

Jovens inseridos no grupo social mais próximo

As entrevistas nº4, 12 e 15 foram feitas a jovens que apresentam uma especificidade muito própria na vulnerabilidade social, apesar de terem em comum a pertença a um grupo social imediato, com o qual estabelecem laços fortes, ainda que seja num contexto de marginalidade social.

E4 é de etnia cigana e deseja seguir as passadas tradicionais da família, viver da venda ambulante, onde desde pequeno dá apoio familiar nas tarefas relativas a essa actividade. E gostaria de obter licença para o fazer e de deixar de viver numa barraca com as filhas e mulher. E12 é uma invisual, que se “entregou à casa” quando cegou. Mas, foi já cega que numa festa de anos de uma amiga, conheceu “para o bem” o namorado, pai dos filhos. Vive no Bairro Alto com a avó, com a mãe, com 8 irmãos, mais dois sobrinhos, dois filhos e o pai dos seus filhos numa casa de 2 assoalhadas. O seu sonho é ser telefonista. E15 é um jovem de etnia caboverdiana, tem problemas com as autoridades (polícia e judiciária) devido ao uso da violência: foi expulso da Casa Pia por ter agredido um colega e um “segurança”; tem conflitos com os “cotas” do bairro, onde já deu uma “naifada” a um deles. O seu desejo é divertir-se, dançar rap, meter-se com as miúdas, saindo em grupo com os seus jovens amigos.

Todos eles têm baixas habilitações e vivem em condições muito difíceis, com sérias dificuldades em entrar no mercado de trabalho. A dependência da assistência social pode vir a ser estrutural quer para E12, quer para E15. A vulnerabilidade de E4 liga-se ao modo de vida tradicional da etnia cigana, alvo, ao longo dos tempos, da marginalização da sociedade envolvente, que tem tido como meio de subsistência o comércio ambulante.

Entrevista nº 4

A realização da entrevista decorreu num gabinete disponibilizado pela junta de freguesia da Ajuda para o efeito. Decorreu durante meia hora, em presença da mulher do entrevistado e de uma das filhas, uma criança de colo.

Respondeu a todas as questões do guião, mas foi evasivo, reservado.

Este jovem de etnia cigana tem como grande objectivo estabelecer-se como vendedor ambulante, tentando obter autorização junto das autoridades.

Sobrevivem com a ajuda (familiar) dos sogros e do RMG.

Habita numa barraca em Lisboa, aguardando que as autoridades lhe atribuam uma casa.

Trajectória familiar

Os pais residem em Coimbra, numa casa camarária, com água, luz, electricidade.

“O pai era natural do Porto e a minha mãe era natural de Coimbra, prontos, actualmente vivem em Coimbra, não é, vivem em Coimbra.”

Vivem da venda ambulante e já de pequenino ajudava os pais.

“...E os meus pais sempre puxaram, sempre me puxaram com eles, não é? E tenho um irmão abaixo de mim que não, que não, não tem puxado para a venda ambulante, pronto, os meus pais, como eu sou mais velho, eles, quer dizer, quer dizer...às vezes, eu era a pessoa para tapar os buracos, ...o meu pai tinha que sair e eu tinha de ficar, não é? Eu já estava dentro do esquema.”

Os pais experimentaram dificuldades económicas, mesmo fome.

“Acho que quase toda a gente passou dificuldades...há uns anos atrás como eles. Dificuldades económicas, dificuldades...quer dizer...acho que...penso eu que a fome passou por eles, não é, não foram eles que passaram pela fome, foi a fome que passou por eles...”

Ele não se lembra de viver essas dificuldades. Teve outras condições, sem carências.

“Ah, na minha infância, não. Eu tive uma infância super descontraída...eu estava...Na minha não me faltou nada, graças a Deus, não é?”

“Eu sempre vivi numa casa de bairro, camarária, mas sempre com água e luz e telefone, não é?”

Mas, recorda a relação conflituosa que os pais tinham e como isso o atingia.

“...gostava que eles fossem de outra maneira...eles...quer dizer...aqui há uns anitos atrás, quer dizer...eles não...quer dizer a relação deles não era muito boa, mas...Agora é que é boa...Quer dizer...então...a relação deles era instável, mas agora não..., e nós pagávamos as favas...”

Casou e desloca-se para Lisboa com a mulher para junto da família da mulher, ajudando-os na venda.

“Eu vivia com os meus pais e depois vim para Lisboa. É, vim para Lisboa porque nós não tínhamos, quer dizer, não tínhamos condições para vivermos todos numa casa.”

Ao lado da sua barraca, tem por vizinhos os cunhados, que vivem noutra.

“Na Ajuda, (vive) numas barracas do “2 de Maio”. Não (não tem vizinhos). É a irmã dela.”

Os pais marcaram-no.

“Que eu me lembre não...os pais marcam sempre a gente, não é...? Foram eles que me fizeram um homem, n’ é? Ajudavam a eu ser um homem...”

A relação com os seus irmãos não é muito regular, pois vivem em Coimbra.

“Dois irmãos e uma irmã. Não vivem perto de mim, não. Eles vivem em Coimbra e eu vivo em Lisboa...”

Tem uma boa relação com a mulher e as filhas, ainda. crianças.

Amigos e vizinhos

A família tem um destaque particular, embora tenha feito questão em realçar que tinha amigos fora da etnia.

“...Tenho alguns de confiança, tenho. Normalmente, juntamo-nos, gostamos de jogar à bola, de ver futebol, de vez em quando, ao fim-de-semana, se calhar jogamos às cartas. Pronto, e principalmente conversamos. Aqueles com quem eu convivo são vendedores ambulantes.”

Os tempos livres são passados com a família.

“...depois do jantar...é quando eu tenho mais tempo, n’ é? É quando...nós conversamos em família, n’ é? É eu, a minha esposa... sogro, cunhados gostamos de conversar um bocadinho...depois de jantar.”

Trajectória escolar e profissional

Saiu da escola, sem a escolaridade obrigatória, quando partiu o braço.

“Tenho o 5º ano completo. Eu andava na brincadeira, eu andava a brincar, parti o braço em dois lados. E a partir desse momento, deixei de ir à escola, eu era canhoto e não consegui escrever, estive pr’aí 3 ou 4 meses sem...ir às aulas.”

Sempre ajudou os familiares na venda ambulante, primeiro os pais e agora os sogros. Gostaria de obter licença para o fazer por conta própria, de modo que tivesse o suficiente para sustentar a família e não dependesse de ninguém.

“Eu tenho carta de condução e ia buscá-lo à praça e o meu sogro sempre me ajudava, na alimentação...quer dizer, e prás minhas filhas n’ê e os meus pais também me davam uma ajuda, quer dizer, só que...não...em ser eu independente de mim próprio...para não depender de ninguém.”

Existem obstáculos difíceis de contornar para se tornar vendedor ambulante.

“Adoro. Adoro só que não temos não, não, não temos, quer dizer, eu agora vender só, não temos...eh...lugar para vender e a venda ambulante está proibida em qualquer parte, não é, só em sítios que estejam autorizados, que as pessoas tenham cartão para vender... e é o que eu não tenho, não é?! Aliás já estivemos a falar com o assistente social, não é e ele, às vezes, passa-se...Ele anda a fazer uns escritos e é o que eu adoro fazer...vender roupa, roupa.”

O seu futuro passa por “dedicar-se à venda ambulante” e não ter dificuldades económicas.

Oh ...ser...ter uma venda só com dois lugares prá aí, não quero um carro muito caro, um carrito para trabalhar diariamente e material para vender. E tenha suficiente pra viver pró dia-a-dia.”

Percurso na assistência social

Foi mal tratado e foi-lhe recusado os abonos para as crianças.

“Éramos jovens, éramos jovens e quer dizer, não fomos informados a devido tempo. É. Não recebemos ajuda, o pedido foi indeferido. Engano da assistente social...Mas já estamos a tratar novamente.”

“Não, não acho que tenha sido bem tratado...porque as pessoas não respeitam, pensam que são mais que as outras pessoas, são maios autoritárias. Portanto, são aquelas funcionárias mais velhas, está a perceber, já do tempo antigo, elas pensam...”

Mas, noutros sítios já foi bem tratado.

“Mas, ao contrário, na rua, ali, na Buenos Aires, fomos lá e fomos bastante bem atendidos, depende dos sítios.”

Não o incomoda recorrer à assistência, pois necessita dela, e é um direito, por isso não tem que ter vergonha.

“Penso que é um direito que nós temos, não é, quem necessita, mas quem não necessita, quer dizer...mas quem necessita é um direito, não é?”

Então se eu necessito, não tenho vergonha, portanto de andar a pedir ajuda, não é?

O RMG permitiu que não ficassem tão dependentes. Antes do RMG, era ajudado pela família.

“Mudou. Bastante. Não ficámos tão dependentes das outras pessoas, está a perceber? E já com o dinheiro que vem do rendimento...com o vestuário...brinquedos...mais para elas. Fiquei satisfeito.”

Gostava de ser independente, ter mais recursos, isto é, autorização para ser vendedor ambulante. Mas, o maior problema é de não de ter uma casa e aguarda que o ajudem.

“...o problema foi sempre a habitação, viver numa barraca, isso é uma das dificuldades, sem ter água potável, estamos a puxar a electricidade dum poste... isso é a maior dificuldade, n’ê?”

“Aguardo uma resposta da Câmara. Fui directamente à Câmara.”

“Fomos ali ao pé da Praça de Espanha.”

Inserção na rede social

Inserido no grupo familiar, assente em laços sanguíneos e étnicos.

Os vizinhos são os cunhados, não tem outros. Parece conviver mais com a família da mulher, pois são estes que residem em Lisboa. Os seus familiares mais próximos estão em Coimbra.

É no seio dos valores familiares, que a venda ambulante aparece como o meio de subsistência eleito. Não expôs outras alternativas para ganhar a sua vida, já que é aquela que gosta de fazer. O irmão concluiu o 9ºano e não vive da venda ambulante.

Referiu-se à existência de amigos fora da sua etnia, mas não falou muito neles.

Faz planos a médio e a longo prazo, que se enquadram nos valores da sua etnia.

Entrevista nº 12

A entrevista decorreu nas instalações da Stª Casa no Bairro Alto, com a duração de 1 h 20m, no dia 18 de Março de 1999.

Foi uma jovem, indicada pela assistente social como alguém que vive num meio de grandes dificuldades familiares, de viver num meio, onde predomina a toxicodependência e de apesar de tudo, de ter uma grande vontade para fazer frente às dificuldades.

Esta jovem de 22 anos, invisual, casada com dois filhos vive numa casa de 2 assoalhadas, sem casa de banho, onde já vivera a bisavó, juntamente com o namorado, 2 filhos, a avó, a mãe, 8 dos 14 irmãos, 2 sobrinhas ainda crianças.

Tem problemas de relacionamento com a mãe e a irmã., toxicodependente. A avó gosta muito dela.

A mãe teve várias actividades, entre as quais foi operária numa indústria de plastificação e prostituta (esta profissão não foi revelada pela jovem, mas pela assistente social que faz o acompanhamento). Três dos seus irmãos têm actualmente problemas de toxicodependência, tendo já ocorrido a morte de um outro com a mesma doença.

Esta jovem quando cegou há dois anos isolou-se, aliviando-se da solidão ao namorar o seu companheiro e com o apoio moral das assistentes sociais.

Trajectória familiar

A avó nasceu no Bairro Alto e o avô em Alfama.

“Quer dizer, o meu avó era de Alfama e a minha avó é daqui do Bairro Alto, mas nasceu aqui na rua dos Mouros. E como o pai da minha mãe não queria, não dava-le dinheiro prá alimentação da minha mãe, a minha avó separou-se dele, a minha avó não era casada com ele..”

A avó resolveu ir viver para casa dos tios doentes, ajudando-os.

“...ela ir viver para casa da minha tia, tomar conta dos meus tios, quer dizer, os tios dela e eles davam-le casa e comida...ela, prontos, não davam, davam água, mas luz nunca le deram, então ela sempre viveu ali do trabalho dela...”

A avó e a mãe moram ali, há 55 anos naquela casa do Bairro Alto, que era dos tios.

“...a minha mãe mora ali desde dos 7anos e a minha avó mora ali há 55 anos, foi prá ali tomar conta duns tios...”

Vive com elas, com alguns dos irmãos, o marido, os 2 filhos e os 2 sobrinhos em duas assoalhadas, sem casa de banho.

“Eu vivo com a minha mãe, com a minha avó, com três irmãos, com os meus 2 filhos, com 2 sobrinhas minhas e com o meu marido...”

E bem mais adiante, no desenrolar da entrevista corrige o que disse inicialmente.

“Vivo com três, não, vivo com 10 (irmãos) todos na mesma casa e tenho três, não vivo com nove, comigo três e tenho três fora de casa, que é uma que tem 20 anos, que está no estrangeiro com os padrinhos, com aqueles meus tios, perdão eu vivo com oito irmãos, assim é que é, comigo nove, e tenho quatro fora de casa, com um que faleceu, eram cinco.”

Não conheceu o pai e cada um dos 14 irmãos é filho de seu pai. A sua mãe nunca casou.

“O meu pai (suspira) a minha mãe teve, prontos, a minha mãe não é casada, nunca se casou, então teve vários homens, quer-se dizer, a gente não somos todos do mesmo pai, então eu sou filha única do mesmo pai e o meu pai faleceu e eu não o cheguei a conhecer, sei também...não foi a minha mãe que me contou, mas sim a minha bisavó, que a minha bisavó que viveu até aos 94 anos, viveu ali com a gente, desde que eu nasci e ela é que me contou que o meu pai tinha falecido e a minha mãe chegou à gravidez do meu pai, nunca le disse que estava grávida dele, nunca le disse que estava grávida dele e ele nunca me conheceu a mim...”

Alguns dos irmãos são toxicodependentes, tendo um deles já falecido com esse problema.

“...pra mim é muito difícil viver com, quer dizer, não os desprezo os meus irmãos por serem toxicodependentes...mas quer dizer...tenho uma revolta dentro de mim porque, prontos, hoje em dia é rara a família que não tenha isto, mas sinto muita pena do meu irmão que da minha irmã porque a minha irmã tem-me feito muito mal, e tenho-a ajudado muito...mas mesmo assim ela arranja tudo para me ver irritada”
“...já o meu irmão é diferente só aquilo, se tiver ou então sai de casa e conviver com os outros amigos...”

Tem muitas dificuldades de relacionamento com a mãe e a irmã. Mas tem uma ótima relação com avó.
“...com a minha mãe, é totalmente diferente, eu sou a filha que ela gosta menos...existe uma discriminação ela gosta mais da minha irmã, que é toxicodependente...”

“Com a minha avó também, a minha avó...sempre foi, sempre fui...prontos, existe uma discriminação, sempre fui a neta mais querida da minha avó, não sei porquê, mas sempre fui...”

A mãe teve várias actividades e dificuldades para os sustentar, tendo recorrido quer à Igreja quer à assistência social.

A jovem expressou as seguintes dificuldades: a falta de habitação, o mau relacionamento com a mãe e a irmã, a dependência dos outros para sair, por ser invisual.

Mas, a maior dificuldade é a habitação, onde moram todos num pequenino espaço, por vezes conflituoso.
“É o problema da habitação, quer dizer, temos uma habitação, porque a casa é pequena, não temos condições, não temos casa de banho, depois também, há muitos irmãos, há muita gente e nem todos têm a higiene igual e então as minhas dificuldades, é essa, é não poder ter a higiene que eu quero, é os meus filhos não poderem andar à vontade e não ter o meu canto...”

O namorado foi alguém muito importante na sua vida e que lhe fez sentir que ela tinha tantos direitos ou mais que os outros.

“Com os meus filhos, com o meu marido está tudo bem, acho que não podia ser melhor, ele ajuda-me também, ajuda-me no que pode, ajuda-me a dar banho nos bebés, ajuda a dar alimentação, prontos, não me ajuda mais porque não temos condições em casa.”

“Pró bem o V. Acho que não podia encontrar melhor marido e melhor pai prós meus filhos, ele tem-me ajudado muito, sinto-me muito contente e sinto-me muito satisfeita, desde que o conheço. Ele tem-me ajudado muito, mesmo pró bem.”

“...ele dizia que uma pessoa cega também tem os direitos que as outras pessoas ou ainda mais...ele deu-me muitos conselhos.”

Os seus rendimentos familiares são a bolsa do namorado, os abonos dos bebés e o RMG.

“Do RMG, do abono dos bebés e da bolsa do V.”

Deseja que o seu futuro seja ao lado do V, que ele também não perca a visão, que os filhos cresçam e que a ajudem e que ela tenha um trabalho.

Trajectória escolar

Fez a 4º classe e saiu aos 14 anos porque não conseguia aprender devido à falta de visão, que já vinha a sentir. Abandonou a escola e arrepende-se porque precisava de ter feito o 9º ano para poder frequentar o curso de telefonista.

“Sim. Até à 4ª classe. Porque eu comecei a ver mal...Com 14 anos, também fui muito tarde prá escola..”
Porque eu comecei a ver mal e comecei a ter problemas. Comecei a ter muitos nervos, porque eu não conseguia aprender por causa da vista, então, também tinha problemas dos meus irmãos, mais velhos e mais novos gozavam comigo por eu não ver e assim...cheguei a uns pontos que desisti da escola, não quis mais saber da escola, hoje arrependo-me porque quero tirar o curso que sempre gostei, sempre foi o meu sonho e não passei tão pouco da 4ª classe. Era telefonista, então só me aceitam com o 9º ano. Então, estou a estudar, a tirar...a aprender o braille e ir estudar, tirar o 9º ano.”

Trajectória profissional

Começou a trabalhar dos 15 anos aos 18 anos, numa fábrica de plastificação, altura em que saiu porque ficou sem a visão. Não fez descontos porque era menor. Dos 18 aos 21 não fez nada, esteve “entregue à casa”, à sua solidão.

Através da assistência foi fazer um curso de reabilitação, onde aprende a andar sozinha na rua e a ler braille.

“Desde que saí da escola...a minha mãe trabalha numa fábrica de postais, numa plastificadora, de fazer cartões de Natal, de anos e assim e a senhora...precisavam de uma rapariga e empregou-me lá, tinha eu 15 anos, tive lá até aos 18 anos, foi quando eu comecei a ver muito mal e já não dava para plastificar, nem escrever, nem nada, saí de lá, estive 3 anos empregada, nessa senhora, sem descontos porque ela não me podia pôr na Caixa como era menor e estive lá dos 15 aos 18, depois dos 18 aos 20, aos 21, não fiz nada, sempre estive em casa até conseguir este curso até encontrar o V, conheci o V. tinha 17 anos, ainda

trabalhava, depois só ao fim de 2 anos é que a gente se juntou e depois ele foi nesta formação e depois desta formação é que é altura boa, porque a assistente conseguiu este centro. Não estou a tirar curso nenhum, estou a aprender braille e andar sozinha na rua, depois de sair desta reabilitação é que vou pra Fundação onde o V está qu'ê aí que eu queria ser telefonista, mas como não aceitam com, sem o 9º ano vou entrar pró curso de artesanato, daqui a três anos e como é cinco....”

Pensa fazer um curso de artesanato, estudar à noite para fazer o 9º ano, de modo a tirar o curso profissional que lhe permite tornar-se telefonista, que é o seu grande desejo.

Amigos e vizinhos

Tinha muitos amigos, com quem saía, que são vizinhos. Os seus “amigos de criação” estão todos na toxicod dependência.

“...que são ligados a mim, não é, estão ligados todos à droga...”

“...eles estão mais...naquela desgraça, a maior parte deles estão todos...são os vizinhos da minha criação...assim, da criação dos meus irmãos.”

Hoje não convive muito com eles. Os vizinhos com quem mais convivia já faleceram.

“Convivia muito com três vizinhas minhas, essa três vizinhas infelizmente já faleceram, eram as que eu convivia mais lá na rua, mesmo assim, também não convivo com mais ninguém...”

Depois, cegou e fechou-se em casa. Tinha um grande sentimento de inferioridade devido à cegueira que a tornava dependente dos outros.

“Quer dizer, agora...tinha mais amigos antes de ficar assim deficiente, invisual. Fiquei assim há 2 anos... E então, antes de cegar tinha muitos amigos, ia com eles para todo o lado, pró cinema, prás discotecas e assim, eles ajudavam-me, eles é que me orientavam...Só que depois eu fiquei cega, eu entreguei-me em casa, prontos, não podia sair, tinha vergonha, eles puxavam-me, diziam que não era vergonha nenhuma, só que eu entreguei-me mesmo à casa. Não saía, depois vinham mais aquelas amigas íntimas, que eram mais raparigas...”

Mas, nesse período manteve sempre amigas “interiores”.

“...Tenho duas ou três amigas íntimas, prontos, interiores e tenho as amigas que agora encontrei no curso, portanto são duas boas amigas...”

O que não impediu que se sentisse só e sem ajuda de ninguém.

“Sentia-me revoltada, não tinha ajuda de ninguém...”

Entretanto, um dia uma amiga convida-a para uma festa de anos e conhece o namorado, que é o pai dos seus filhos e com quem vive.

Costuma conversar com as colegas, com o V e com os irmãos. Não tem muito tempo disponível.

“Sim, converso com a minha irmã, com o meu irmão, com o V às vezes, e lá com as minhas colegas também converso muito.”

Percurso na assistência social

A família enfrentou muitas dificuldades económicas.

“...e então houve uma certa fase que a minha mãe não conseguiu emprego e a gente teve muitas dificuldades, só tínhamos um pouco de dinheiro, dos abonos dos nossos avozes e umas compras da igreja e prontos, a gente teve muitas dificuldades, quando eu era pequena.”

A partir do momento, que constitui família experimenta dificuldades, ela e o marido tentaram resolver a situação recorrendo à assistência social, tal como a mãe já o fazia.

“A minha vida...até aos 18 anos, as dificuldades que eu tive foram as mesmas que a minha mãe, ela é que resolvia não era, que eu era menor e tal e não podia trabalhar e a partir dos 18 anos encontrei o V, as dificuldades começaram-se a juntar com as dele, ele também não é duma família assim com muitos meios...têm dificuldades, tentámos resolver, entretanto socorremos aqui porque, prontos, a minha mãe falava dela e dos meus irmãos menores e muitas vezes, falava dos maiores, então eu, prontos, a gente, propôs, viemos aqui à Stª Casa pôr os nossos problemas, entretanto os meus filhos nasceram, o V não trabalhava, prontos, começámos a pôr o abono, o rendimento mínimo.”

Foi bem tratada e foi resolvendo as suas dificuldades através da ajuda que lhe foi concedida (dinheiro, creche para os filhos, RMG).

“Sentia-me revoltada, não tinha ajuda de ninguém, queria tirar a reabilitação, que era bom pra mim e prós meus filhos e não tinha com quem eles ficassem e não queria entregá-los assim de qualquer maneira, acho que uma creche fazia-les bem e também a minha família, a minha mãe e a minha avó, porque a minha avó gosta muito de mim, mas acho, elas achavam que eu ir pra um centro não ia ser melhor para mim porque eu não ia ter tempo de tomar conta dos bebês e sentia-me muito só, só...só com, prontos, só me ajudam com o que podiam, sentia-me muito só, não tinha convivência com ninguém, habituei-me a estar em casa, então vim aqui muito triste e saí daqui com uma grande novidade muito grande, a Drª X arranjou-me logo a vaga prós bebês, a partir daquele mês.”

Foram as assistentes que lhe fizeram ver que ela tinha tantos direitos como as outras pessoas, apesar de ser invisual, tal como o marido. Ajudaram-na a superar o sentimento de inferioridade, incentivaram-na a fazer o curso de reabilitação. Superou o sentimento de solidão e de isolamento.

“Sinto-me uma rapariga, sei lá...desde que eu fiquei cega sempre me senti uma pessoa diferente do que outras, porque acho que eu não tenho o que elas têm e sinto-me um bocado infeliz, derivado à minha condição, não consigo ver, não consigo mexer como as outras pessoas mexem, sinto-me inferior às outras pessoas porque se eu quiser ir à rua, eu só posso ir se a outra pessoa fôr, porque ‘Tu vais se eu fôr, se eu não fôr tu não vais’. E então, eu sinto-me um bocado infeliz, sinto-me um bocado inferior às outras pessoas que vêem .”

“...e quando vim aqui, falei com uma assistente, elas (assistentes), todas é que fizeram superar, que me fizeram compreender que realmente uma pessoa cega também pode fazer o que as outras pessoas fazem.”

O RMG permite dar uma boa alimentação aos filhos.

“Tem-me ajudado nas dificuldades, sempre é mais dinheiro que entra em casa e este dinheiro com que eu posso ficar e me ajuda mais porque o V não desconta e eu só comecei a ter abono quando o V começou a ter o RMG, que tenho os abonos pelo RMG...porque ele só tirava do V e tinha muitas dificuldades.

Serve para pagar a creche, serve para, prontos, pra casa, prós bebês porque, prontos, como eu só tinha um, como só tinha a bolsa do V, prontos, eu acho que fui uma mãe muito coisa, habituei os meus filhos a terem aquilo, a dar aquilo que mais, que os pais davam, habituei os meus filhos a não beberem leite só, a beberem leite com qualquer coisa, habituei os meus filhos, nunca retirei o leite de lata, sempre beberam leite de lata, hoje ainda têm, a minha filha tem 2 anos e ainda continua a beber leite de lata e as latas agora são a 3 contos e tal, mas prontos, habituei-os a ter fruta depois de comer, a ter sopa...prontos, acho que não queria que os meus filhos sentissem de hoje prá amanhã, como é que hei-de dizer, de terem vergonha de ‘olha, a minha mãe não, só como sopa e eu não sei o que é carne’, prontos, eu acho que estou no meu direito, mas se os habituei mal...”

Não a incomoda recorrer à assistência porque “não é vergonha nenhuma precisar das outras pessoas quando temos dificuldades”, “rebaixar-se à Stª Casa” é uma grande ajuda “porque há pessoas de alto nível, que a podem ajudar a não ter tantas dificuldades”.

“Sinto uma grande ajuda...acho que não é vergonha nenhuma a gente precisar das outras pessoas quando temos dificuldades, mas também tenho o meu orgulho, não gosto de me rebaixar a pessoas, prontos, do meu nível, não é, mas acho que me rebaixar à Stª Casa, acho que é uma grande ajuda pra mim porque há pessoas de alto nível, não é, que podem ajudar, prontos, não ter tantas dificuldades que eu tenho, podem ajudar mais, não têm tantas dificuldades, mesmo a Misericórdia é mesmo para ajudar as pessoas que têm dificuldades e eu não sinto vergonha nenhuma, sinto, sinto uma grande ajuda.”

Inserção na rede social

Inserida no seu bairro, quando cegou acabou por se refugiar na casa superocupada por parte da enorme família, isolando-se dos outros.

Uma amiga convidou-a para uma festa e aí conheceu o namorado, uma pessoa muito importante “para o bem”, abrindo-lhe novos horizontes.

Em casa conta com a amizade da avó, é a neta preferida, mas enfrenta a irmã toxicodependente e a mãe que a tratam muito mal. Tem outro irmão, que é toxicodependente, mas desse não recebe maus tratos.

Ela e o namorado estão a fazer uma formação para um dia se integrarem no mercado de trabalho. Ela tem esperança que a vida melhore. Aguarda a atribuição duma casa, de modo que tenha mais condições e que acabem os conflitos com essa irmã, que também partilha a mesma casa.

Faz planos a médio e a longo prazo, que incluem o seu companheiro e filhos.

Entrevista nº 15

A entrevista efectuou-se em finais de Abril, nas instalações da Stª Casa, no Lumiar, constituindo uma segunda tentativa, visto o jovem ter faltado, inicialmente, a uma primeira marcação. A reunião começou com a presença do entrevistado e da assistente social, que serviu de apresentadora, tendo-se ausentado no momento da entrevista. Este jovem revelou-se simpático mas contido, mesmo recusando-se a responder a algumas das questões do guião. Foi malicioso, outras vezes distante, evasivo.

Apesar dos seus 18 anos, este jovem referiu como problema a relação com os “cotas” (velhos) e com as autoridades (policías e polícia judiciária). Teve já vários incidentes violentos no relacionamento com os outros, que o colocam numa certa marginalidade. Foi expulso da Casa Pia devido ao facto de andar à “pancada” com outro colega.

Possui a 4ª classe e foi passado por “passar”.

A família vive da assistência social, já com um longo acompanhamento devido a problemas de sobrevivência: o pai é alcoólico e a mãe sofre de doença mental, não trabalham, as irmãs frequentam a casa Pia. O pai já trabalhou na construção civil. Vivem num bairro de barracas.

Trajectória familiar

Os pais são originários de Cabo Verde, mas conheceram-se em Lisboa.

“Os meus pais são de Cabo Verde”

“Conheceu a minha mãe cá, foi uma vez ali ao Marquês de Pombal, as camionetes paravam lá...aí o meu pai começou a meter com a minha mãe e quê...”

O pai era pintor na construção e trabalhou em vários sítios, Porto, Algarve...

Não tinham problemas só a partir do momento em que o pai se tornou alcoólico e deixou de se preocupar com eles. A mãe trabalhava, mas não chegava para fazer face às necessidades. Ele sentia fome quando era pequenino, mas tinha sempre brinquedos que tirava aos amigos que encontrava na rua.

“...depois o meu pai começou andar por aí com os amigos, começou a andar aí com os amigos e quê e depois não ligava à gente, só queria beber mais nada e a gente...a minha mãe ia trabalhar, mas mesmo assim...era pouco.

Sentia fome quando era pequenino... Brinquedos eu tinha, porquê...eu saía prá rua, saía prá rua se um amigo meu trouxesse assim um brinquedo de casa, eu tirava-lhe o brinquedo levava-o para casa. (A mãe não ralhava com ele por isso)”

Recorda os momentos em que o pai lhe contava histórias.

“O meu pai contava assim histórias antes de eu dormir e quê..., às vezes, há assim, até mesmo agora, assim mais velho e quê...o meu pai contava histórias.”

O pai também lhe batia quando ele fugia da escola.

A mãe adoeceu com problema do foro mental. (Esta informação resultou do contacto com a assistente social).

Disse-nos, que tem uma relação especial com a mãe.

Os pais não trabalham e têm como recurso a assistência social.

“O meu pai e a minha mãe não trabalha. A minha mãe não trabalha, o meu pai é reformado.”

A família é composta por ele, pelos pais e pelas duas irmãs, com as quais não se dá muito bem, que estudam na Casa Pia. As relações não são pacíficas.

“Olha, a gente costuma falar, sempre há aquela discussão com os pais e isso...são mandões...”

E as minhas irmãs têm a mania que é mais, prontos, quer sempre ficar na grelha (por cima)...a gente sai sempre à porrada, lá em casa.”

Em Lisboa, têm primos afastados com os quais não convivem.

Amigos e vizinhos

Gostava de viver num sítio calmo.

“Gostaria de viver num lugar mais calmo.”

No bairro tem os amigos que são jovens. É com eles que se diverte e passa os tempos livres.

“Jogo à bola, vou sair com a minha namorada...Depois, aí...passa o tempo, depois ficamos a divertir, vamos gozar com as miúdas, depois gozar com as beach...Depois vamos prá docas...vamos prá docas, vamos prá docas, prá bares, vamos lá dançar..., depois no fim metemo-nos com alguma chavala a ver se cai alguma coisa prá gente (ri-se). Depois a gente vem pra casa, vem dormir.”

Mas os “cotas” não gostam dele.

“Os jovens são meus amigos...agora os cotas...! Porque muitos deles...uma coisa que se metem na cabeça e me enervo eu bato logo eles, eu me enervo, bato...eu...pronto...assim...estamos assim na brincadeira, estamos assim na brincadeira depois eles falam uma coisa que eu não gosto, que eu não gosto, que eu não gosto, e eu vou de avisar: -Olha, não gostei.

Ele ainda continua a ser teimoso, continua a gozar, aí vai ter que levar.

Os velhos não gostam de mim...porque, não sei que mal que eu fiz...Eu acho que eles não vão com a minha cara ou...é, não sei, ou têm ciúme não vão com a minha cara ou...é, não sei porquê, mas eles não gostam de mim até já se me agarraram a ver se me batiam, muitos dos pais dos meus amigos.”

Não se considera violento, defende-se. Foi assim que aprendeu a fazê-lo, desde de pequenino, no bairro.

“Eu não acho que sou violento, agora se meterem comigo, eu não vou perdoar.”

“Eu desde de pequenino, eu tinha as pessoas, os jovens mais velhos que eu, eles metiam-me a pôr à porrada com os outros, metiam, prontos, se tivesse um grupo de putos mais novos, mais velhos chamavam os mais novos, não sei quê metiam os mais novos a andar à porrada, pra ver quem é que ganhava e quem é que não ganhava. Faziam a gente assim a andar à porrada, pra ver quem é que ia ser mau...eu por acaso não sei porquê, mas sempre tive sorte e era muito raro levar porrada dos outros, sempre me chegava...”

Uma vez...um rapaz velho, eu já andava um bocadinho mais perto, porque andei assim com rapazes velhos, nunca andei assim com mais novos, andei assim com os mais velhos... e fomos lutar para um monte de areia e depois ele meteu assim por baixo da areia, eu mandei-lhe areia para os olhos dele, ele aí, ele aí começou a limpar as areias dos olhos, a aí dei-lhe tantos socos, parti-lhe o nariz todo.”

O uso da força é uma maneira de se afirmar e de fazer valer a sua vontade.

Nas relações com o sexo oposto a violência também surge:

“Nunca bati na minha namorada, mas nas outras raparigas já. Prontos, faziam-me uma coisa, eu evitava de lhe bater, mas eles queriam mesmo provocar...aí, não sei quê...começam a mandar bocas e não sei quê..., um gajo passa-se da cabeça, toma! Não sei, prontos...apaga-se mesmo tudo eu não vejo outra coisa senão ser bater.”

As relações com o sexo oposto enquadram-se no divertimento do grupo:

“Olha, a gente joga à bola, fazemos várias coisas, depois vamos gozar com as miúdas, olha, vamos gozar com as miúdas, olha, vamos gozar com as miúdas, metemo-nos com elas, não sei quê...depois dizemos que a gente gosta delas, que é depois a gente chega ao fim...um gajo só está a gozar com elas...até às vezes se a gente começar a gostar de uma miúda, depois se...depois se...depois...como é que é...já não quer nada com a gente. É. Prontos, a miúda já nos conhece como é, já sabe como é, já não quer nada com a gente.

A gente vai gozar com as miúdas, depois as miúdas...”Ah...vocês só querem aproveitar-se da gente e não sei quê...essas cenas e depois...”

A pancada é uma ocorrência “familiar”, mesmo entre amigos, às vezes, arrepende-se.

“Às vezes, sinto-me bem (a bater), às vezes sinto-me mal, conforme fôr a pessoa, se fôr uma pessoa...prontos, prontos, eu não tenho a certeza que ele é meu amigo...mas se fôr meu amigo, arrependo-me, agora se fôr uma pessoa que eu não conheço, não me arrependo, é assim.”

No bairro é agredido pela polícia, que o arrasta para a esquadra, desconfiada da sua culpabilidade sempre que aparece alguma coisa roubada.

“Tenho problemas com os polícias e isso, eles costumam-me agarrar, eles levam-me prá esquadra e ficam-me a bater e isso, sinto-me mal. Eu acho que é injusto...porque não fui eu, que fiz isso, eles não têm nada que me agarrar a mim, eles sabem quem é, eles devem agarrar quem foi.”

“Prontos...Eles aí...Não sei, eles não gostam de mim ou quê...agarram-me sempre a mim, querem que eu lhes diga coisas, que eu não sei, por exemplo...se roubaram o carro, coisa assim, os gajos lá da Quinta Grande...como eu vou, às vezes, pra lá e fica lá um bocado com eles e venho pra casa...e se eles roubaram o carro ou coisa assim...querem que eu diga quem é que roubou e depois ficam-me a bater.”

Então, distingue o “seu bairro” em relação a outro e distingue-os pela positiva, no bairro dele não se rouba, isso é no outro!

“Eles sabem, sim senhor quem é, porque faz uma grande diferença, a Paleca não tem essas cenas de roubar...nada. A Paleca é o meu bairro e a Quinta Grande é outro bairro.”

Tem outros problemas de relacionamento com a “sogra” que não quer que namore com a filha:
“Depois ela fica-me lá a ameaçar bué de cenas, já foi fazer queixas de mim lá à esquadra e quê, pra ver se a filha dela...ela quer que eu deslague a filha. Bué da cenas !”

Disse-nos que sentia muita raiva.

“Por acaso, tenho muita raiva! Não sei, não sei porquê mas...eu acho que foi o ambiente desde pequenino, não sei porquê, mas tenho muita raiva mêmto, eu, às vezes, até vejo, só vejo...uma pessoa assim, não vou com a cara dele, prontos, já estou a começar a ter raiva dele, prontos, que eu sei que quando tenho raiva duma pessoa o lábio começa-me a tremer...”

Trajectória escolar e profissional

Percurso escolar longo, de abandonos e ausências escolares, com marcas de relacionamentos conflituais.
“Estudei. Eu sempre quis...eu estudei, eu realmente não estudei porque eu entrava na escola-saía, entrava na escola-saía, eu realmente, não fiz quase nenhuma porque eu ia prá escola, prá 1ª classe, depois aí...não sei o que é que me dava na cabeça...prontos, não apeteceu ir mais à escola...depois já não ia mais à escola...até aos 16 anos, prá aí, desde da primeira...assim até à volta dos 10 anos, sempre assim, ia à escola e não ia, ia à escola e não ia, depois aí, sempre a chumbar, sempre a chumbar, depois quando tive assim 11 anos, prá aí, mandaram-me para a escola da Charneca, mandaram-me prá escola da Charneca, aí meteram-me na 2ª classe, eu ia à escola mas fazia sempre as minhas porcarias, metia-me lá com as S'touras, sempre aquelas confusões que há e assim.”

É enviado para a Casa Pia, onde faz a 5ª classe. Foi “passado à tóa”. Mais tarde, é expulso da Casa Pia por ter agredido um colega e um “segurança”.

“...eu arranjei lá confusões com uns bacanos e depois, aí eles, comecei a arranjar confusões com eles não sei quê...andava quase a matar o outro rapaz, depois por causa disso eles expulsaram-me, poque eu lhe agarrei na cabeça e o rapaz, e até o rapaz quase ficou cego...foi por causa daí da namorada não sei quê. Ninguém estava a roubar a namorada de ninguém, ele simplesmente, fogo, via a minha namorada e ficava a apalpar!

Eu disse: -Que é isso?!...Eu não faço isso à tua namorada, tu também não tens direito a fazer isso à minha.

Depois, eu fui falar com ele numa boa para ele não apalpar mais ela e ele começou-me assim a encostar a cabeça, a querer dar cabeçadas, assim, eu mal vi ele levantar-me a cabeça eu levantei a minha e dei-lhe logo, dei-lhe logo, depois ficámos a andar à porrada e quê; depois o segurança veio-me agarrar, o segurança da Casa Pia veio-me agarrar, dei-le, também um soco ao segurança e quê, e o segurança disse: -Ah, vou-vos deixar vocês lutar, não sei quê.

Depois, o segurança deixou a gente lá lutar, eu agarrei-lhe na cabeça pelos cabelos e mandei-a contra a parede.”

Experimenta longos períodos de desemprego, quando trabalha, fá-lo durante 1 a 2 meses.

Costuma encontrar emprego através dos amigos.

“Eu trabalho assim um mês, trabalho um mês, tou em casa, prontos, trabalho dois meses, depois paro, paro depois, fico assim muito tempo, depois começo outra vez, sempre assim.”

Já fez trabalhos de ajudante de electricista, de pedreiro e de ladrilhador.

“Olhe, eu trabalhei em ajudante de electricista, já trabalhei como ajudante de pedreiro...gostei...com umas lajes...como se chama isso? Já como ladrilhador, foi aquilo que eu gostei mais.”

Os seus planos para o futuro imediato passam pelo divertimento: dançar rap, ter uma namorada, meter-se com miúdas. No futuro mais longínquo, quer estar em paz, sem trabalhar, estar descansado.

Percurso na assistência social

Os pais já recorriam à assistência, costumando acompanhá-los.

“...eu já estava tão habituado que eu tava a vir aqui com os meus pais, não sei quê, que eu chegava, nem falava com as senhoras, chegava e entrava...ia prás salas, falava aí com as senhoras, não sei quê...Vir à assistente social é uma coisa normal.

Considera o recurso à assistência um acto quotidiano e familiar, com uma atitude de à vontade.

Tem uma postura de ambivalência face à ajuda social, porque gosta e não gosta, aquelas pessoas são e não são amigas.

“Estas pessoas são minhas amigas, são e não são, para mim são as duas coisas.”

Chega mesmo a dizer que se sente mal.

“Prontos, há dias que, prontos, há dias que a gente está...não sei como qu’hei-de explicar, mas há dias que não está pra lado nenhum, com coisas...há dias que não estou pra levar com coisas.”

O recurso à ajuda social é um direito.

“Não sinto dificuldades em ir pedir ajuda, acho um direito.”

Mas, às vezes, fá-lo sentir-se mal porque marcam-lhe uma entrevista e ele não está com disposição para lidar com elas (assistentes).

“Não sei há dias...que marcam num dia que quero estar assim com a minha namorada e fico muito chateado porque tenho que vir aqui e depois vou ficar poucas horas com a minha namorada, prontos, fico chateado, prontos, é, essas coisas assim.”

O RMG apareceu na continuidade da relação já estabelecida com a assistência social. Ajudou em casa e serve também para se divertir.

“Olha, o meu pai, o meu pai diz, a S’toura F, que era para lhe dar, eu dou uma metade, a outra metade fico com ela no bolso para de noite me ir divertir, ó se preciso!”

Deixou de o receber e não sabe porquê.

“Agora, não sei porquê não está aparecer nada. Não.”

Inserção na rede social

Tem relações ambivalentes com os outros. Costuma resolver os problemas batendo nos outros- “cotas”, colegas, namoradas. Diz, que tem muita raiva, revolta e gosta de fazer de mau. E é por isso, que foi expulso da Casa Pia. Tem um processo na Judiciária. As dificuldades assumidas por este jovem são os relacionamentos conflituosos com os polícias, “que o levam para a esquadra e o agridem” e não pode fazer nada.

Tem amigos, são jovens com os quais costuma divertir-se. Aliás, o que mais deseja é divertir-se e estar em paz, isto é, não fazer nada.

II - As Regularidades

Na *Singularidade* realçámos os percursos e as trajectórias individuais e a expressão subjectiva de cada um sobre a sua vivência social, apesar da comunhão dos mesmos ou de alguns dos acontecimentos, circunstâncias. Aqui, vamos evidenciar um “discurso comum” na diversidade da experiência vivida.

Após a realização da análise de conteúdo fica-se com a sensação de que se poderia ter explorado mais aquela ou outra dimensão, aprofundado mais aquele aspecto...A originalidade da expressão individual de cada jovem sobre a representação dos acontecimentos e o modo como os regista na memória não se esbate nesta procura da regularidade no discurso comum destes 12 entrevistados. A subjectividade não é susceptível de ser quantificada. A partir deste momento, os quadros que aparecerem são meras condensações da informação recolhida e tratada.

Retomando o nosso objecto de estudo, a construção identitária dos jovens face à assistência social, torna-se pertinente captar a representação social do mundo envolvente, a sua participação ou não na rede social, de modo a compreender o verdadeiro impacto da assistência social na relação estabelecida com estes jovens e a respectiva imagem resultante desta interacção.

Em traços muito gerais, vamos recapitular a informação fornecida pelo quadro do universo apresentado no I Capítulo associando a nova informação oriunda da análise de conteúdo.

1. A Rede Social

1.1 Os jovens e a família

O Passado

A rejeição paternal ou maternal é um acontecimento traumatizante, que afectou muitos dos jovens entrevistados.

E12 nunca se sentiu “rejeitada” pelo progenitor, pois a avó *contou-lhe que o pai faleceu antes de ela nascer* e que nem chegou a saber que a mãe dela estava grávida dele. Não tiveram a mesma sorte E1, E3, E5, E7, E14. Nenhum deles cresceu com os dois pais, experimentaram **a rejeição de um dos progenitores, vivendo em famílias monoparentais, lideradas por mulheres.**

E5 é uma excepção, foi acarinhada e educada pelos avós maternos desde dos dois anos, por incapacidade da mãe, mas sempre acompanhada pelo pai.

E1 sentiu profundamente o desinteresse do pai tal como E14, ambos sentiram o desamor e o desprezo parental contrastando com o forte amor das suas mães.

E7 e E12 são filhos de duas profissionais da prostituição, que não conheceram o pai e que mantêm uma relação distante e fria (E7) ou conflituosa com as mães (E12).

E3 por rejeição do pai, por incapacidade da mãe foi alvo da intervenção social, desde muito cedo foi entregue aos cuidados duma ama da Stª Casa até aos 7 anos, evitando que ficasse sem cuidados, mas não impediu a falta do carinho familiar dum pai e duma mãe. Mais tarde, passa a viver com a irmã mais nova (são 5 filhos do mesmo pai, todos entregues ao cuidado de amas) juntamente com a irmã num bairro social atribuído pela assistência social. A relação com a mãe foi recuperada, de quem gosta muito.

E2, E4, E6, E11, E13, E15 cresceram numa família em que os dois pais estiveram presentes na mesma casa. E4 é o único a revelar que ficava aborrecido quando os pais brigavam, tendo mudado o seu relacionamento para melhor nos tempos mais recentes. Os outros pouco ou nada falam do relacionamento que tinham com os pais, quando eram crianças.

Destes, E13 e E15 relembram a sua infância de **pobreza**, a primeira numa família numerosa do meio rural, mas onde as pessoas se ajudavam, o segundo num bairro desfavorecido da cidade de Lisboa, onde passou fome. As dificuldades económicas marcaram também fortemente E1, E3, E7, E14. O recurso à assistência social foi um meio que as famílias encontraram para fazer frente às necessidades. (E3, E7, E12, E15). Omitiram a sua vivência na infância quer E2 quer E11, centrando-se no drama presente das

suas vidas: a gravidez e a responsabilidade de criar os filhos. E11 revelou que mudou do *bairro Chinês* para o bairro social de *Chelas*, provavelmente beneficiou de medidas de realojamento camarário. E5 não tem memória de ter passado carências na sua infância, o que lhe davam era o suficiente, quer em termos de amor quer em termos materiais, apenas se ressentia com a falta de carinho da mãe. E4 frisou bem, que na sua infância não lhe faltou nada, vivia numa casa camarária, com luz, água, telefone ao contrário dos seus pais que chegaram a sentir fome. E6 também não sentiu necessidades, o pai nunca as deixou passar mal, viviam em casa própria e exercia a sua actividade de bate-chapas numa oficina, onde possuía uma quota numa sociedade com outro sócio.

A **insegurança emocional** na infância foi uma realidade para E1, E3, E7, E14 e E15 e a “inferioridade” foi a experiência de E1, E3, E7, E14. As dificuldades económicas dos pais foram sentidas por E1, E3, E7, E12, E13, E14, E15, como já foi referido acima, E11 e E2 não se expressam relativamente à sua infância. Os pais e os avós são personagens importantes no imaginário e na memória destes jovens. Os avós compensam um progenitor menos positivo ou mesmo negativo, apesar de estar sempre presente um dos progenitores (E1, E5, E12, E13). E1 reconfortou-se no avô, era o seu “porto seguro”, nos momentos em que viviam com ele, melhoravam as suas condições de vida, não sentiam tanto a pobreza. Para E3 a professora e a ama são personagens ambivalentes, tanto assumem aspectos positivos como aspectos negativos.

E3, E7, E15 evidenciam-se pela falta de laços e pela solidão na cidade das suas famílias, durante o seu crescimento. As famílias estão ausentes, distantes (E7 e E15) ou até mesmo chegam a desprezar (E3). Os avós de E5 tomaram o lugar dos pais, que nunca viveram juntos e tiveram um percurso bem distinto: o pai caboverdiano, depois de chegar a Portugal vai trabalhar nas obras, mais tarde torna-se dono de um café e abre outro em Cabo Verde; a mãe ao contrário teve insucesso nas relações amorosas que desenvolveu, vivendo da assistência social, sofrendo de doença do foro psicológico. Teme ser como a mãe.

Personagens positivas/negativas na infância

Tipologia Pares Dicotómicos		Tipologia Personagem Ambivalente		Tipologia Positivos		Tipologia	
		Frequência	Frequência			Frequência	
Avô(ó) / Pai + -	E1, E13	Pai	E15	Pais	E4	Não revelaram	E2,E7, E11, E12
Avó / Mãe + -	E5	Ama	E3				
Mãe / Pai + -	E1, E3, E14	Prof.	E3				
Pai / Mãe + -	E5, E6						

As **estratégias familiares** no tempo são várias, tais como o recurso a outros familiares para fazer frente às dificuldades económicas (E1, E5, E13) ou o recurso à assistência social (E2, E3, E7, E12, E15) por vezes, facilitam ou estimulam a saída dos filhos da escola (E1,E4,E6,E12,E13), deixam os filhos entrar precocemente no mercado de trabalho (E1, E4, E6, E11, E12). A ajuda de vizinhos também ocorria na família de E1, E13, E14.

O Presente

O género feminino evidencia uma forte predominância no conjunto dos inquiridos (8/12), sendo seis delas mães de crianças de tenra idade. Destas seis mães, três vivem ou regressaram à família de origem (com um dos seus pais), sem terem constituído com o pai dos seus filhos um núcleo familiar (E1, E2, E6). E11 é mãe solteira pela 1º vez aos 16 anos, vive com os pais mais o bebé até ser posta fora de casa pelo pai, acabando por engravidar pela 2ª vez nessa ocasião, em que procura refúgio em casa do actual namorado, permanecendo o bebé em casa dos avós. E13 está sozinha com os seus 5 filhos, engravidando sempre do mesmo homem, mesmo quando este recusa participar e cooperar na criação dos filhos e nas despesas quotidianas, mantendo-se ausente. Todas estas jovens têm em comum **uma gravidez que não foi planeada, constituindo um marco que desencadeou transformações biológicas e sociais, mudando o rumo das suas vidas**. A par desta evolução, experimentaram dificuldades de relacionamento com os parceiros, para algumas foi um episódio superado (E1, E2), para outras um relacionamento instável que terminou no abandono (E13) ou na ruptura irreversível (E6, E11). A E6 viveu um casamento imposto, mal sucedido devido à toxicoddependência do marido, em que teve 4 filhos.

E12 é uma mãe invisual de duas criancinhas, que partilha uma vivência comum com o pai dos seus filhos na mesma casa onde cresceu e residem os seus familiares, uma família alargada de várias gerações de mães solteiras.

E5 assegura o desempenho das funções domésticas, que outrora eram feitas pela avó materna antes de adoecer mentalmente, tal como a mãe de E3, que também sofre de doença do foro psiquiátrico. E15 tem também os pais inactivos por problemas do foro psiquiátrico, o pai é alcoólico e a mãe é doente mental. Actualmente, residem com os pais e irmãos E3, E14, E15, E7, E6 e E1. Vivem numa família largada, onde coabitam várias gerações e várias famílias monoparentais ou nucleares E2, E5, E12. As relações de amizade, de confiança e de interajuda acontecem no seio familiar de E1, E11, E14 e de E3, mas para E12 é o companheiro.

Tipos de Família

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Família monoparental	E3, E7, E13, E14
Família nuclear	E4, E15
Família alargada	E1, E2, E5, E6, E12
Com outros	E11

A família alargada tem uma importância grande na vida quotidiana de E4.

E11 ficou afectada com os problemas de relacionamento com o pai e com os namorados, o pai expulsou-a de casa e quando se zangou recentemente com o parceiro tentou suicidar-se. E13 também tem uma história de expulsão da casa dos pais quando engravidou, anos atrás.

E3, E6, E12 têm em comum a relação íntima com a **toxicoddependência**. E6 e E12 sentiram os efeitos nocivos na sua vida familiar.

E5 e E14 confrontaram-se com a insuficiência das respostas institucionais às necessidades das famílias com membros a padecerem de doença crónica, a primeira entrevistada com a doença mental da avó e o segundo jovem com a doença oncológica da mãe.

No presente os **recursos** destas famílias são baixos, fazendo depender a sua sobrevivência do RMG, são os casos de E12, E15, E7, E13. Outros, como E4 e E5 recebem ajuda de familiares, em troca de colaboração nas actividades comerciais. E5, E1, E2, E3, E5, E6, E14 combinam o RMG com outros rendimentos, oriundos do seu trabalho ou do trabalho de outros membros do agregado familiar, tais como salários ou pensões. E11 ao completar o horário de trabalho perde o RMG, mas entretanto a sua situação económica voltou a alterar-se com uma 2ª gravidez aos 18 anos, dependendo esta da partilha de responsabilidades morais e económicas na educação do próximo bebé com o novo parceiro.

Recursos da Família

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Sem RMG	E11
RMG	E12, E13, E15
RMG e outro rendimento	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E14

E4 vive numa barraca com a mulher e as filhas, ao lado da barraca dos cunhados. Numa casa com as condições mínimas aceitáveis de higiene está E13 com os seus 5 filhos. E12 habita na casa da avó, da mãe, mais alguns dos 14 irmãos, 2 sobrinhas na infância, com o seu companheiro e os seus dois filhos bebés em duas assoalhadas, sem casa de banho. E11 habita com o namorado desde que o pai a pôs fora de casa. E6 regressou à casa da mãe com os seus 4 filhos, onde também vivem os seus irmãos, anseia por ter casa própria e que faz tudo para a obter...A casa, o desejo de melhores condições de **habitação**, de independência são importantes também para E1, E2, E3, E5, E14.

Vivem em ...

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Em Bairros Sociais	E3, E6, E11, E14
Em barraca	E4, E15
Foi despejado	E7
Em bairro antigo de Lisboa	E1, E2, E12, E13
Não revelaram	E5

A **pobreza** é gritante e assumida por E6, E13, E4, E7, E12. Outros jovens estarão a viver situações económicas difíceis, mas que são ocultadas por outros problemas mais dramáticos aos seus olhos (E15, E11, E2). Os problemas actuais são a responsabilidade de ter menores a cargo e ter carências económicas, sentir a pobreza para E1, E2, E11, E12, E13; para E4, E6, E7, E12 são as dificuldades económicas e a falta de habitação.

E14 fala-nos de um outro tipo de **necessidades mais simbólicas**, que é o de ser reconhecido face ao recurso da assistência social por necessidades económicas, de ser bem acolhido.

E15 considera o seu maior problema a relação conflituosa com a judicária e com a polícia. E5 nega que tenha tido dificuldades no passado, só agora é que elas começaram: a responsabilidade acumulada do desempenho de tarefas domésticas, do cuidar da avó e do irmão, uma criança difícil.

E3 receia a recaída na toxicod dependência do namorado e o regresso da instabilidade emocional, derivada dessa situação.

A **solidão** afecta profundamente E7 e E13, parece não terem ninguém, nem amigos, nem vizinhos, nem família, nem pai, nem mãe com quem conviver, conversar.

Amigos na Família

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Mãe	E1, E3, E4, E11
Companheiro	E12
Outros familiares	E4
Amigos fora da família	E2, E5, E6, E15
Sem amigos	E7, E13

O sentimento de impotência face aos acontecimentos marcantes indesejados no seu rumo e que lhes vão acontecendo sem poderem mudá-los é uma experiência comum a E2, E5, E6, E7, E11, E12, E13 e E15.

1.2 Os jovens, a escola-trabalho, os amigos, a vizinhança e a comunidade

Estes jovens têm no seu conjunto baixas habilitações e os que já entraram no mercado de trabalho executam actividades desqualificadas e mal remuneradas, com excepção de E3, licenciada exercendo funções de quadro superior na banca. E3 está desencantada com a recente experiência de trabalho, gostaria de melhorar as suas condições e o tipo de trabalho. E1 trabalhou dos 13 aos 16 anos, mas tendo-se inscrito no centro de emprego para fazer aprendizagem recupera a escolaridade obrigatória enquanto obtém uma iniciação profissional para o exercício da actividade administrativa dos 16 aos 19 anos. Depois de ter saído, não consegue colocação num escritório e vê-se obrigada a aceitar outro tipo de trabalho, mal remunerado e desqualificado. E15 e E2 estão longos períodos sem emprego, não conseguem manter muito tempo o trabalho e têm pouca experiência de trabalho. E11 entrou na empresa de limpeza, onde a irmã trabalha, quando engravidou aos 15 anos para sustentar a filha, já com a idade legal ou quase, não precisou o tempo em que o fez, mas realçou o motivo, pois os pais não tinham obrigação de criar a filha bebé. E4 colaborava desde pequenino na venda dos pais, na continuidade da tradição da família cigana. E1, E12, E6 começaram muito cedo a trabalhar, a primeira como ajudante de cabeleireira, e as outras como operárias da indústria textil e de plastificação. E1 e E6 queixam-se que trabalham muito e que ganham pouco, com anos em empregos precários e instáveis.

Os jovens escola-trabalho

Os laços com a escola

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Jovens com escolaridade	E3, E5, E7, E14
Jovens com abandono	E2, E4, E6, E11, E12, E13, E15
Abandono da escola sem a escolaridade obrigatória, mas obtenção posterior através da aprendizagem	E1

Razões que levaram ao não prosseguimento dos estudos

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Chumbaram e foram trabalhar	E1, E4, E6, E11, E12
Os pais não podiam dar mais instrução	E13
Foi expulso por violência infligida a colegas	E15
Não gostava de estudar e queria trabalhar	E2

Razões que os levaram a trabalhar antes dos 16 anos

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Ajudar os pais	E1, E4
Para sustentar a filha bebé	E11
Foi uma oportunidade	E6, E12

Os jovens que não abandonaram a escola. As razões que os levaram a continuar

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Melhorar a sua vida	
<input type="checkbox"/> Escola era um refúgio	E3
<input type="checkbox"/> Não gosta de escola, mas gostava de obter formação universitária para não ter patrões, ser independente	E7
<input type="checkbox"/> Ter futuro, "ir a algum lado"	E5
Não revela	E14

Os restantes com experiência de trabalho fizeram-no já com a idade legal para o fazer (E5, E13, E3). E2 e E15 não têm qualquer experiência de trabalho e passam mais o tempo desempregados. Ambos queriam divertir-se na vida. E2 tem a responsabilidade de criar a filha, já não pode.

E1, E6 fazem uma trajectória variada em diversos trabalhos precários durante alguns anos. E11 e E13 não variaram muito de trabalho, mas os contratos são curtos, mas renováveis. E12 trabalhou como operária enquanto não cegou e sem contrato durante dois anos.

E4 e E5 habituaram-se a ajudar a família, o primeiro na venda ambulante, a segunda no café do pai.

E2 e E15 arranjam trabalhos de breve duração, de 1 mês ou 3 meses, depois estão longos períodos no desemprego.

E3 ao concluir a sua licenciatura foi estagiária na banca e desencantou-se com a experiência de trabalho. Mudou de banco, trabalha a contrato, mas está mais satisfeita com o trabalho, embora a actividade profissional seja muito stressante.

E7 e E14 não têm qualquer experiência de trabalho: o primeiro é ainda muito jovem, com 16 anos frequenta o 11º ano unificado; o segundo tem 25 anos e é finalista de medicina veterinária, desejando iniciar a sua carreira profissional brevemente. Eles expressam os seus anseios e desejos de se projectarem no futuro. E7 está pressionado pelas necessidades económicas para entrar no mercado de trabalho, mas na verdade, gostaria de se formar numa profissão independente como advogado ou economista.

Trajectória profissional

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Trajectória no comércio/ajuda familiares	E4, E5
Trajectória em empregos precários	E1, E6, E11, E12, E13
Trajectória no desemprego	E2, E15
Trajectória recente em empregos precários como quadro na banca	E3
Sonhos e desejos que se projectam no futuro imediato, sem qualquer experiência profissional	E7, E14

Dos que trabalham obtêm satisfação no que fazem E4 e E5, que ajudam os familiares no comércio. E3 e E6 sentem-se insatisfeitas. E3 a decepção no modo como foi inserida nas actividades profissionais e E6 revoltada porque se farta de trabalhar, está exausta e as necessidades familiares continuam a não ser satisfeitas.

E1, E2, E15 gostariam de trabalhar em actividades para as quais se sentem motivadas. E1 deseja um dia estabelecer-se no comércio de artigos de desporto com o namorado, ela gostaria de dominar as contabilidades e o trabalho de escritório, por isso, gostaria de à partida trabalhar nesse ramo ou como secretária. E2 fez um curso de aprendiz de cabeleireira e o que gostaria mesmo era de tirar outro curso para ser cabeleireira. E15 fez vários biscates: de electricista, de pedreiro, mas o que realmente gostou de fazer foi o trabalho de ladrilhador.

E12 quer ser telefonista, E7 de ter uma profissão liberal, sem patrões e E14 deseja dedicar-se à clínica dos pequenos animais.

E11, E13 não revelam expectativas e sonhos profissionais, mas a última salientou que gostaria de ter estudado, que tem habilitações muito baixas que não lhe permitem ganhar o suficiente para fazer face às necessidades familiares.

Satisfação no trabalho

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Satisfação com o trabalho que fazem	E1, E5
Insatisfação no trabalho	E3, E6
Revelam preferências	E1, E2, E7, E12, E14, E15
Não revelam	E11, E13

Quem são os amigos?

Têm **amigos** fora da família E2, E5, E12, E15. A maior parte dos jovens têm amigos na vizinhança (E1, E2, E12, E15). Os mais escolarizados alargaram o seu leque de conhecimentos na escola (E3, E5, E14).

Quem são os amigos

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
São vizinhos	E1, E2, E12, E15
São colegas de escola	E3, E5
São colegas de trabalho	E4, E11
São colegas de escola e são pessoas da igreja local	E14
Não tem amigos	E7, E13
Tem amigos, mas não tem tempo para se encontrar	E6

E14 também desenvolve através da sua militância religiosa relações de amizade e de companheirismo nas actividades de voluntariado.

E15 conta com os amigos, jovens vizinhos do bairro, mas tem problemas de relacionamento com os adultos, com os polícias e com as autoridades e às vezes, também com os jovens (foi expulso da Casa Pia por ter agredido um colega). Só os jovens são amigos porque os "cotas", os mais velhos não gostam dele e demonstram-lhe hostilidade.

E15 e E3 demonstram ambivalência no relacionamento com a vizinhança. E3 considera-os malcriados, barulhentos, embora não haja violência, mas ao mesmo tempo foi num convívio da comunidade que começou a namorar com um vizinho.

A proximidade e a identificação com a **vizinhança** acontece com E1, E2, E6, E12 e E4. Para E4 os vizinhos mais próximos são os cunhados e os amigos com quem convive são também vendedores ambulantes.

E5, E7, E11 e E14 demonstram um grande distanciamento, sem envolvimento com a vizinhança.

E11 tinha uma vizinha que era amiga, mas já não a tem, apenas uma colega, mas não confia nas amigas porque "são até ser".

Vizinhança

Proximidade afectiva

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Proximidade positiva	E1, E2, E4 (vizinhos são família) E6, E12
Demarcação e distanciamento	E5, E7, E11, E13, E14
Ambivalência	E3, E15

E7 e E13 não têm amigos, nem vizinhos com quem se dêem, estão sós. E6 também está só, tem amigas, mas não tem tempo para conviver, marcam encontros que acabam por desmarcar. Havia uma vizinha com quem se confiava no outro bairro onde morava, mas cada uma seguiu o seu caminho.

O que fazem com os amigos? Como ocupam os **tempos livres**?

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Os que têm tempo livre	E1, E2, E3, E4, E7, E11, E14, E15
Os que não têm tempo livre	E5, E6, E12, E13

As raparigas conversam, passeiam, convivem com as famílias, ajudam-se. Os rapazes jogam á bola, vêem futebol, jogam às cartas, metem-se com as miúdas e há quem pratique voluntariado na igreja.

Alguns dos jovens testemunharam que não possuem tempos livres por falta de tempo (E5, E6, E12 e E13). E7 não tem amigos e costuma passar os tempos livres solitariamente. A prática do desporto na escola é uma oportunidade de partilhar algo com gosto com os outros.

E14 e E3 são os mais escolarizados, frequentaram a Universidade são os jovens que mais diversificaram os seus contactos sociais na actividade social na escola, no trabalho, nos tempos livres.

E1, E2, E4, E5, E12, E15 desenvolveram laços intensos com a família ou com a vizinhança.

E6, E7, E11, E13 possuem contactos sociais limitados e pouco intensos.

O que fazem

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Género Feminino Conversar, desabafar, ajudar-se, conviver, divertir-se, estar com a família	E1, E2, E3, E5, E6, E11, E12
Género Masculino Jogar à bola, ver futebol, jogar às cartas, conversar, divertir-se, meter-se com as miúdas..., voluntariado na igreja	E4, E7, E14, E15

Comunidade

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Diversidade de contactos sociais e de actividade social (família, vizinhança, colegas de escola-trabalho, amizade, desporto, igreja)	E3, E14
Contactos sociais limitados à família, à vizinhança, mas intensos	E1, E2, E4, E5, E12, E15
Contactos sociais limitados e pouco intensos	E6, E7, E11, E13

2. Os Projectos

Os jovens entrevistados na sua grande maioria são otimistas, traçam planos para um futuro longínquo (E1, E3, E5, E7, E12, E14), com excepção de E13 que prevê um futuro negativo e muito difícil.

E2, E4, E6, E11, E15 não expressam, nem fazem planos mas exteriorizam desejos, sonhos que passam por um futuro mais imediato. E2, E4 e E6 desejam ter uma casa, obter mais bem-estar material: ter emprego como cabeleireira (E2), tornar-se vendedor ambulante (E4), ter menos dificuldades económicas.

Evolução prevista dos projectos em futuro longínquo

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Evolução positiva/optimista	E1, E3, E5, E7, E12, E14
Evolução negativa	E13
Não fazem planos	E2, E4, E6, E11, E15

Assim, os projectos no “agora”, no presente são a melhoria das condições materiais (emprego, ter casa, dinheiro) para E1, E2, E3, E4, E12, E13. Outros desejam sobretudo fugir ou descansar do quotidiano (E5, E7, E14, E15) através de férias, das viagens ou do divertimento, das actividades lúdicas (expressas por um sorriso, por um riso, por um olhar).

E11 gostaria de poder ter a sua filha no local onde reside com o namorado, mas não pode.

Projectos no “agora”

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Condições materiais (bem-estar material)	E1, E2, E3, E4, E12, E13
Evasão – férias, viajar, riso malicioso e lúdico (bem-estar psicológico)	E5, E7, E14, E15
Levar a filha para viver com ela (desejo utópico ainda não tem condições)	E11

Verificou-se uma continuidade dos projectos iniciais sem rotura nos jovens E1, E3, E4 apesar dos obstáculos vividos. Mas, para E2, E6, E13 (mães solteiras) houve uma mudança no rumo dos seus destinos, muita coisa ficou para trás, novas responsabilidades implicam um nova gestão do tempo e de oportunidades.

E5, E11 e E14 desejaram fazer um certo percurso mas o confronto com a realidade levou-os a fazer outras opções “mais ajustadas”. E5 gostava de ser enfermeira não tinha média e retomou uma formação qualificante para ser analista (influenciada pela sugestão da assistente social), E11 queria ser arqueóloga, mas aos 15 anos com o 7º ano engravidada e vai trabalhar nas limpezas, E14 pensou ser biólogo e acabou por ir parar à medicina veterinária.

Continuidade - descontinuidade dos projectos iniciais

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Não revela	E7, E15
Não tinha projectos no passado	E12
Há continuidade do projecto inicial	E1, E3, E4
Há descontinuidade	E5, E11, E14
Há rotura marcante	E2, E6, E13

E12 não tinha projectos, abandonou a escola, começou a trabalhar, cegou, entregou-se à casa, isolou-se. A assistência social quebrou-lhe o isolamento, incentivou-a a lutar por um ideal, a ser reconhecida, a ser útil na sociedade, deram-lhe a esperança.

E15 não tem projectos como são entendidos pela maioria dos jovens entrevistados, ele só quer agora divertir-se e um dia estar em paz, sem fazer nada (num futuro longínquo, daí a 15 anos).

E7 está desencantado com a escola, mas com 16 anos frequenta o 11º ano, tem tido um bom aproveitamento escolar. Gostaria de ter uma profissão liberal para ser independente, mas pressionado pelas dificuldades imediatas, precisa de trabalhar já, de preferência em trabalhos de escritório e onde ganhasse muito dinheiro (o que é difícil, é mais fácil ganhar a lotaria, comenta o jovem), talvez estudasse à noite. Está dividido, não sabe muito bem o que quer. Tem dificuldade em esboçar o seu projecto, há uma encruzilhada e não sabe qual o caminho a tomar.

Palavras-chave nos projectos (Passado - Presente - Futuro)

PALAVRA-CHAVE	FREQUÊNCIA
Casa	E2, E3, E5
Família	E1, E3, E4, E5, E6, E14
Autonomia	E1, E2, E4, E7, E14
Ter dinheiro	E6, E7, E13, E14
Divertir-se	E1, E2, E15
Emprego/meio de subsistência	E1, E2, E3, E4, E5, E7, E12, E13, E14
Melhoria das condições de vida da família	E1, E3, E4, E5, E12, E14

A assistência social exerceu uma influência positiva, permitindo oportunidades reais para consolidar um projecto profissional, facilitando a satisfação de necessidades materiais para E1, E2, E3 e E12. E1 teve apoios para receber o bebé que ia nascer, mobilaram-lhe a casa, arranjaram-lhe a creche, deram-lhe a oportunidade de estagiar numa empresa para o desempenho de funções para as quais tinha obtido preparação profissional e não conseguia colocação compatível. E2 aguarda que a Stª Casa lhe arranje um curso de cabeleireira e um emprego seguro porque as outras alternativas não dão em nada. E3 foi salvaguardada desde pequenina da desgraça e do abandono, atribuíram uma casa à mãe e reuniram-na com 2 dos 5 irmãos, acompanharam a família ao longo de décadas. E12 obteve novos horizontes, entregue à invisibilidade e ao isolamento.

Nos restantes jovens a assistência produziu efeitos, mas não chega a influenciar os projectos de vida, estes estão mais dependentes de outros mais significativos (E4, E5, E6, E7, E11, E13, E14, E15).

Influência da assistência social nos projectos

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Influencia	E1, E2, E3, E12
Não influencia	E4, E5, E6, E7, E11, E13, E14, E15

A causalidade dos problemas dos jovens é atribuída a determinadas personagens que surgem na vida dos jovens: para E1 foi o pai que a rejeitou, depois foi a intriga de terceiros na relação com o namorado; para E3 foi o pai que a rejeitou, a incapacidade da mãe; para E14 foi o pai e a família paterna que o rejeitaram e à mãe e as consequentes necessidades económicas; E5 é a incapacidade da mãe no passado e hoje da avó; para E7 é a pobreza; para E11 é o pai autoritário que não evolui no tempo e o pai do 1º filho que não assume as responsabilidades; para E12 é a irmã toxicodependente e a mãe, a falta da habitação; para E4 é a falta de habitação e a dependência da permissão das autoridades para obter a licença de vendedor ambulante; para E15 são os polícias e os cotas; para E6 e E13 são os parceiros, os pais dos filhos incapazes de assumirem as suas responsabilidades; para E2 é a falta de oportunidades no mercado de trabalho, é a inesperada gravidez (não são personagens, mas acontecimentos).

E2, E6, E13 e E11 têm em comum sentimento de impotência face às adversidades que têm muita dificuldade em superar. Os seus planos para o futuro estão limitados por este sentimento.

A maneira como definem o conceito de **vencer na vida**, reflecte a sua visão do mundo, os seus valores orientadores da acção.

E1, E3 e E12 entendem que vencer na vida é lutar por aquilo que pretendem, ultrapassar as dificuldades e o mal que algumas fazem.

E4, E6, E7, E11 e E13 associam o vencer na vida ao bem estar material, ao superar dificuldades económicas, ao ter (uma cadeia de lojas, uma casa, rendimentos, estabilidade, trabalho).

E5 e E14 consideram como essencial vencer na vida obter bem estar psicológico, ser feliz, não se restringindo às meras necessidades materiais. Estes possuem habilitações e não estão marcados pela carência económica como E4, E6, E7, E11, E13.

E2 e E15 não conseguem expôr uma definição e até se recusam a fazê-lo.

Vencer na vida

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Alcançar o que se propõe fazer, ultrapassar dificuldades	E1, E3, E12
Associado à posse, ao ter	E4, E6, E7, E11, E13
Associado ao sentir-se bem, ao ser feliz, ultrapassando a mera satisfação das necessidades básicas	E5, E14
Os que recusam dar uma definição	E2, E15

A representação que fazem de si é feita muito indirectamente, no desenrolar do próprio discurso. Relativamente à pergunta sobre o seu auto-conceito, eles responderam sempre com qualidades positivas: são boas amigas, perseverantes, trabalhadores, é o rap (E15)...

Ao longo do discurso de cada um apercebemo-nos que nem sempre fazem uma ideia positiva de si mesmos (*"sou despassarada, esqueci-me de tomar a pílula"*, *"Sou boa demais"*, *"Não sou violento, mas se começam a provocar bato logo"*, *" não tenho amigos porque andava sempre a mudar de casa"*), que nem sempre desejam expôr as suas fragilidades na maneira como equacionam as suas relações com os outros e consigo mesmos, com o mundo em geral.

E1 viveu na sua infância a insegurança emocional, mas sentiu o amor da mãe, do avô, da família e em toda a sua vida. As dificuldades económicas que sempre acompanharam não impedem que imagine o seu futuro com uma vida familiar feliz e com bem estar económico.

E4 socializado nos valores da sua etnia quer continuar o modo de vida cigano, viver da venda ambulante, obter uma casa e deixar de viver numa barraca, ser um bom pai e um bom esposo, mas o seu ideal seria tornar-se um empresário com uma cadeia de lojas.

E5 pretende alcançar o bem estar psicológico, sentir-se bem, realizada no trabalho, ter uma vida familiar harmoniosa e feliz. E essas possibilidades estão ao seu alcance, também ela teve um começo difícil, mas foi compensada com o muito amor dos avós e do pai.

E14 está acabar a formação médica (veterinária). Inicialmente, só contou com a mãe e apenas conviveu com os familiares maternos e humildes. Alargou as suas amizades, sabe o que quer e tem possibilidades muito concretas de se realizar. As dificuldades económicas actuais e o desconforto do recurso à assistência social não são estruturais.

Estes jovens (E1, E4, E5, E14) beneficiam da assistência social, mas pelo amor que receberam, pelos laços afectivos desenvolvidos com um familiar ou com os familiares concentram muita energia para lutar contra as adversidades.

E1 e E4 precisam de encontrar o seu lugar no mundo do trabalho e isto é a sua maior vulnerabilidade, juntamente com a falta da habitação, sobretudo para E4.

Na sua maioria estes jovens não são excluídos ou destituídos. São oriundos de famílias da pobreza tradicional e outros de famílias humildes onde a miséria não se fizera sentir.

E3, E7, E11, E12, E15 têm uma história pessoal, em que a vivência da pobreza foi forte, situações precárias na habitação, fome, incapacidade dos pais para os criar...

E6 e E13 vivem actualmente as suas maiores dificuldades económicas, os parceiros ausentaram-se e não puderam ou não querem assumir responsabilidades. Elas têm muitos filhos (4 - 5), ainda crianças, para educar. E é nestas, que há indícios de laços sociais ténues ou inexistentes. A solidão e o isolamento são grandes.

E7 é também um jovem em risco de exclusão social. Tem um bom aproveitamento escolar, mas está numa ilha, sem relações afectivas satisfatórias, com poucos suportes emocionais, distante dos outros, atribuindo à pobreza e ao facto de andar sempre a mudar de casa a sua tendência para se fechar ao convívio, de ser tímido.

E15 tem um currículo e uma imagem de " mau" nos vizinhos, cadastro na polícia, expulsão da Casa Pia e uma série de episódios de envolvimentos violentos com os outros, para além disso, não possui habilitações escolares nem experiência profissional. Como equacionar a sua reabilitação senão através dum acompanhamento também psiquiátrico?

E11 é outro caso de grande vulnerabilidade, onde a imaturidade afectiva da jovem põe em risco a educação das suas crianças, como ajudar estas crianças se não ajudarmos primeiro a mãe a crescer e a resolver os seus problemas de relacionamento com os outros, em promover uma inserção profissional mais qualificante?

E12 é amparada pela avó, pelos amigos, pelo namorado e parceiro, encorajada pela assistência social acreditar na sua felicidade, tem fé. Mas, o acompanhamento da assistência social vai ser necessário ao longo da educação das crianças.

Como inserir os ciganos que querem continuar a tradição da venda ambulante e se não houver licenças para todos? Como sensibilizá-los para o exercício de outras actividades profissionais?

E1, E2, E5 e E14 precisam de se inserir no mundo do trabalho e darem continuidade aos seus projectos.

E3 já está autónoma, ainda precisa de consolidar a sua carreira profissional e o seu bem estar psicológico (a toxicod dependência do namorado é uma ameaça).

3. O Percurso na Assistência Social

O impacto positivo da intervenção social depende das sinergias produzidas e resultantes da interacção entre actores sociais, da qualidade das respostas às necessidades, dos recursos disponíveis a mobilizar. Cada jovem faz a sua trajectória singular, matizada pela sua afectividade, pelos seus valores. Os problemas são semelhantes, as condições adversas são as mesmas, mas a vivência de cada indivíduo tem a sua própria tonalidade afectiva. A relação estabelecida com a assistência social é distinta de jovem para jovem e a influência que a acção social exerce nas suas vidas e na sua identidade não é a mesma para todos, para uns foi benéfica, para outros francamente negativa e para outros é ambivalente.

Família e assistência social no passado

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Família já recorria à assistência social	E1, E2, E3, E7, E12, E15
Família não recorria à assistência social	E4, E5, E6, E11, E13, E14

Razões que levaram os jovens a recorrer à assistência

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Habitação	E4
Emprego	E1, E2
Insuficiência de recursos	E6, E12, E13, E15
Doença de familiar	E14
Assistência social foi ao encontro do jovem	E5
RMG	E11
Não recorrem, mas o agregado familiar beneficia do RMG	E3, E7

No 1º contacto com assistência

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Bem tratados	E1, E2, E5, E12
Mal tratados	E4, E6, E13, E14
Ambivalência	E3
Não revela	E7, E11, E15

Sentimento face à assistência social

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Inferiores e/ou humilhados (inferioridade assumida)	E6, E7, E14
Ambivalência	E3, E15
Naturalidade/familiaridade (inferioridade não assumida)	E1, E2, E4, E5, E11, E12, E13

Neste “discurso de 12 entrevistas” existem regularidades susceptíveis de agrupá-los por tendências ou por efeitos face ao impacto da assistência social na sua identidade.

Jovens reconhecidos (o positivo sobrepõe-se ao negativo)

Estes jovens não são afectados na sua imagem pela intervenção social. Existem acontecimentos e relacionamentos que ocorreram na sua história pessoal que facilitaram uma representação de si menos positiva, mas independentes da influência da assistência social (E1, E2, E5, E12).

E1, E2, E12 residem na vizinhança da Stª Casa, habituadas a contar com uma intervenção generosa, oriundas de famílias da pobreza tradicional, inseridas na rede social (família, amigos, vizinhos), mas têm bastantes carências económicas. Não há um incómodo por recorrerem à assistência social, consideram com naturalidade o apoio prestado face às condições difíceis, constituindo um grande benefício no seu bem-estar as ajudas fornecidas. A assistência é símbolo de esperança e de futuro.

A assistência social ofereceu a E1 expectativas positivas em relação ao futuro. É francamente uma relação positiva.

A sua vida não foi fácil, começou com a rejeição do pai, com a instabilidade residencial e as dificuldades económicas, abandonou a escola ainda menina para começar a ajudar a mãe trabalhando duramente. Mais tarde, recupera a escolaridade obrigatória e obtém iniciação profissional pelo sistema de aprendizagem, e a Stª Casa compensa-a das dificuldades de colocação num posto de trabalho, compatível para a formação que recebeu. Respondeu ao seu pedido de ajuda. E além disso, decorou a casa para receber o bebé, arranhou-lhe creche, roupa, o RMG que sempre é uma ajuda nas despesas da casa. Graças a esta ajuda e à superação das dificuldades de relacionamento com o pai do bebé, o apoio da mãe favoreceram um olhar optimista sobre o futuro. Houve oportunidades reais de se inserir no mercado de trabalho sem ter de voltar a executar trabalhos menos qualificados. A influência da assistência social é positiva sobrepondo-se ao negativo, o “ser uma desgraçadinha por vir da parte da Stª Casa”, aos olhos de certas pessoas.

E2 reconhece na Stª Casa o único meio válido e seguro de conseguir um emprego, uma formação profissional. Os empregos dos jornais não dão em nada, não pagam horas, não fazem contratos.

E12 vive numa situação de extrema pobreza, rodeada de amigos e vizinhos que caíram na toxicodependência. A sua casa sobrelotada aloja em condições infrahumanas a numerosa família alargada de que faz parte e onde por vezes há conflitos.

A assistência social criou-lhe grandes expectativas e devolveu-lhe a dignidade e o reconhecimento social. A sua inferioridade social é aliviada e diminuída com a acção social. O “rebaixar-se à Stª Casa é uma grande ajuda”, diz ela com gratidão.

E5 não viveu o drama da pobreza, não se lembra, nada lhe faltou, tinha muito carinho dos avós maternos e do pai. Se havia necessidades nunca se apercebeu. Os avós não precisaram de recorrer à assistência social. Assim, o seu contacto com a assistência é recente e não produziu efeitos (nem positivos nem negativos na sua imagem), embora faça uma avaliação positiva da intervenção da assistência quer a nível do RMG quer ao nível dos encontros lúdicos de jovens e de férias de que já beneficiou.

Na sua história pessoal se há fragilidade, ela encontra-se na imagem e na mensagem que recebeu da mãe: uma mulher fraca, doente que foi mal sucedida nas suas relações amorosas, incapaz de assumir o papel de mãe, vítima de maus tratos dos sucessivos companheiros. E teve receio de vir a ser como ela, hoje já ultrapassado por uma relação positiva com o namorado.

O seu contacto com a assistência social é no fundo uma herança da mãe, passada através do seu irmão mais novo, que resolveu educá-lo indo buscá-lo à casa materna, quando este foi maltratado pelo pai. A assistência bate-lhe então à porta, dando continuidade ao acompanhamento anterior com a mãe, já iniciado com o miúdo.

Embora, pertença a uma família humilde, a pobreza não é o seu maior drama, mas a acumulação de tarefas e de responsabilidades familiares com a avó doente e com o irmão. A sua família passa por um momento particularmente difícil na sua evolução: a avó reformada adoeceu com problemas do foro psicológico; o irmão, uma criança difícil, exige uma presença adulta, emocionalmente forte e constante e não há ninguém disponível naquela casa para o fazer. As suas dificuldades começaram agora com a acumulação das tarefas domésticas, com os estudos, com a doença da avó... Sente-se impotente para enfrentar a situação.

E já desistiu de criar o irmão, vai entregá-lo a uma instituição para o efeito.

Jovens ambivalentes

E3 e E15 são dois jovens cujas vidas têm tido uma longa intervenção social, desde de pequeninos. E a ambivalência é um traço evidente dos relacionamentos estabelecidos com os outros, com a assistência social. As suas famílias têm em comum a destituição, a pobreza extrema como ponto de partida, mas estes jovens têm percursos contrastantes, apesar das condições envolventes serem parecidas.

E3 é um caso excepcional em que acção social exerceu uma acção contínua e estruturante em toda a sua vida até aos dias de hoje, foi retirada da mãe e entregue a uma ama até aos 7 anos.

Alcançou qualificações superiores (é licenciada) e desempenha funções profissionais num banco como quadro superior. No entanto, manteve-se inserida num bairro social, apesar do distanciamento em relação à vizinhança e à diversificação de contactos com outros grupos sociais, escolheu para o estabelecimento de relações íntimas e para constituição de família um vizinho toxicodependente e sem a escolaridade obrigatória, que já lhe causou instabilidade emocional.

Não ficou marcada pela intervenção da assistência social, pela qual sente o reconhecimento por não a terem deixado ao abandono, mas pela pobreza e pela falta de família nos primeiros anos da sua vida, pela rejeição paternal, pela falta de amor, dimensão que a ama foi incapaz de substituir e de compensar a ausência familiar. Ficaram mesmo marcas negativas na sua memória da ama. A professora é também uma personagem ambivalente, fá-la sentir que é importante, inteligente, mas sente-se humilhada quando é expulsa da escola por ter piolhos. E3 chegou a andar nas lixeiras para comer.

E15 é outro caso de ambivalência. A sua relação com a assistência é a de quem conhece os “cantos à casa”.

Frequentou as colónias de férias e está familiarizado com as assistentes, que considera pessoas que são suas amigas e não são. “Incomoda-o ter que ser convocado num dia em que não lhe apetece aparecer” porque tem outras coisas mais agradáveis para fazer.

Este rapaz está a traçar um percurso na marginalidade, com graves problemas com as autoridades judiciárias. Não possui habilitações profissionais nem escolares e sobretudo tem sérias dificuldades nos relacionamentos com os outros, marcados pela violência.

Não querendo justificar o seu comportamento, mas torna-se necessário compreender a socialização num bairro, onde as crianças mais velhas punham os miúdos mais novos numa espécie de luta de galos para ver quem é que apanhava mais e quem era o mais forte (violento).

O pai ficava contrariado com a rejeição do miúdo à escola, (ao contrário da E3 que era uma boa aluna e se compensava na escola da sua vida triste) e batia-lhe, mas não conseguiu modificar-lhe o comportamento. E é evidente, os professores também não, tal como a Casa Pia.

Os pais padecem há muito de problemas do foro psiquiátrico tal com a mãe de E3. O pai é alcoólico e a mãe é doente mental. Os filhos passaram fome quando eram pequenos.

Os jovens de E4, E6, E7, E13, E14 tiveram uma relação menos positiva com a assistência social que os anteriores, tendo por efeito a devolução duma imagem negativa.

As suas famílias não tiveram um longo contacto com a assistência social.

E4 é de etnia cigana, cuja infância não se lembra de viver na pobreza, ao contrário dos pais que passaram fome. Hoje, vive em precárias condições, numa barraca com a mulher e as crianças. E não tem um meio de subsistência assegurado, necessita duma licença para se tornar vendedor ambulante. O RMG é um recurso garantido.

E4 tem uma experiência recente com a assistência. Foi maltratado por uma funcionária e não obteve resposta ao solicitado na primeira vez que se dirige aos serviços de acção social. Não generalizou a situação a todos os funcionários, dando a conhecer uma outra situação em que foi bem acolhido.

Imerso em laços familiares e étnicos fortes a sua identidade fica mais salvaguardada da exclusão (com ausência de laços), mas vulnerável à desvalorização social da comunidade a que pertence, isto é à identidade colectiva e social.

E14 distingue-se neste grupo pelas habilitações elevadas, contrastando com a maioria dos jovens aqui abordados. Está a terminar a licenciatura de medicina veterinária. Possui uma diversidade de contactos com vários grupos sociais, distantes socialmente da sua vizinhança (habita no bairro social de Chelas) e da sua família.

Ele ressent-se profundamente pelo tipo de “acolhimento da assistência social vocacionada para a pobreza parasita” (desqualificada), “daquelas pessoas que não sabem estabelecer opções prioritárias na gestão da sua vida”. A sua susceptibilidade é tão grande quanto maior é o seu estatuto de sucesso de bom aluno com boas perspectivas de futuro. Existe uma rejeição em se identificar com os utentes da assistência. O facto de se dirigir aos serviços e privar com os outros utentes o mesmo espaço de espera para ser recebido pela assistente já é relutante. Depois, é o próprio funcionamento dos serviços assente em provas para comprovar a veracidade das suas palavras e da sua situação, da exposição que tem que fazer da sua vida, pelo longo tempo perdido, pelos métodos burocráticos que reforçam o seu papel de “pedinte”. Considera-se sempre humilhado e não reconhecido na relação estabelecida com as assistentes sociais. Humilhado, também porque criam expectativas a que não conseguem dar resposta.

Critica a arbitrariedade da gestão das assistentes, verificada na incoerência das respostas do mesmo serviço assente em avaliações não objectivas de cada assistente social: uma assistente social nega-se a dar resposta ao pedido, ao mudar de assistente, esta última já concede resposta ao mesmo pedido formulado à primeira. Esta mesma avaliação é partilhada por E6 e E13.

E6 e E13 têm uma experiência traumatizante no 1º contacto estabelecido com a assistência social. Oriundas de famílias que nunca estiveram dependentes da assistência nem tiveram qualquer contacto com a acção social. E6 vem duma família humilde, mas sem pobreza e E13 nasceu numa família rural numerosa que sempre conseguia satisfazer a fome através da interajuda da vizinhança e de familiares.

A descoberta das grandes dificuldades é recente e liga-se à sua entrada na vida adulta através da maternidade, desprovidas de laços sociais fortes que as protejam vivem numa grande solidão e abandono, sobrecarregadas com os encargos duma família monoparental. São dois casos da nova pobreza: E6 cai nas dificuldades com a toxicodependência do marido e E13 desce à grande cidade para arranjar emprego e enche-se de filhos sem ter construído um suporte emocional (tal como a mãe de E3).

O contacto com a assistência e a não resposta aos problemas expostos reforçou a imagem negativa que tinham de si, o sentimento de abandono e de não reconhecimento. A negação da ajuda teve um impacto violento nas suas vidas e tiveram que procurar outras alternativas: E6 regressou à casa da mãe com as quatro filhas, onde já viviam 4 pessoas e E13 arranhou trabalho numa empresa de limpezas, entregando as duas crianças a uma vizinha.

Mais tarde, reconciliam-se com a assistência social através de outra assistente, que ao contrário das primeiras, assume um papel simpático, de confidente, é compreensiva atenta às suas necessidades. A mesma arbitrariedade apontada por E14, como se tudo dependesse da boa vontade de cada assistente social.

A melhoria sentida no relacionamento com a assistência teve um impacto positivo nas suas identidades (para E13 a assistente é uma mãe e E6 actualmente é bem tratada). E13 acomodou-se à sua situação de utente, à sua pobreza e não vê outras alternativas senão viver da assistência, já se conformou à normalidade da dependência. Tem 5 filhos pequenos que precisam dela em casa, não tem habilitações e os trabalhos disponíveis para ela nunca oferecem um rendimento suficiente para a sua família. A sua identidade negativa relaciona-se também com os desaires amorosos com o pai dos filhos e com a marginalização da família por viver sozinha sem marido. E6 actualmente é bem tratada, obteve resposta às suas necessidades por parte da assistência, mas sente-se “envergonhada” por recorrer à assistência, porque afinal trabalha tanto e no duro e não consegue o suficiente. O RMG é um substituto do ordenado do marido, que não tem.

E7 é o jovem de 16 anos que frequenta o 11º ano, com desejos de alcançar uma formação superior, mas pressionado pelas grandes carências económicas. Viveu situações muito difíceis de pobreza, 2 acções de despejo, “nunca fez amigos porque andava sempre a mudar de casa e porque não tem dinheiro”. Estes acontecimentos da sua história pessoal marcam a representação que faz de si. Não se relaciona com os outros porque não lhe dá jeito. Revela que não conversa com a mãe (é prostituta e tem problemas do foro psicológico), reconhecendo na relação que estabelece com a mãe uma relação formal. Esquiva-se de falar da mãe demarcando-se da responsabilidade da mãe, como querendo dizer que cada um é responsável por si e pelos seus actos e que as opções da mãe não lhe dizem respeito e que lhe são estranhas (ao referir-se à confissão religiosa da mãe).

Não convive com amigos (não os tem, só na prática do desporto nos intervalos da escola), não se relaciona com os vizinhos. E familiares por perto só a mãe e mais ninguém, os que estão na Beira Alta não os vê há quatro anos. O pai nunca o reconheceu nem estabeleceu qualquer relação com ele, “ diz que até é uma vantagem porque é mais independente e não tem ninguém a mandar nele” (racionaliza).

Esta inferioridade social que o afasta do convívio dos outros é reforçada pelo recurso à assistência social. Incomoda-o que os outros saibam que beneficia da assistência social, mas reconhece que é um “mal necessário” senão ainda vivia em piores condições das que já vive. Faz uma avaliação positiva da ATL tal como E3, mas não sabe como é utilizado o RMG (isso de ir à assistência é tarefa da mãe, quando ele vai é só para acompanhar).

Jovem conformada

A sua família é de origem rural migrou para a cidade para melhorar as suas condições de vida, mas que não teve uma evolução positiva, os pais são reformados, trabalharam como operários. Residiram no bairro chinês e mais tarde mudaram-se para o bairro social de Chelas. Apesar de ser duma família da pobreza tradicional, não revelou a existência de recurso à assistência social no passado.

E11 está acomodada e habituada ao funcionamento das instituições estatais, não se sentiu afectada com o tratamento dos serviços sociais, “é como ir ao médico ou a outro serviço público, quem precisa tem que esperar”.

Não estabeleceu uma relação longa e continuada através do RMG, era insuficiente e perdeu-o quando completou o horário de trabalho na empresa de limpeza. Parece ter-se autonomizado. Mas não. Tornou-se numa não assistida enquanto os seus problemas relacionais se foram agravando, vulnerável (expulsa da casa dos pais) e desprotegida duma nova gravidez não planeada (a 1ª aos 16, a 2ª aos 18 anos). Acumulou novas responsabilidades familiares sem ter preparado as bases materiais, sem ter amadurecido emocionalmente para as assumir. Tentou suicidar-se quando se zangou com o novo namorado, o encarregado no seu local de trabalho, com quem vive (deixou o outro bebé com os pais porque não tem condições para o ter ao pé dela).

As suas crianças correm riscos face à imaturidade emocional desta jovem mãe.

O RMG

Todos os jovens entrevistados são titulares, só E3 e E7 beneficiam dele através do agregado familiar, sendo as respectivas mães as que assinaram o contrato.

E1, E2, E5, E6, E11, E13 recebem-no enquanto responsáveis pela educação de menores, em geral pelos seus filhos, com excepção de E5 que é responsável pelo irmão. E4 e E12 também têm crianças a cargo, mas partilham a responsabilidade com os pais dos filhos. Os restantes beneficiam dele devido às carências económicas.

Assistência social e RMG

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Contactos anteriores ao RMG (com respostas)	E1, E2, E3, E7, E12, E15
Contactos anteriores ao RMG sem resultados positivos (não houve resposta adequada)	E6, E13, E14, E4
Contactos recentes	E5, E11

O RMG é utilizado para pagar despesas de alimentação, água, luz, renda da casa, vestuário (E1, E2, E3, E4, E5, E11, E12, E13). Para outros é a única maneira de obterem artigos essenciais na sua vida quotidiana, muitas vezes difíceis de alcançar tais como aquisição de óculos, tempos livres, despesas escolares (E6, E14, E15).

E7 foi muito reservado, disse que não sabia como era utilizado o RMG pela mãe.

Serve para quê...

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Despesas de alimentação, água, luz, renda de casa, vestuário	E1, E2, E3, E4, E5, E11, E12, E13
Outras despesas (aquisição de óculos, tempos livres, despesas escolares)	E6, E14, E15
Não revela	E7

A avaliação do RMG é positiva para a maioria dos jovens (E3, E4, E5, E12). No entanto, para outros ela é positiva, mas o RMG é uma pequena quantia que ajuda nas despesas, embora ajude já muito (E1, E2, E13). E13 lamenta ter perdido a oportunidade (devido à doença das crianças) de fazer uma formação profissional para auxiliar de educadora de infância e de não lhe ser possível obter outra oportunidade para o fazer.

E14 considera insuficiente o RMG. Serve-lhe para gastar nos tempos livres, para aquisição de material escolar, mas não consegue cobrir as despesas de saúde.

E11 avalia o RMG como um "subsídio" insuficiente, ajudava para comprar fraldas, leites, mas se o bebé adoecia os medicamentos já tinham que ser obtidos através da pensão dos pais. Acabou por não ser contemplada pelo RMG ao completar o horário de trabalho.

E7 e E15 são omissos na avaliação do RMG. E15 está surpreendido porque o RMG deixou de aparecer e ninguém o informou ainda se foi cortado.

Avaliação do RMG

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Positiva	E3, E4, E5, E6, E12
Ambivalência	E1, E2, E13
Negativo	E11, E14
Não revela	E7, E15

A Dependência da Assistência Social

Os jovens mantêm uma relação com a assistência sob a forma de um contrato social, quer através da sua assunção quer através dum elemento do agregado familiar.

A dependência da intervenção social pode ser longa ou breve, estrutural ou conjuntural? Qual a participação destes jovens? Que tipo de inserção possuem na rede social? Qual o seu potencial para se tornarem autónomos?

A partir da análise do seu discurso é possível criar tipologias pelo tipo de relação estabelecida com a assistência social: assistidos autónomos; assistidos dependentes; autónomos; não assistidos com agravamento da sua situação.

Os **assistidos dependentes** são jovens numa situação de assistidos, mas estão mais vulneráveis e vão necessitar dum acompanhamento ao longo de alguns anos e em várias frentes, a sua autonomia precisa ainda de ser muito trabalhada, com a mobilização das suas energias (E2, E6, E7, E12, E13, E15).

Vêm de famílias com muitos problemas económicos, vivendo em condições mais difíceis, vão precisar dum acompanhamento não só material, mas psicológico e de incentivo, da promoção de oportunidades para não mergulharem na escuridão do túnel da pobreza e da exclusão social.

E12, E15 e E7 têm problemas de relacionamento com os outros; E12 é invisível e tem conflitos familiares provocados pela toxicod dependência; E15 não consegue ultrapassar “ a imagem negativa” junto dos seus vizinhos adultos e da polícia com os quais tem um relacionamento conflitual, tem uma grave história de episódios violentos; E7 é um rapaz com um bom aproveitamento escolar, mas que está só e isolado, cultiva a retracção social.

E2 devido às suas habilitações baixas vai precisar de obter uma qualificação profissional mais elevada que a proteja do desemprego que a torne independente.

E6 e E13 têm a cargo uma família numerosa de crianças, estão sózinhas, possuem habilitações muito baixas e vão continuar a precisar do acompanhamento, quer de apoios materiais quer de apoios psicológicos quer na educação das suas crianças, de modo a permitirem melhores oportunidades para as suas crianças. São **assistidos autónomos** porque necessitam do apoio material, de oportunidades de trabalho da intervenção social no presente, mas possuem alicerces na rede social, desenvolveram laços afectivos fortes que os protegem e participam activamente na realização dos seus projectos (E1, E4, E5, E14).

E4 é o jovem deste grupo que apresenta na sua forte ligação à sua etnia a sua maior força, mas também a sua maior vulnerabilidade. A sua identidade é positiva na comunidade, os seus valores são os da etnia, é por isso que quer ser vendedor ambulante. Não possui habilitações escolares e profissionais que lhe permitam outra inserção profissional. Por outro lado, os comportamentos (positivos ou negativos) da sociedade com o seu grupo étnico reflectem-se na sua identidade, já que os seus laços estreitos permitem uma forte identificação com o seu grupo familiar.

E1 no seu percurso aprendeu a mobilizar as suas energias para realizar os seus projectos, a assistência social favoreceu o que parecia tão difícil uma colocação compatível com a qualificação obtida recentemente e um contrato de trabalho para esta experimentada no mundo do trabalho infantil. Os seus laços afectivos foram fortes, apesar das adversidades duma vida familiar irregular na sua infância.

E5 não apresenta fragilidades estruturais e as dificuldades iniciais nos seus primeiros anos de infância foram ultrapassados pelo carinho dos avós e do pai, ressentindo-se com a frieza da mãe e com a falta do sentido de família dos irmãos maternos.

E14 profundamente afectado com a história amorosa da mãe que é a história do começo da sua vida, foi amado pela mãe, que só lhe pôde oferecer uma vida humilde, mas onde não houve fome mesmo com as muitas necessidades que tinham.

Finalista duma licenciatura (veterinária: clínica dos pequenos animais) que lhe pode vir a dar muito bem estar material, e inserido numa rede social mais vasta, o recurso à assistência afigura-se um mero episódio conjuntural.

A **autónoma** (E3) reúne um conjunto de recursos pessoais, materiais e sociais, já mobilizados e treinados no seu percurso que a torna independente na realização dos seus projectos, já não depende da assistência social. (Actualmente, é a mãe que é titular do RMG beneficiando o agregado familiar, uma família pobre). Lembremo-nos que E3 foi desde criança alvo da intervenção da acção social, conseguiu atingir formação superior e colocação profissional adequada às suas habilitações.

Nos momentos de fragilidade emocional encontra suporte na relação mística com Deus, mas o namorado (toxicod dependente e sem habilitações e sem qualificação profissional) pode causar-lhe instabilidade e transtorno na sua vida afectiva.

A **não assistida** (E11) rompeu o laço com a assistência por se ter “autonomizado” materialmente, mas carecia de um outro tipo de acompanhamento, psico-social e familiar, que falhou, ficando entregue à sua fragilidade emocional, acabando por acumular mais problemas e agravar a sua situação económica ao romper com o pai (ruptura familiar).

Tipo de relação com a assistência social

TIPOLOGIA	FREQUÊNCIA
Assistidos dependentes	E2, E6, E7, E12, E13, E15
Assistidos autónomos	E1, E4, E5, E14
Autónomo	E3
Não assistido e agravamento da situação	E11

“Quero conquistar o meu lugar no Mundo e trabalhar para a Humanidade”

Anne Frank (7)

Conclusão

1. O recurso dos indivíduos aos serviços de Acção Social traduz uma oportunidade para melhorar as condições de vida quotidianas (de sobrevivência, de bem-estar). A assistente social e os funcionários com quem contactam nas instituições de auxílio social mediatizam e concretizam a relação. A comunicação estabelecida entre os actores sociais (emissores e receptores) e a capacidade de resposta às expectativas (explícitas e implícitas) dos utentes pela organização (de serviço social) definem o tipo de relação e o lugar de cada um dos intervenientes na sociedade. Nesta interacção os indivíduos assumem papéis, experimentam desejos e sentimentos, enquanto o olhar do outro é devolvido. A categorização social acontece no desenvolvimento da relação, estabelecendo-se comparações entre os indivíduos a partir de determinados grupos de referência, daí resultando o sentimento de pertença ou de rejeição social.

A nossa questão inicial é: “Qual o impacto da relação desenvolvida com a “assistência social” na construção identitária dos jovens?”

Os jovens que participaram neste estudo beneficiam ou beneficiaram (directa ou indirectamente) do RMG, tendo entrado em contacto com os serviços de acção social da Stª Casa, (foram enviados por aqueles, os quais pertencem às CLAS que responderam ao nosso pedido de colaboração).

São as dificuldades económicas que os levam à acção social. A urgência do recurso ao auxílio institucional deve-se às dificuldades para cobrir as despesas de alimentação, de aluguer da casa, de vestuário, à falta de alimentação, isto é, à insuficiência de dinheiro, de rendimentos mesmo quando se tem um emprego. Outras vezes, a procura dos serviços é desencadeada por uma doença crónica de um familiar, que exige um acompanhamento dispendioso face á emergência de cuidados de saúde específicos para os quais os outros membros não possuem formação psicológica, tempo e capacidade financeira para os realizar.

Os jovens entrevistados expressaram as suas experiências singulares e colectivas das trajetórias que foram traçando, do seu próprio percurso na “assistência social” que aparece aqui entre aspas porque não partimos de nenhuma definição prévia deste exercício profissional ou institucional, mas somente captar o sentido vivido de cada um deles quando alvo da intervenção social, quando em relação com a assistente social e os restantes funcionários dos serviços que lhes dão enquadramento.

Haverá vários saber fazer na intervenção social, conforme os enquadramentos organizacionais? É uma pergunta que fica posta, mas que não constitui objecto deste nosso trabalho.

As suas construções identitárias desenvolveram-se ao longo das suas vidas: relacionando-se, interagindo com outros (família, amigos, vizinhos, colegas da escola, de trabalho, de lazer, funcionários de instituições estatais e não estatais...)

A identidade é incessantemente re-actualizada no quotidiano, influenciada pela tonalidade afectiva dos relacionamentos estabelecidos com os outros, nomeadamente com aqueles que protagonizam os laços de solidariedade primária, que fazem parte do seu envolvimento social mais imediato. A qualidade dos laços afectivos vividos no seio da família entre pais e filhos, entre cônjuges ou parceiros amorosos são essenciais na formação positiva da auto-estima.

Não ser reconhecido, não ser aceite ou tolerado, não ser amado por aqueles “outros”, valorizados pelo indivíduo acarreta um grande sofrimento, uma representação negativa de si.

Nestes jovens as histórias familiares e individuais têm em comum para além da pobreza, o abandono ou a rejeição de um dos progenitores, do namorado, a rotura com o agregado familiar devido à “opção de vida” não partilhada, mesmo punida.

A incapacidade dos pais em tomarem sobre si a responsabilidade familiar, seja por incompetência afectiva ou por dificuldades (psicológicas ou financeiras) no desempenho do papel paternal/maternal deixa sempre uma ferida na auto-estima e na representação de si mesmos nos jovens que viveram estas situações na sua infância.

A participação dum/a psicólogo/a clínico/a neste trabalho tê-lo-ia enriquecido através duma abordagem (pluridisciplinar) que aprofundasse sob vários ângulos a complexidade das relações afectivas, nomeadamente das relações familiares e suas implicações no ciclo de vida dos indivíduos (CANAVARRO, M^a Cristina (1999), **Relações Afectivas e Saúde Mental**, Coimbra, Quarteto), tantas vezes presente nos discursos dos nossos entrevistados.

A relação desenvolvida com a “assistência social” através do rosto humano da assistente social apresenta impactos distintos na identidade de cada jovem, portador de expectativas e de uma história de vida única e singular. De qualquer maneira, quase todos os jovens entrevistados consideram a “dependência da assistência social” uma experiência negativa, seja ela definida como um direito, “um mal necessário” ou uma oportunidade de alcançar alguma melhoria no seu bem estar, já que a procura foi motivada por acontecimentos negativos e dramáticos nas suas vidas. O viver da “assistência social” comprova a impossibilidade de sobreviver por meios próprios, a dependência. E ser pobre é um estatuto que define um lugar na sociedade e uma imagem reflectida pelo olhar dos outros.

Tajfel salientou a tendência que os indivíduos têm para se definirem com uma identidade social positiva, discriminando os que estão fora do seu “grupo de referência”, abandonando o grupo e aderindo a outro, logo que a sua necessidade de identidade positiva não é satisfeita. Duma maneira geral, estes jovens procuraram “dourar a pílula”, salientando o positivo da sua situação de beneficiários da acção social, apesar da desvalorização social aos olhos de outros. Outros não, conformam-se com a sua identidade negativa porque não “sentem” outras alternativas.

O desencontro com a sociedade decorre das relações estabelecidas com os outros, em que ocorre a formação duma identidade negativa, a falta de oportunidade para sair da pobreza, para obter emprego, uma casa, de ser reconhecido, de ter um lugar no “mundo”.

A vulnerabilidade no mercado de trabalho é comum a todos os entrevistados, tenham habilitações, qualificações profissionais ou não. De facto, o desemprego de longa duração atinge particularmente os jovens em geral, partilhando com outros segmentos da população a falta de acesso à empregabilidade. O desemprego expande-se pelas várias categorias sócio-profissionais, mesmo nas mais qualificadas, mesmo nos jovens com formação mais elevada, mas que se sujeitam a trabalhos desqualificados em troca de um emprego. É através deste que se obtém um dos laços fulcrais com a sociedade, pois é uma das vias aceites socialmente para alcançar um rendimento que permite exercer o poder de consumo de bens de “subsistência” e de bens signos que comunicam o posicionamento social e a identidade. Participar na vida económica, produzindo riqueza é um meio para se vincular e “estar dentro” da sociedade. A competência dos indivíduos na produção económica tem um valor estruturante na vida social e no reconhecimento pessoal pelos outros.

A maioria destes jovens iniciaram actividade laboral em idade escolar, depois de terem abandonado a escola, desempenhando tarefas desqualificadas, mal remuneradas, sem serem abrangidos por um contrato de trabalho e pela protecção social, mantendo-se a precariedade ao longo de anos em empregos instáveis, dos quais não retiram os rendimentos suficientes para o sustento do respectivo agregado familiar que entretanto constituíram, mas que resolvem alguns problemas no imediato. A sua participação na vida económica traduz-se pela aplicação do factor trabalho caracterizado por uma mão-de-obra desqualificada, barata.

Mesmo com habilitações baixas que não lhes oferece oportunidades de atingir profissões mais bem remuneradas, não deixam de expôr as suas preferências dentro das actividades que lhes estão disponíveis. Os jovens que prosseguiram ou dão continuidade aos estudos, ambicionam um trabalho que lhes proporcione satisfação material e psicológica, isto é, exercer a profissão com independência e reconhecimento social. As redes sociais de solidariedade manifestam-se através dos laços estabelecidos com familiares, amigos, vizinhos que oferecem um suporte informal, onde a reciprocidade e a dádiva ganham destaque. Complementar a este sistema informal, assente na interajuda, de forte componente afectiva e emocional, surge o sistema formal, estatal (predominante no sistema formal) baseado nos direitos de cidadania, com uma dimensão colectiva, organizada, pública.

Os laços sociais desenvolvem-se em dois níveis distintos, coexistentes e complementares, respectivamente pelas solidariedades primárias e secundárias.

O isolamento, a solidão, a não participação, a falta de iniciativa são facetas duma situação resultante de um processo de desvinculação de laços com os outros, com as instituições. Alguns dos jovens, imersos num oceano de solidão, estavam num gradual sucedâneo de acontecimentos de desvinculação à rede social (despojados de laços afectivos e emocionais com os outros, apenas contavam com a solidariedade personalizada pela assistente social), despoletado por um acontecimento de viragem no rumo das suas vidas. No entanto, a maioria dos jovens entrevistados mantiveram as trocas afectivas e emocionais, tendo disponíveis os suportes informais da família, amigos e vizinhos (solidariedades primárias).

O suporte informal (protagonizado pelos pais, amigos, vizinhos) parece ser fundamental pela potencialidade das trocas afectivas e emocionais na auto-estima dos indivíduos e no caso português, também pela insuficiência da resposta pública das solidariedades formais (limites do Estado-Providência).

As condições de existência de miséria absorvem grande parte da energia dos pobres em tentativas de superar os mínimos de subsistência no presente, impedindo projecções do futuro. A ausência de reconhecimento pelos outros, o desencorajamento, a inércia, a dependência da “assistência” reforçam o conformismo à situação de pobreza.

Estes casos não aparecem abruptamente, dão continuidade ao património de pobreza herdada, associada a um acontecimento marcante nas suas vidas (gravidez indesejada, toxicodependência, desemprego de longa duração).

O início do percurso na “assistência social” constitui uma passagem marcante, sobretudo para aqueles que estavam menos familiarizados com este tipo de recurso (solidariedade formal, colectiva, organizada) e que numa fase mais vulnerável das suas vidas acabaram por solicitar apoio. Nestes casos, a não resposta às suas solicitações ou a demora de resposta à urgência das suas “necessidades” torna-os ressentidos, decepcionados e reforça ainda mais o seu sentimento de inferioridade social.

Os jovens familiarizados com a “assistência social”, tendo crescido habituados a ver as suas famílias a obter auxílio social revelaram uma relação ambivalente com esta, sendo a um tempo positiva e negativa. Para alguns a positividade que representa o apoio que receberam foi tão gratificante que se sobrepôs ao negativo, isto é, aos olhos de algumas pessoas as suas identidades são desvalorizadas pelo facto de precisarem de auxílio social, embora no seu contexto imediato (família, amigos e vizinhos) não o seja pelos benefícios obtidos por aquela via.

A identidade na sua dimensão societária é o cerne no processo de inserção/desinserção social, revela a importância da interdependência entre os indivíduos e grupos, mesmo sendo ela construída pelo próprio na interacção com os outros (o amor por si mesmo/ auto-estima joga um papel fundamental nas relações com os outros).

Na construção identitária positiva, a imagem devolvida pelos outros satisfaz porque os indivíduos sentem-se aceites, reconhecidos quer na sua singularidade quer na sua dimensão colectiva, enquanto experimentam um sentimento positivo de auto-estima.

Neste sentido, a identidade do utente do serviço de “assistência social” é construída na interacção estabelecida, mas o impacto desta relação na sua construção identitária é difícil de detectar na maioria dos utentes já que estes desenvolvem laços diversos na sua rede de sociabilidade, sendo portadores duma identidade (positiva, negativa) quando chegam aos serviços de acção social. O impacto da “assistência social” na construção identitária surge com destaque quando este laço se tornou a principal componente da rede social do utente ou constitui o único laço estabelecido com a sociedade envolvente, ficando assim mais vulnerável à qualidade da relação desenvolvida com o/a assistente social (e funcionários da organização). Alguns dos jovens entrevistados estavam nesta situação, em que o único elo com a sociedade envolvente era protagonizado pela relação estabelecida com os serviços de “assistência social”, mas felizmente a maioria deles possuía fortes solidariedades primárias (infelizmente ténues solidariedades secundárias), embora enraizadas na pobreza tradicional portuguesa.

Os problemas da maioria dos jovens entrevistados são complexos e multidimensionais porque a pobreza afecta vários domínios da existência, bloqueia a assunção de responsabilidades, a capacidade de apropriação de meios de expressão e de aquisição do saber acabando por comprometer a participação e a afirmação de direitos (de cidadania) por si mesmo.

O fenómeno da exclusão social em Portugal tem alguma expressão sobretudo em alguns segmentos das camadas mais jovens, que não conseguem participar activamente na sociedade, mas são os pobres tradicionais que têm ainda peso.

2. A sociedade portuguesa caracteriza-se por ser uma sociedade providência onde a interajuda de familiares, amigos e vizinhos ainda é muito importante, contrastando com a fraqueza da cobertura da solidariedade estatal do modelo de protecção social.

Ao longo dos últimos quarenta anos os migrantes rurais concentraram-se nos grandes centros urbanos do litoral. O seu saber fazer não foi reconhecido nem se ajustava às exigências de mão-de-obra qualificada e especializada de que o país carece desde dos anos setenta, não tendo sido criados dispositivos para os requalificar. Foram sobrevivendo através de actividades mal remuneradas, muitas delas atípicas e da economia informal. Esta população oriunda do meio rural veio engrossar a pobreza urbana, sem aceder à protecção social por via dos rendimentos do trabalho (sistema de segurança social). Muitos destes pobres mantiveram os laços familiares e os laços com as comunidades rurais (pobreza tradicional).

A nova pobreza (a exclusão social) é distinguida da pobreza tradicional pela rotura dos laços sociais, pelo não reconhecimento simbólico do lugar que alguns indivíduos experimentam na sociedade, nomeadamente pela impossibilidade de aceder a um trabalho, enquanto os pobres tradicionais mantêm os seus laços sociais e possuem capacidade reivindicativa (?), muitas vezes identificados pela privação de bens.

A ausência de empregabilidade gerou o aparecimento de excedentes de indivíduos, sem possibilidade de reconhecimento dum **identidade positiva** através da **produção** e do **consumo de bens** (de subsistência e culturais), sendo a participação na vida económica (e o valor-trabalho) a dimensão central da inserção social na sociedade actual. A dificuldade de satisfazer as **necessidades** (que são sempre criadas socialmente, ultrapassam os imperativos biológicos inerentes à sobrevivência humana) desencadeia o isolamento e a desvalorização social e em alguns casos, chega à rotura com a rede social.

Tradicionalmente os assistentes sociais têm sido os gestores da “emergência” dos necessitados, enquanto respondiam ao apelo da sociedade de socialização (aculturação) daqueles que fugiam às normas vigentes (vadios, desafortunados da sorte, desafortunados por conduta) ofereciam auxílio social procurando integrá-los.

O relacionamento estabelecido com os utentes, a maneira como se pratica a “assistência social” depende da concepção de utente que se interiorizou na prática quotidiana profissional (através da interacção entre assistido/assistente). E esta por sua vez reflecte a visão política da sociedade, do lugar atribuído ao pobre independentemente do altruísmo deste ou daquele técnico de serviço social. Cada época tem a sua concepção. Não tem sido a mesma de época para época, de regime para regime político.

Inserir e integrar parecem ser semelhantes, concretizar “metas de intervenção social”, mas ideologicamente referem-se a modos distintos de conceptualizar os problemas sociais e de os resolver (ainda não há estudos de avaliação sobre a realização, o “modo de fazer” e sobre os impactos sociais que provocam, se elas são distintas ou idênticas).

Os grupos alvo das políticas de integração (controle social e apoios materiais) eram constituídos por indivíduos que apresentavam carências materiais, acompanhadas por “desvios” comportamentais que afectavam as suas competências para “saber viver” com os outros na sociedade envolvente.

Actualmente, a palavra-chave é **inserir** que remete para o restabelecimento dos laços sociais dos vários segmentos da população excluída pela alteração das relações de trabalho, que por sua vez modificaram os seus modos de vida, os seus relacionamentos, as suas identidades.

A nova intervenção social defendida pelos seus teóricos parte da exigência da participação de todos na cidadania, na vida social. Subjacente está a ideia da responsabilidade social partilhada e do envolvimento de todos os actores sociais (através das parcerias) no processo de desenvolvimento social. Nesse sentido, a intervenção social deve articular o económico com o social, o desenvolvimento nacional com o local, o desenvolvimento pessoal com o social, isto é, promover uma acção integrada, territorializada e coerente de modo a tornar efectiva a inserção de todos (sem exclusão de ninguém).

O processo de desenvolvimento social é também um projecto cultural, já que a cultura, no seu sentido mais amplo, abrange artes, letras, modos de vida, direitos fundamentais, sistemas de valores, tradições e crenças (definição elaborada na Conferência Mundial do México organizada pela UNESCO, em 1982). Assim, o envolvimento dos pobres no processo de desenvolvimento social passa pelo reconhecimento da sua identidade social e cultural, da sua experiência vivida, integrando as suas histórias individuais e colectivas.

O envolvimento e a participação de todos no processo de desenvolvimento social tem sempre por base o reconhecimento da identidade social e cultural de cada um.

A crescente globalização tem implicado a perda gradual dos direitos sociais e a falência dos modelos de protecção social (nos países de Estado Providência desenvolvido).

Face a esta ocorrência há autores que consideram que a alternativa é fomentar espaços de interacção, de sociabilidade e de solidariedade sem que esta seja projectada no mercado ou no Estado (diminuindo a procura do Estado).

Outros autores acusam a extensão da solidariedade colectiva (do Estado Providência) de enfraquecer as solidariedades familiares. O facto é que as próprias estruturas familiares têm vindo a sofrer transformações, adquirindo novos limites e outras potencialidades, quer nas sociedades de forte Estado-Providência quer nas que não o têm.

No caso português haverá necessidade de tomar medidas políticas para aprofundar a solidariedade colectiva (solidariedade secundária) pois a cobertura estatal actual é insuficiente para dar resposta às necessidades das famílias, mas apoiando as redes de solidariedade primária, sem expor a sociedade providência existente à dissolução.

A resolução dos problemas multidimensionais resultantes da pobreza apela à convocação dum conhecimento científico pluridisciplinar, integrado que consolide uma intervenção capaz de transformar as condições sociais das quais derivam as causas imediatas e estruturais do mal estar social, que fomente as solidariedades primárias e secundárias.

- (1) Poema do alemão H. Heissenbuttel traduzido por Alberto Pimenta.
PIMENTA, Alberto, (1978) *O Silêncio dos Poetas*, Regra do Jogo, Lisboa, p 157
-
- (2) BAPTISTA, António Alçada, (1988), *Os Nós e os Laços*, Editorial Presença, Lisboa, p 202
-
- (3) *Dicionário de Língua Portuguesa* (1989), Porto Editora, Porto
-
- (4) A *Sociologia* tem por objecto a análise dos fenómenos sociais a partir da representação de acções individuais e colectivas produzindo conceitos tipológicos e teorias interpretativas, empírico-rationais (não são saberes formais nem experimentais) que são válidas num tempo e espaço social dado.
-
- (5) A *Psicologia* é uma ciência que tem por objecto de estudo o comportamento humano em situação, apresentando uma multiplicidade de abordagens e métodos.
-
- (6) CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, (1994), *Dicionário dos Símbolos*, Teorema, Lisboa, p 411
-
- (7) Frase retirada de uma das páginas (p 275) referentes a 11 de Abril de 1944, do Diário de Anne Frank, publicado em português pela editora Livros do Brasil, Lisboa.
-

TEORIA

- ALCÁNTARA**, José António (1991)-**Como Educar a Auto-Estima**, Ed Plátano, Lisboa
- ALMEIDA**, João Ferreira e al (1994)-**Exclusão social-Factores e tipos de Pobreza em Portugal**- Ed Celta, Oeiras
- BARRETO**, António (org.) (1996), **A situação social em Portugal 1960-95**, ICS, Lisboa
- BERTAUX**, Daniel (1978)- **Destínos Pessoais e Estruturas de Classes** - Morais Editora, Lisboa
- BERTAUX**, Daniel(1986), “ Fonctions diverses des récits de vie dans le processus de recherche” in **Les récits de vie-Théorie, méthode et trajectoires types**, Editions Saint-Martin, Montréal, pp 21-34
- BOUDON**, Raymond (1977) - **Effets pervers et ordre social**- Paris, Presses Universitaires de France
- BRANCO**, Francisco (1999), “Acção social Hoje e as Perspectivas Futuras no Contexto Nacional E Europeu” in **Acção Social em Debate**, DGAS, Lisboa, p 65-80
- CAPUCHA**, Luís Manuel A. (1992), **Problemas da Pobreza e Conceitos, Contextos e Modos de Vida** - Tese de mestrado, ISCTE
- CAPUCHA**, Luís, **GUERREIRO**, M^a das Dores (coords) (1997), **Rendimento Mínimo Garantido, estudo de acompanhamento e avaliação, relatório final**, CIES, ISCTE, Lisboa
- COSTA**, Alfredo Bruto da, (1998), **Exclusões sociais**, Gradiva, Lisboa
- COSTA**, Alfredo Bruto da (1999), “ Acção Social: Situação Actual e Perspectivas Futuras” in **Acção Social em Debate**, DGAS, Lisboa, p 35-44
- EHESS**, Dominique Schnapper (1994), “ Différents dans l’épreuve”, **Informations Sociales-Vivre le chômage n°37**, Caisse Nationale des Allocations Familiales, Paris
- GILLES**; Marie-Odile e **LEGROS**, Michel (1995),” Citoynneté et pauvretés”, **Informations Sociales- Les citoyens face à la pauvreté n° 48**, Caisse Natinale des Allocations Familiales, Paris
- GOFFMAN**, Erwing (1998), **Estigma**, Editora Guanabara, Rio de Janeiro
- GOFFMAN**, Erwing (1993), **A Apresentação do Eu na vida de todos os dias**- Ed Relógio de Água, Lisboa
- GOETSCHY**, Janine (1994) , **Les modeles sociaux nórdiques à l’épreuve de l’ europe**, La documentation française, Paris
- GUERRA**, Isabel (), **Changements urbains et modes de vies dans la Peninsule de Setúbal de 1974 a 1986**, ISCTE, Lisboa
- GUERRA**, Isabel (1993), “ Modos de vida- novos percursos e novos conceitos” in **Sociologia-Problemas e práticas n°13**, CIES, Lisboa
- GUERRA**, Isabel (1999), “A Nova Acção Social: Certezas e Perspectivas” in **Acção Social em Debate**, DGAS, Lisboa, p 45-64
- LEONETTI**, Isabel T.,(1989) “ Stratégies identitaires et minorités dans les sociétés pluriethniques”, **Revue internationale d’action communautaire**
- MACRIDIS**, Roy C (1992), **Ideologias Políticas Contemporâneas**, Editora Universidade de Brasília, Brasília

- MERRIEN**, François Xavier (1995), "Modeles de solidarités, solidarités models?", *Informations Sociales-Les citoyens face à la pauvreté n° 48*, Caisse Nationale des Allocations Familiales, Paris
- MESSU**, Michel (1995), "Solidarité, solidarités", *Informations Sociales-Les citoyens face à la pauvreté n°48*, Caisse Nationale des Allocations Familiales, Paris
- MISHRA**, Ramesh, (1995), *O Estado Providência na sociedade capitalista*, Celta, Oeiras
- NISAK**, Catherine (1996), "Entre realisme et ambition", *Informations Sociales-Les jeunes et le travail n° 51*, Caisse Nationale des Allocations Familiales, Paris
- NOGRIX**, Philippe (1995), "En partenariat", *Informations Sociales-Vivre le Chômage n° 37*, Caisse Nationale des Allocations Familiales, Paris
- PESTANA**, Emanuel e **PÁSCOA**, Ana (1998), *Dicionário de Psicologia*, Editorial Presença, Lisboa
- PIGNONI**, Maria-Teresa (1994), "Silence on chôme", *Informations Sociales-Vivre le Chômage n° 37*, Caisse Nationale des Allocations Familiales
- POUGAM**, Serge (1991), *La disqualification sociale*, puf, Paris
- POUGAM**, Serge (1996), *L'exclusion social l'état des savoirs*, éditions la decouverte/textes à l' appui, Paris
- RATOUIS**, Annie (1994), "L'image de soi", *Informations Sociales-Vivre le Chômage n° 37*, Caisse Nationale des Allocations Familiales, Paris
- RODRIGUES**, Jorge Nascimento, "Os impactos das 4 revoluções", *Semanário Expresso*, de 16 de Setembro de 1995
- RODRIGUES**, Jorge Nascimento, " Estudo da OCDE analisa o desemprego estrutural", *Semanário Expresso*, de 16 de Setembro de 1995
- ROSANVALLON**, Pierre e **FITOUSSI**, Jean-Paul (1997)- *A nova era das desigualdades*- Celta, Oeiras
- TAJFEL**, Henri (1983), *Grupos Humanos e Categorias Sociais*, II volume, Livros Horizonte, Lisboa
- WERKIN**, Patrick, " Les enjeux théoriques", *Informations Sociales –Les jeunes et le travail n°51*, Caisse Nationale des Allocations Familiales, Paris
- XIBERRAS**, Martine (1993)- *As Teorias da Exclusão*-Instituto Piaget, Lisboa

METODOLOGIA

- BARDIN**,L (1991)- *Análise de Conteúdo*- Ed 70, Lisboa
- BOUDON**, R. (S/D)- *Os métodos em Sociologia*- Ed Rolim, Lisboa
(Tradução de Madalena Matos e supervisão técnica de Valente Rosa)
- DEMAZIÈRE**, Didier e **DUBAR**, Claude (1997), *Analyser les entretiens biographiques*, Essais e Recherches, Paris
- PINTO**, José Madureira e **SILVA**, Augusto Santos (1986) - *Metodologia das Ciências Sociais*- Ed Afrontamento, Porto
- POIRIER**, Jean e outros (1995)-*Histórias de vida-Teoria e Prática*- Ed Celta, Oeiras
- QUIVY**, Raymond e **CAMPENHOUDT**, Luc Van (1992) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*- Ed Gradiva, Lisboa